



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



ÂNGELA QUEIROZ ANTONINI

***FANFICTIONS* E O UNIVERSO *QUEER*: O PAPEL DAS *FANFICTIONS* E DA
CIBERLITERATURA NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DE LEITORES
LGBTQIAP+**

Montes Claros
2024

ÂNGELA QUEIROZ ANTONINI

FANFICTIONS E O UNIVERSO *QUEER*: O PAPEL DAS *FANFICTIONS* E DA
CIBERLITERATURA NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DE LEITORES LGBTQIAP+

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Leitura literária: representações do autor e do leitor.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Andrea Cristina Martins Pereira

A635f Antonini, Ângela Queiroz.
Fanfictions e o universo Queer [manuscrito]: o papel das fanfictions e da ciberliteratura no processo da formação de leitores LGBTQIAP+ / Ângela Queiroz Antonini – Montes Claros, 2024.
122 f. : il.

Bibliografia: f. 115-122.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Martins Pereira.

1. Formação do leitor. 2. Fanfiction. 3. Queer. 4. Identidade. I. Pereira, Andrea Cristina Martins. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: o papel das fanfictions e da ciberliteratura no processo da formação de leitores LGBTQIAP+.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



Dissertação de Mestrado intitulada "Fanfictions e o universo queer: o papel das fanfictions e da Ciberliteratura no processo de formação do leitor lgbtqiap+", de autoria da mestranda em Letras – Estudos Literários **Ângela Queiroz Antonini**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Andrea Cristina Martins Pereira (orientadora)

Prof. Dr. Geraldo Magela Cáffaro (UNIMONTES)

Prof. Dra. Simone Teodoro Sobrinho (FMC/BH)

Prof. Dr. Andrea Cristina Martins Pereira (Unimontes)

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários

Montes Claros, 06 de Dezembro de 2024.

ÂNGELA QUEIROZ ANTONINI

FANFICTIONS E O UNIVERSO *QUEER*: O PAPEL DAS *FANFICTIONS* E DA
CIBERLITERATURA NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DE LEITORES LGBTQIAP+

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual
de Montes Claros, como parte dos requisitos para
obtenção do título de mestre em Letras – Estudos
Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Leitura literária: representações do
autor e do leitor.

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores doutores:

Prof.^a Dr.^a Andrea Cristina Martins Pereira (Orientadora) – Unimontes

Prof. Dr. Geraldo Magela Cáffaro (titular) – Unimontes

Prof.^a. Dr.^a Simone Teodoro Sobrinho (titular) - FMC-BH

Montes Claros, 06 de dezembro de 2024.

Ao meu eu adolescente, que encontrou nas fanfictions personagens queer que refletiam um pouco de quem eu era, em um tempo em que o espelho da literatura raramente me devolvia uma imagem acolhedora. A todos os adolescentes que, assim como eu, se sentiram deslocados, procurando, nas páginas de histórias criadas por outros jovens, o conforto de serem vistos, compreendidos e respeitados. Que cada palavra deste trabalho seja um abraço a cada um de vocês, lembrando-os de que pertencem, são dignos de ser amados e de ver suas histórias contadas com orgulho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Andrea Martins, que não desistiu de mim em um momento em que eu mesma quase desisti de tudo. Sua paciência e apoio foram fundamentais para que eu pudesse concluir este trabalho.

À minha esposa, Larissa, por estar sempre ao meu lado nesses últimos nove anos e meio, sendo minha força e minha inspiração. Aos meus pais e à minha sogra, o suporte e por acreditarem tanto em mim. Aos meus irmãos, o companheirismo e as risadas que fizeram tantos momentos mais leves.

Sou também profundamente grata aos meus professores e mestres, que me formaram como professora e me ensinaram a amar a minha profissão. Levo comigo tudo o que aprendi com cada um de vocês.

Agradeço aos amigos de sempre – Marina, Milene, Lucas, Cássio, Suzana, Tamires, Geraldo, Brenda e Fernanda –, que estiveram comigo em todos os momentos, oferecendo apoio e amizade verdadeira. A todos, meu mais sincero agradecimento por cada palavra, cada gesto e cada carinho ao longo desta jornada.

Por fim, à minha querida e eterna professora Wanessa Quadros, por me dedicar tempo na correção deste trabalho e por ter me ensinado tanto na graduação.

A Queerification

Regie Cabico

—for Creativity and Crisis at the National Mall

queer me
shift me
transgress me
tell my students i'm gay
tell chick fil a i'm queer
tell the new york times i'm straight
tell the mail man i'm a lesbian
tell american airlines
i don't know what my gender is
like me
liking you
like summer blockbuster armrest dates
armrest cinematic love
elbow to forearm in the dark
humor me queerly
fill me with laughter
make me high with queer gas
decompress me from centuries of spanish
inquisition
& self-righteous judgment
like the blood my blood
that has mixed w/ the colonizer
& the colonized
in the extinct & instinct to love
bust memories of water & heat
& hot & breath
beating skin on skin fluttering
bruise me into vapors
bleed me into air
fly me over sub-saharan africa & asia &
antarctica
explode me from the closet of my fears
graffiti me out of doubt
bend me like bamboo
propose to me
divorce me
divide me into your spirit 2 spirit half spirit
& shadow me w/ fluttering tongues

& caresses beyond head
heart chakras
fist smashing djembes
between my hesitations
haiku me into 17 bursts of blossoms & cold
saki
de-ethnicize me
de-clothe me
de-gender me in brassieres
& prosthetic genitalias
burn me on a brazier
wearing a brassiere
in bitch braggadocio soprano bass
magnificat me in vespers
of hallelujah & amen
libate me in halos
heal me in halls of femmy troubadors
announcing my hiv status
or your status
i am not afraid to love you
implant dialects as if they were lilacs
in my ear
medicate me with a lick & a like
i am not afraid to love you
so demand me
reclaim me
queerify me

Copyright © 2014 by Regie Cabico. Reprinted from
Split This Rock's [The Quarry: A Social Justice Poetry
Database](#).

Disponível em: <https://poets.org/poem/queerification>

A Queerificação

me *queerize*
me transforme
me transgrida
diga aos meus alunos que sou *gay*
diga ao *Chick-fil-A* que sou *queer*
diga ao *New York Times* que sou hétero
diga ao carteiro que sou lésbica
diga à *American Airlines*
que eu não sei qual é o meu gênero
goste de mim
gostando de você
como encontros de cinema no verão, braço
com braço
amor cinematográfico de poltrona
cotovelo tocando antebraço no escuro
me faça rir de forma *queer*
me encha de risos
me deixe chapado com gás *queer*
me descomprima de séculos de Inquisição
Espanhola
e julgamentos moralistas
como o sangue do meu sangue
que se misturou com o colonizador
e o colonizado
no instinto extinto de amar
rompa memórias de água e calor
e calor e fôlego
pele batendo na pele, tremulando
me machuque até que eu vire vapor
me sangue até que eu vire ar
me faça voar sobre a África subsaariana, a
Ásia e a Antártica
me exploda para fora do armário dos meus
medos
me grafite para longe das dúvidas
me curve como o bambu
me peça em casamento
me divorcie
me divida em espírito sobre espírito, meio
espírito
e me cubra com línguas tremulantes

e carícias que vão além da cabeça
e dos chakras do coração
punhos batendo em djembes*
entre minhas hesitações
me transforme em um haikai de 17 explosões
de flores e saquê frio
me des-etnize
me desvista
me desgenerifique em sutiãs
e genitálias protéticas
me queime em um braseiro
usando um sutiã
com braggadocio* de diva soprano e baixo
me exalte em vésperas
de aleluias e améns
me santifique com auréolas
me cure em salões de trovadores femininos
anunciando meu status de HIV
ou o seu
não tenho medo de amar você
plante dialetos como se fossem lilases
no meu ouvido
me medique com um beijo e um gostar
não tenho medo de amar você
então me exija
me reivindique
me queerifique

(Tradução nossa)

RESUMO

Esta pesquisa examina a *fanfiction* como uma das ferramentas centrais para a formação de leitores LGBTQIAP+, destacando como esse gênero literário permite a expressão e construção de identidades que rompem com as normas heteronormativas. Fundamentada na teoria da performatividade de gênero de Butler (1990), a pesquisa sustenta que o gênero é uma construção por meio de atos repetidos, e não uma essência fixa. A *fanfiction* utiliza essa perspectiva, proporcionando a autores e leitores um espaço para experimentar e reconstruir identidades de gênero e sexualidade de maneira fluida, questionando normas sociais e promovendo a diversidade. Além de Butler (1990), Jenkins (2006b) descreve a *fanfiction* como *textual poaching*, em que os fãs se apropriam de narrativas populares para recriar significados alinhados com suas experiências pessoais. Essa prática é interpretada como uma resistência cultural que possibilita a representação *queer* em contextos nos quais essa perspectiva é ausente. Hellekson e Busse (2014) exploram a coautoria na *fanfiction*, enfatizando que a interação entre autores e leitores cria um ambiente de renegociação constante de significados, essencial para a subversão de identidades fixas e para a formação de leitores *queer*. A *fanfiction*, assim, não é apenas um meio de autoexpressão *queer*, mas também uma plataforma de empoderamento e validação, onde leitores LGBTQIAP+ podem ver suas vivências refletidas e explorar novas possibilidades narrativas. Esse processo de criação ativa e colaborativa permite uma democratização do acesso a representações inclusivas, fortalecendo a formação de leitores *queer* e contribuindo para uma cultura literária mais representativa e diversificada.

Palavras-chave: Formação do leitor. *Fanfiction*. *Queer*. Identidade.

ABSTRACT

This research examines fanfiction as one of the central tools for the formation of LGBTQIAP+ readers, highlighting how this literary genre allows for the expression and construction of identities that break with heteronormative norms. Grounded in Butler's (1990) theory of gender performativity, the research argues that gender is constructed through repeated acts rather than a fixed essence. Fanfiction leverages this perspective, allowing authors and readers to experiment with and fluidly reconstruct gender and sexuality identities, questioning social norms and promoting diversity. In addition to Butler (1990), Jenkins (2006b) describes fanfiction as "textual poaching", in which fans appropriate popular narratives to recreate meanings aligned with their personal experiences. This practice is interpreted as cultural resistance that enables queer representation in contexts where this perspective is otherwise absent. Hellekson and Busse (2014) explore co-authorship in fanfiction, emphasizing that the interaction between authors and readers creates an environment of constant renegotiation of meanings, essential for the subversion of fixed identities and for the formation of queer readers. Thus, fanfiction is not only a means of queer self-expression, but also a platform for empowerment and validation, where LGBTQIAP+ readers can see their experiences reflected and explore new narrative possibilities. This active and collaborative creation process democratizes access to inclusive representations, strengthening the formation of queer readers and contributing to a more representative and diverse literary culture.

Keywords: Reader formation. Fanfiction. Queer. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 AS QUESTÕES DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DE LEITORES	18
1.1 Butler e a problematização do gênero	29
1.2 <i>Gender trouble</i> e <i>Bodies that Matter</i>	32
1.3 O cristianismo e a condição do comportamento	40
2 O PAPEL DA CIBERLITERATURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES LGBTQIAPN+	45
2.1 Ciberliteratura e literatura marginal	47
2.2 A ciberliteratura no Brasil	59
2.3 <i>Fanfictions</i>	67
3 O LEITOR E AS <i>FANFICTIONS</i>	81
3.1 <i>Fanfictions</i> e gênero	89
3.2 <i>Queer coding</i>	96
3.3 Uma leitura de <i>All The Young Dudes</i>	98
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

A literatura produzida no Brasil está evoluindo, superando lentamente as barreiras impostas por uma herança cultural conservadora e abraçando as identidades LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outras identidades não convencionais) em sua narrativa moderna. O conceito *queer* se faz presente na literatura de várias formas, abrangendo diferentes gêneros, como romance, poesia, teatro e ensaios, com foco nas ramificações LGBTQIAP+. A teoria *queer* desafia as normas sexuais e sociais, promovendo uma reflexão crítica sobre a identidade e a sexualidade. Esse movimento reflete uma tendência global de aceitação e inclusão, em que autores brasileiros contemporâneos estão escrevendo um novo capítulo de diversidade e expressão. Diferentemente da abordagem histórica mais direta de autores ingleses que exploravam a sexualidade e a identidade de gênero em suas obras, o Brasil **está agora** trilhando um caminho similar, apesar das diferenças culturais e sociais.

Enquanto a literatura estrangeira tem uma longa tradição de entrelaçar a experiência *queer*¹ em seu tecido narrativo, o Brasil está testemunhando um crescimento de obras que abordam essas realidades, marcando um avanço contra a homogeneidade cultural. Apesar dos desafios impostos por visões conservadoras, o crescente corpo de literatura que, autenticamente, retrata experiências diversas, é uma força motriz para um futuro onde a empatia e o entendimento predominam em meio à rica diversidade da sociedade.

A teoria *queer* surgiu como uma crítica ao movimento homossexual da época, que era dominado por homens homossexuais brancos de classe alta, excluindo lésbicas, *drag queens* e transexuais. A teoria questiona a heteronormatividade² e oferece uma visão mais inclusiva e diversificada da sexualidade e identidade de gênero. Nesse ínterim de transição, a literatura brasileira contemporânea começa a refletir uma sociedade mais aberta, na qual o dissenso e a variedade de experiências humanas são reconhecidos e explorados artisticamente.

A inserção de personagens e temáticas LGBTQIAP+ nas narrativas atuais serve como veículo para desafiar estereótipos e preconceitos arraigados, oferecendo uma visão mais abrangente e matizada da realidade. A tendência é que essa evolução narrativa colabore para uma visibilidade maior de questões até então veladas, fomentando um diálogo mais profundo

¹ “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). A idéia dos teóricos foi a de positivar esta conhecida forma pejorativa de insultar os homossexuais. Segundo Butler, apontada como uma das precursoras de teoria queer, o termo tem operado uma prática lingüística com o propósito de degradar os sujeitos aos quais se refere. “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58).

² A heteronormatividade nada mais é do que uma imposição social para ser ou se comportar de acordo com os papéis de cada gênero.

sobre identidade, orientação sexual e direitos humanos. Assim, a literatura não só reflete, mas também participa ativamente da reconfiguração dos valores sociais, agindo como catalisadora da inclusão e da celebração das diferenças, dando espaço pela busca das causas de identidade.

À medida que a consciência coletiva se expande, o papel da literatura em moldar e questionar o *zeitgeist*³ torna-se cada vez mais vital. A expressão literária se torna um palco onde as vivências LGBTQIAP+ são não apenas representadas, mas também valorizadas, contribuindo para a normalização da diversidade nas práticas culturais. O impacto dessas obras transcende as páginas dos livros, influenciando o imaginário e as atitudes sociais. Essa crescente representatividade na literatura pode, portanto, ser considerada um indicativo de uma maturidade cultural emergente, que procura não apenas aceitar, mas compreender e abraçar a complexidade da condição humana em todas as suas formas.

A literatura que celebra a diversidade permite aos leitores explorar perspectivas distintas, incentivando a empatia e o entendimento intercultural, na literatura, em especial na academia, persistem as tensões entre a tradição e a inovação, entre o conservadorismo cultural e a liberdade de expressão.

O avanço no reconhecimento literário das questões LGBTQIAP+ reflete lutas mais amplas pela igualdade e justiça social, ecoando as vozes daqueles que, durante muito tempo, foram silenciados. Assim, a literatura não apenas documenta a história; ela também a forma.

Com o advento das causas identitárias ganhando voz e espaço na *internet*, diversas minorias romperam com os grilhões sociais que as impediam de serem vistas. Dessa forma, nos últimos vinte anos, a propagação do acesso à *internet* ampliou massivamente nas residências, e a adesão de pessoas comuns às tecnologias móveis tornou possível o surgimento de diversos domínios gratuitos cuja função social de tornar o mundo cada vez mais globalizado faz-se presente.

Antes, muitas comunidades marginalizadas encontravam-se isoladas, suas vozes reprimidas por normas sociais rígidas e estruturas de poder opressivas. Domínios gratuitos e redes sociais tornaram-se espaços de encontro e diálogo, onde a diversidade é celebrada e questões identitárias são trazidas à luz. Essa globalização virtual tem sido fundamental para a conscientização e a mobilização coletiva em torno de direitos e reconhecimento.

Por meio da *internet*, campanhas de conscientização e movimentos sociais ganharam um impulso sem precedentes, capazes de mobilizar milhões em questões de justiça social e

³ *Zeitgeist* significa espírito de época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. É uma palavra alemã. O *Zeitgeist* é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

igualdade. Grupos que historicamente foram invisibilizados agora podem narrar suas próprias histórias, desafiando narrativas dominantes e promovendo uma compreensão mais profunda de suas realidades complexas e multifacetadas. Essa onda de empoderamento digital facilitou a formação de comunidades virtuais onde apoio, recursos e informações circulam, fortalecendo as redes de solidariedade entre pessoas com experiências compartilhadas. O ativismo digital se tornou uma ferramenta poderosa para o engajamento cívico e a advocacia, contribuindo para mudanças legislativas e transformações na percepção pública de questões identitárias.

Dessa feita, a inconformidade com a produção cultural sistematicamente estabelecida em padrões heteronormativos dá espaço para o surgimento de produtos às margens canônicas. Nesse contexto, dentro do que se pode considerar literatura marginal, surgem as produções de ficção de fã, também conhecidas como *fanfiction*. A insurgência cultural contra as normas heteronormativas consolidadas tem catalisado a criação de espaços literários alternativos, nos quais a *fanfiction* emerge como uma forma proeminente de expressão marginal. Essas narrativas, tecidas com fios da imaginação coletiva e pessoal dos fãs, subvertem o cânone estabelecido, reimaginando personagens e enredos através de lentes diversas e inclusivas. A *fanfiction* permite aos escritores amadores explorar dinâmicas de gênero e sexualidade que, muitas vezes, são negligenciadas ou mal representadas na mídia *mainstream*.

Ao reconfigurar universos fictícios populares, a *fanfiction* desafia os paradigmas tradicionais e oferece uma alternativa à representação unilateral frequentemente encontrada na literatura convencional. Com a liberdade criativa como seu estandarte, essas obras democratizam o ato de contar histórias, permitindo que vozes outrora silenciadas projetem suas experiências e desejos em narrativas já estabelecidas, criando assim um diálogo intertextual que transcende as originais.

Por meio do compartilhamento *online*, a *fanfiction* cria comunidades de indivíduos que, juntos, celebram a diversidade e a pluralidade de identidades e preferências. A prática de reescrever e expandir histórias existentes reflete uma quebra de monopólio cultural, no qual o poder criativo é distribuído entre os consumidores e os criadores de conteúdo. Isso representa uma mudança de paradigma na produção cultural – a autoridade e a autoria são descentralizadas e a propriedade intelectual é reinterpretada. A *fanfiction*, portanto, não é simplesmente um ato de homenagem ou um passatempo; é uma forma legítima de crítica cultural e social. Ela desempenha um papel fundamental no questionamento e na remodelação de narrativas, bem como na promoção de uma maior inclusão e representatividade. À medida que as comunidades de *fanfiction* florescem, elas desafiam o *establishment* literário a

reconsiderar quem pode contar uma história e quais histórias merecem ser contadas, promovendo uma literatura verdadeiramente diversificada e representativa.

A *fanfiction*, comumente abreviada como “*fic*”, representa um fenômeno literário que envolve a apropriação criativa de personagens, enredos ou universos já estabelecidos por outros autores. Esse tipo de escrita permite que entusiastas e seguidores ampliem o mundo ficcional de suas paixões, seja através da imersão em tramas de celebridades, ou de contextos narrativos amplamente reconhecidos. Aqui, a fronteira entre o criador original e o fã-escritor se torna porosa, e, de certa forma, a propriedade da história é democratizada, permitindo um diálogo contínuo entre a obra e seu público.

Xavier (2015) destaca a *fanfiction* como um canal pelo qual os admiradores mantêm a vivacidade de suas conexões com obras ou personagens favoritos. Trata-se de um exercício de liberdade criativa em que os fãs exercem seu “direito de interferir”, reescrevendo ou expandindo narrativas de acordo com suas inclinações individuais. Ao fazer isso, eles não apenas prestam homenagem à obra original, mas também a reinventam, muitas vezes inserindo novas perspectivas e dimensões.

Ao agir como espaços de resistência, questionando as narrativas estabelecidas e favorecendo a diversidade e inclusão, as *fanfictions* também reimaginam conteúdos existentes, desafiando as noções tradicionais de autoria e originalidade, ressaltando a importância da interatividade e do engajamento do público com a mídia. Essa forma de expressão reflete as mudanças culturais e proporciona um meio para a exploração ilimitada da imaginação.

Dentro da comunidade LGBTQIAP+, a criação e o consumo de *fanfiction* são vitais para o desenvolvimento de leitores que encontram representatividade e um espaço para explorar livremente identidades e sexualidades. As narrativas desenvolvem-se como folhetins, evoluindo com o tempo e permitindo uma interação contínua e única entre a história e o leitor, criando um ambiente seguro que desafia a marginalização enfrentada por essas experiências na literatura convencional.

A representatividade *queer* em tais produções literárias é de importância fundamental, pois valida e celebra as identidades de jovens leitores e escritores LGBTQIAP+, que frequentemente lutam para encontrar espelhos de suas próprias vidas na literatura tradicional. Ao encontrar personagens e histórias que ressoam com suas próprias experiências, esses leitores podem experimentar um senso de pertencimento e compreensão que é vital para o desenvolvimento da autoaceitação e autoestima. Suas motivações para escrever são muitas vezes enraizadas no desejo de ver suas realidades refletidas e compreendidas. Ao compartilhar

suas obras com um público igualmente ávido por representatividade, eles criam uma rede de apoio e reconhecimento mútuo.

Esses leitores e escritores se engajam com o material não apenas para entretenimento, mas também como uma forma de diálogo social e pessoal, em que as questões de gênero, sexualidade e identidade são exploradas e normalizadas. Por meio dessa participação ativa na cultura literária marginal, eles contribuem para a expansão do que é considerado culturalmente aceitável e valioso.

Diante do exposto, esta dissertação tem por objetivo desvendar o impacto da *fanfiction* na formação e no empoderamento de leitores LGBTQIAP+, bem como investigar a contribuição dessas narrativas para a criação de um espaço literário inclusivo. A hipótese que direcionou este estudo é que as *fanfictions* proporcionam representatividade, influenciando positivamente a autoimagem e o bem-estar emocional de jovens leitores e escritores *queer*. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender como essas práticas literárias colaboram para o diálogo cultural mais amplo sobre diversidade e inclusão, e de que maneira elas redefinem as expectativas e o consumo de literatura contemporânea. Ao final, aspira-se a contribuir para uma compreensão mais ampla das dimensões sociais e psicológicas da literatura marginal no contexto brasileiro, fornecendo *insights* sobre seu papel como veículo de transformação social e afirmação identitária.

O primeiro capítulo aborda a diversidade de gênero na literatura e o papel da teoria *queer*, com destaque para Butler (1990) e sua teoria da performatividade de gênero. Discute-se, ainda, o surgimento da teoria *queer* nos anos 90 como uma crítica às normas heteronormativas, abordando autores como Blackburn e Clark (2011), para entender como esses conceitos são refletidos na literatura LGBTQIAP+.

O segundo capítulo analisa a evolução da literatura marginal brasileira, por meio da ótica de Galé (2022) e Cunha (2003), citando autores como Roberto Piva e Waly Salomão, que desafiaram a narrativa hegemônica e abriram espaço para a representação de realidades periféricas. Além disso, explora-se o impacto de plataformas digitais, como *saraus* e *slam poetry*, e a convergência entre ciberliteratura e literatura marginal, com base nos estudos de Galé (2022) e Cunha (2003), mostrando como essas novas formas de expressão ampliaram a visibilidade das vozes marginalizadas.

O terceiro capítulo examina a formação de leitores LGBTQIAP+ por meio das *fanfictions*, com foco na *fanfic* de MsKingBean89 (2017), *All the Young Dudes*. A discussão se concentra em como a teoria *queer* e a performatividade de gênero são aplicadas nas *fanfictions*, usando as ideias de Henry Jenkins sobre “caça textual” e o papel da coautoria nas

comunidades *online*, permitindo a construção de identidades fluidas e multifacetadas.

Por fim, as considerações finais, momento reservado para destacar os principais aspectos da literatura que fundamentou o trabalho desenvolvido nesta pesquisa, bem como algumas discussões e ponderações que ressaltam os resultados obtidos e as lições aprendidas no decorrer dos estudos.

1 AS QUESTÕES DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DE LEITORES

No âmbito da literatura, o *queer* se faz presente em todos os gêneros: no romance, na poesia, na esfera teatral e nos ensaios. E se encontra, também, nos subgêneros. É uma espécie de ramificação literária que se diferencia apenas pelo tema abordado, sempre do interesse do público LGBTQIAP+. A teoria *queer*, surgida nos Estados Unidos no ano de 1990, apresenta um questionamento acerca das concepções de sexualidade que compõem a sociedade. O termo *queer* vem do inglês e significa raro, estranho, excêntrico.

Segundo Louro (2004), *queer* designa, também, o indivíduo cuja sexualidade se desvia de um padrão pré-estabelecido – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. Esse padrão é algo imposto de forma totalitária. Diante disso, *queer* é o que não deseja ser integrado e/ou tolerado. A teoria é uma resposta e uma crítica ao movimento homossexual que, no início dos anos 90, era constituído apenas de homens, homossexuais brancos e de grande poder aquisitivo. As lésbicas, *drag queens*, transexuais, entre outros, não estavam inseridos no movimento. O pensamento *queer* surgiu com o objetivo de questionar essa situação e de refletir sobre a luta e a identidade.

Segundo Blackburn e Clark (2011), a disponibilização de literatura com personagens e temas lésbicos, *gays*, bissexuais, trans e *queer* (LGBTQ) não é algo recorrente. Dessa forma, a literatura digital contribuiu e muito para esse alcance, reconhecendo que a maioria das escolas ainda não apoia essas oportunidades. Além disso, a literatura digital permitiu identificar e distinguir os discursos LGBT-inclusivos e *queer*, e compreender as dimensões potencialmente opressoras e libertadoras de cada um.

Nesse sentido, ainda de acordo com Blackburn e Clark (2011), os discursos inclusivos LGBTQIAP+ podem fornecer apenas uma “educação sentimental” aos leitores. Alternativamente, uma abordagem *queer* se esforça para suspender as identidades sexuais e de gênero ao invés de sublinhá-las, interrogando a heteronormatividade, ao reconhecer uma variedade de gêneros, sexos e desejos, bem como colocar em primeiro plano o sexual,

desafiando assim a noção do que conta como normal entre eles.

Butler (1998) constata que gênero e identidade sexual (autoconsciência sobre a ontologia ou “ser” do eu) sempre foi uma questão de desempenho, aquiescência às normas sociais, e mistificar as falas sobre sexualidade e gênero derivados da filosofia, religião, psicologia, medicina e cultura popular. A performatividade perturba essas normas, às vezes apropriando-as de forma transformada, outras vezes parodiando ou imitando-as de uma forma que atrai seus elementos salientes para a crítica.

Os “efeitos ontológicos” aos quais Butler (1998) se refere é tudo o que se pode ver ou saber de gênero ou identidade sexual “verdadeira”, uma situação dramatizada mais claramente no arrasto de outras formas. Enquanto a *drag queen* se orgulha de acertar cada detalhe e ser fiel a uma visão particular da feminilidade, sua performance é, no final, uma crítica à própria categoria de mulher que ele se esforça para imitar fielmente. Essas reflexões sobre a ontologia da identidade sexual levaram a autora a argumentar que a chamada noção biológica de “sexo” pode não estar livre de uma dimensão performática.

A performatividade, como forma subjetiva e formadora de identidade, está em dívida com noções pós-estruturalistas de linguagem e textualidade baseadas na ideia do tema de um discurso. A identidade não é mais operacional. A performatividade é, paradoxalmente, o resultado provisório de um processo de construção, e o sinal material de um eu autêntico. O trabalho anterior de Butler, especialmente *O Discurso excitante: uma política do performativo* (1997), indica o papel decisivo que a linguagem pública – seu principal exemplo é o “discurso de ódio” – desempenha na constituição do elemento performático da vida social.

As inovações na teoria *queer* tornaram evidente que a performatividade é uma função das escolhas que indivíduos LGBTQIAP+ fazem todos os dias e em todas as esferas da vida. tais indivíduos sempre souberam que o performativo é o real. É por isso que, como Sinfield (1994) argumenta em *The Wilde Century*, a experiência de vida de Oscar Wilde é tão valiosa para a teoria *queer* quanto suas obras literárias, pois ela postula a performatividade na base da identidade *queer*. Broder (2010), cujo foco de estudo principal é o uso do termo *camp* como algo pré-teoria *queer*, corrobora a ideia de Seinfeld (2002) sobre a importância de Wilde para a teoria em questão.

Assim, na década de 1980, um campo emergente de estudos gays tendia a se concentrar na historicização do *camp* como um modo de performance originalmente mais associado à efeminação do que à homossexualidade, mas cada vez mais adotado pela minoria homossexual emergente e consolidando a existência pública legível do homossexual como uma “espécie”, no sentido posicionado por Michel Foucault, com Oscar Wilde entendido por muitos estudiosos gays como o “*camp*”

queer” original, e os julgamentos de Wilde em 1895 vistos como um evento decisivo na legibilidade do “camp” e da *queer*idade como tal⁴ (Broder, 2010, p. 111, tradução nossa).

A teoria *queer* busca, entre outras coisas, descrever ou mapear as formas como o desejo homossexual ou homoerótico se manifesta em textos literários e culturais. É fortemente dependente de categorias e conceitos psicanalíticos, mas busca superar os limites heterossexuais da teoria psicanalítica. A teórica e feminista italiana radicada nos Estados Unidos, Teresa de Lauretis, foi pioneira na utilização do termo *queer*, em fevereiro de 1990, durante uma conferência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Esse uso foi posteriormente publicado na revista *Differences* (De Lauretis, 1991).

A política *queer* refere-se à produção de conhecimento por um grupo de pensadores que ressignificaram o termo para caracterizar uma nova perspectiva analítica. Segundo De Lauretis (1991), o termo *queer* foi adotado para questionar a fórmula simplista dos estudos “gays e lésbicos”, frequentemente tratados como uma unidade indiferenciada.

De Lauretis (1991) argumenta que os termos “lésbica” e “gay” designam diferentes estilos de vida, sexualidades, práticas sexuais, comunidades, questões, publicações e discursos. Segundo ela, a expressão “teoria *queer*” surgiu como um esforço para evitar distinções restritas em nossos protocolos discursivos, não aderindo a qualquer termo específico, mas buscando transgredi-los e problematizá-los. De Lauretis, assim como Laura Mulvey, são especialmente conhecidas por seus trabalhos em estudos cinematográficos, em que examinam como os filmes participam na criação de identidades de gênero e sexuais.

Ainda conforme De Lauretis (1991), os mecanismos de poder em uma sociedade não apenas reprimem, mas também produzem formas de sexualidade e identidade de gênero. Dessa forma, seu trabalho desafia concepções simplificadas de gênero e sexualidade como meramente opressivas ou repressivas, oferecendo, ao invés disso, um quadro mais complexo e matizado que leva em conta a agência e a resistência individuais.

Sinfield (1994) salienta que programas populares de televisão, como *Queer Eye for the Straight Guy*⁵, fizeram da palavra “bicha”, que tinha sido apropriada pelo movimento gay e

⁴ “Thus, in the 1980s, a burgeoning field of gay studies tended to focus on the historicization of camp as a mode of performance originally associated more with effeminacy than with homosexuality, but increasingly adopted by the emerging homosexual minority and consolidating the publicly legible existence of the homosexual as a “species” in the sense posited by Michel Foucault, with Oscar Wilde understood by many gay scholars as the originary camp queer, and the Wilde trials of 1895 seen as a watershed event in the legibility of camp and queerness as such”.

⁵ *Queer Eye for the Straight Guy*, um programa de televisão lançado em 2003, era transmitido pela emissora Bravo. O conceito central envolvia cinco profissionais gays, especialistas em áreas como moda, culinária e decoração de interiores, ajudando homens heterossexuais a melhorar diferentes aspectos de suas vidas. O objetivo era não apenas aprimorar a aparência e estilo de vida dos participantes, mas também desafiar

lésbico como um símbolo de empoderamento político, um rótulo higienizado para homossexuais sem agenda política. Outros acham que a teoria estranha privilegia a experiência masculina *gay* em detrimento da experiência lésbica e bissexual. Até certo ponto, o viés masculino deve-se à forte influência de teóricos *gays* masculinos.

Em *The Wilde Century*, Sinfield (1994) relata como a experiência de vida de Oscar Wilde é tão valiosa para a teoria *queer* quanto suas obras literárias, pois ela postula a performatividade na base da identidade *queer*. Sinfield (1994) examina como a vida pública e os comportamentos de Wilde desafiaram as normas vitorianas de gênero e sexualidade, exemplificando a performatividade de gênero de maneira provocadora e subversiva. Por meio de sua vida e obras, Wilde dismantelou as fronteiras rígidas entre o masculino e o feminino, o heterossexual e o homossexual, destacando a fluidez e a construção social dessas categorias.

Ainda segundo Sinfield (1994), a obra e a vida de Oscar Wilde ofereceram uma crítica antecipada ao conceito de identidade fixa, algo que se tornaria central na teoria *queer*. Wilde mostrou que a identidade é performativa e, portanto, sujeita a mudança e contestação. Essa performatividade é vista em seus textos que frequentemente exploram temas de duplicidade, mascaramento e transformação, como em *The Picture of Dorian Gray* e *The Importance of Being Earnest*.

Em *The Picture of Dorian Gray*, Wilde (2012) narra a história de um jovem cuja beleza física é preservada enquanto seu retrato envelhece e se deteriora, refletindo sua corrupção moral. Essa narrativa é uma alegoria complexa da performatividade da identidade, conceito que Butler (1990) desenvolve em *Gender trouble*. A transformação de Dorian Gray desafia a ideia de uma essência fixa, sugerindo que a identidade pode ser moldada e alterada por ações e escolhas repetitivas. A duplicidade de Dorian, que exibe uma aparência pública de juventude e beleza enquanto esconde sua verdadeira decadência, pode ser interpretada como uma crítica à necessidade de conformidade às normas sociais de gênero e sexualidade.

Nesse contexto, Sinfield (1994, p. 101-102) ressalta que Wilde antecipa a teoria *queer* ao mostrar que as identidades são construídas e performadas, e não inerentes ou imutáveis.

No nexo entre esteticismo, decadência e lazer, como Wilde o recebeu, isso é um extra opcional. Em *Dorian Gray*, ninguém exatamente se encaixa nessa descrição – embora, como argumentarei em um momento, todo o livro é permeado pela *queeridade* (...). Basil Hallward está apaixonado por Dorian, mas aparentemente não de maneira sensual. O amor que ele sentia por ele – pois era realmente amor – não tinha nada de que não fosse nobre e intelectual. Não era aquela mera admiração física pela beleza que nasce dos sentidos e que morre quando os sentidos se cansam. Era um amor como o que Michelangelo havia conhecido, e Montaigne, e

Winckelmann, e o próprio Shakespeare. Poderíamos ser inclinados a ler esta lista simplesmente como uma alusão codificada à *queer*idade, mas Dorian acrescenta: “Sim, Basil poderia tê-lo salvo” (p. 119). Esta é a teoria que Pater extrai de Winckelmann: o amante do mesmo sexo é precisamente oposto ao excesso sensual – Dorian mata Hallward porque não consegue lidar com sua virtude constante. Comentadores cuidadosos perceberam isso. ‘Que Dorian possa ter tido relações sexuais com Lord Henry, ou mesmo com seu retratista, Basil Hallward’, opina Hans Mayer, “parece excluído pelo texto”. O ambiente de Dorian, observa Dellamora, é homosocial em vez de homossexual.

Dentro do contexto de esteticismo, decadência e lazer que Wilde (2012) retrata, a *queer*idade permeia a narrativa de *O Retrato de Dorian Gray*. Embora nenhum personagem se encaixe exatamente na definição de *queer*idade, o autor do texto observa que todo o livro é imbuído de elementos *queer*. Basil Hallward, o artista que pinta o retrato de Dorian, está apaixonado por Dorian, mas esse amor é descrito como nobre e intelectual, não sensual. É comparado ao amor que grandes figuras históricas, como Michelangelo, Montaigne, Winckelmann e Shakespeare sentiam – um amor platônico e admirativo – em vez de fisicamente sexual. Essa interpretação sugere que o amor de Basil por Dorian transcende o desejo físico, sendo mais uma veneração espiritual e intelectual.

A discussão se aprofunda ao considerar a interpretação da relação de Dorian com Basil e outros personagens. Dorian reconhece que Basil poderia tê-lo salvo, sugerindo uma complexidade moral e emocional em sua relação que vai além do simples desejo físico. Dorian mata Hallward porque não consegue lidar com a virtude constante de Basil, uma pureza que ele não pode igualar. Comentadores como Hans Mayer e Dellamora argumentam que o texto exclui explicitamente a possibilidade de relações sexuais entre Dorian e outros personagens masculinos, enfatizando que o ambiente em que Dorian vive é mais homosocial (relacionamentos emocionais e sociais entre homens) do que homossexual (relacionamentos sexuais entre homens). *O Retrato de Dorian Gray* pode ser lido através de uma lente *queer*, revelando as complexidades das relações e das identidades sexuais dos personagens sem recorrer a descrições explícitas de atos sexuais, focando nas dinâmicas de poder, virtude e admiração.

Em *The Importance of Being Earnest*, Wilde (2018) aborda um jogo de máscaras e identidade, através dos personagens principais, que adotam identidades falsas para escapar das restrições sociais. O termo *bunburying* é introduzido pelo personagem Algernon Moncrieff, que inventa um amigo fictício chamado Bunbury, para justificar suas escapadas ao campo e evitar compromissos sociais indesejáveis. No diálogo entre Jack e Algernon, este último explica:

You have invented a very useful younger brother called Ernest, in order that you may be able to come up to town as often as you like. I have invented an invaluable permanent invalid called Bunbury, in order that I may be able to go down into the country whenever I choose. Bunbury is perfectly invaluable (Wilde, 2018, end of act I).⁶

Esse jogo de identidade e a criação de personas fictícias servem como uma crítica às normas sociais rígidas da era vitoriana, expondo a arbitrariedade dessas convenções. Jack cria um irmão imaginário, Ernest, para justificar sua vida dupla e suas escapadas para a cidade, enquanto Algernon usa Bunbury para escapar de suas obrigações familiares. Essa duplicidade e a habilidade de transitar entre diferentes identidades refletem a performatividade das identidades, um conceito central na teoria *queer*.

Oscar Wilde, através desta comédia de enganos, antecipa ideias que seriam mais tarde desenvolvidas na teoria *queer*, como a performatividade de gênero de Judith Butler. A habilidade dos personagens em mudar suas identidades à vontade demonstra a fluidez e a construção social das identidades, desafiando a ideia de essências fixas e imutáveis. As interações entre Jack e Algernon, e suas justaposições de identidades diferentes, exemplificam como as normas sociais podem ser subvertidas e manipuladas para obter liberdade pessoal.

A teoria *queer*, conforme desenvolvida por Butler, Sedgwick e Foucault, enfatiza a construção social e discursiva das identidades sexuais e de gênero. Sedgwick (1990), em *Epistemology of the Closet*, argumenta que as categorias de heterossexualidade e homossexualidade são centralizadas em uma dinâmica de poder e exclusão. Wilde, por meio de suas obras, antecipa essa crítica ao mostrar como as identidades são performadas e construídas através de normas sociais, destacando a fluidez e a capacidade de contestação inerente a essas identidades. Foucault (1976), em *The History of Sexuality*, discute como as sociedades modernas criam e regulamentam identidades sexuais através de discursos de poder. Wilde, vivendo na sociedade vitoriana que rigidamente controlava e normatizava a sexualidade, usou suas obras para subverter essas normas, expondo a artificialidade e a construção social das identidades sexuais. As narrativas de Wilde desafiam a estabilidade dessas identidades, oferecendo uma crítica que ressoa com as ideias de performatividade e subversão de Butler (1990).

Assim, a vida e a obra de Oscar Wilde não apenas exemplificam, mas também antecipam os conceitos centrais da teoria *queer*. Sua exploração de temas de duplicidade, mascaramento e transformação ilustra a performatividade das identidades e desafia a noção de

⁶ “Você inventou um irmão mais novo muito útil chamado Ernest, para poder vir à cidade sempre que quiser. Eu inventei um inválido permanente inestimável chamado Bunbury, para poder ir ao campo sempre que escolher. Bunbury é absolutamente inestimável” (Tradução nossa).

essências fixas e imutáveis, contribuindo para uma compreensão mais rica e complexa das dinâmicas de gênero e sexualidade. Wilde, portanto, se posiciona como um precursor da teoria *queer*, cujas ideias continuam a influenciar e enriquecer os estudos contemporâneos de identidade.

Além disso, Foucault (1976) enfatiza a importância do escândalo e do processo judicial de Wilde, que trouxe à luz questões de sexualidade que estavam sendo reprimidas na sociedade vitoriana. A condenação de Wilde por “indecência grave” expôs as tensões e ansiedades em torno da homossexualidade na época, tornando sua vida uma lente crucial para entender as construções sociais e legais da sexualidade.

Temos em Butler (1998) a afirmação que, devido à enorme influência de *Between Men* (Sedgwick, 1985), que, juntamente com *A História da Sexualidade* (Foucault, 1976), forneceu os andaimes teóricos para a teoria *queer* acadêmica. Uma de suas formulações mais poderosas, o conceito de homossexualidade, tornou-se bastante difundido entre as disciplinas acadêmicas. De acordo com Foucault (1999), a homossexualidade não deve ser confundida simplesmente com homossexualidade, pois trata-se de um fenômeno social complexo que se manifesta em diversas formas de relações entre indivíduos do mesmo sexo. Em sua abordagem genealógica e discursiva sobre a sexualidade, o autor observa como os laços homosociais são profundamente imbricados em sistemas de poder, discurso e conhecimento. Essas relações, muitas vezes encobertas por uma capa de fraternidade, camaradagem ou amizade, são esferas cruciais em que as normas sociais não são apenas reproduzidas, mas também contestadas e renegociadas.

Nesse contexto, a homossexualidade funciona como um mecanismo sutil, porém poderoso, de perpetuação de estruturas de poder, particularmente no que se refere à masculinidade hegemônica. Contudo, Foucault (1999) sublinha que tais relações também oferecem oportunidades para resistência e subversão, já que as práticas sociais nunca são completamente determinadas ou fixas. Assim, enquanto os laços homosociais podem servir para reforçar o *status quo*, eles também contêm o potencial para engendrar formas de relacionamento e identidade que desafiam as categorizações tradicionais. Para o autor, a homossexualidade é um campo dinâmico de interação que está intrinsicamente vinculado à produção e reprodução de sistemas de poder e conhecimento, oferecendo tanto oportunidades para conformidade como para resistência.

Sinfield (1994) afirma que o “desejo homosocial” está fundamentado na teoria do “desejo triangular” de Girard (2009), e na teoria de Rubin (1975) sobre o “sistema sexo/gênero”. René Girard, filósofo e crítico literário francês que formulou a teoria do “desejo

triangular” como um mecanismo fundamental para compreender as dinâmicas de anseio e rivalidade nos contextos humano e cultural. A teoria propõe que o desejo humano não é original ou autônomo, mas mimético, ou seja, imitado de outro. Girard (2009) sugere que o desejo é mediado por um “modelo” que orienta o desejo do sujeito para um objeto específico. Esse triângulo – sujeito, modelo e objeto – estrutura a dinâmica do desejo. No contexto das relações homossociais, o desejo pelo objeto (frequentemente uma mulher) é mediado pelo rival masculino, criando uma intensa ligação entre os homens através do desejo compartilhado e da rivalidade.

Essa estrutura triangular envolve, portanto, três componentes: o sujeito desejante, o objeto desejado e o mediador que influencia o desejo. Girard (2009) aplica esse modelo para explicar fenômenos variados, desde dinâmicas interpessoais até conflitos sociais e culturais. Ele argumenta que esta forma de desejo é imitativa ou mimética, e que a imitação desempenha um papel crítico na formação do desejo individual e, por extensão, nas relações sociais. O conceito possui implicações significativas para compreender a origem de conflitos, rivalidades e até mesmo fenômenos como o sacrifício e o bode expiatório. Assim, a teoria do desejo triangular serve como uma lente analítica para investigar a complexidade da motivação humana, as tensões sociais e as estruturas culturais. Rubin (1975), em seu ensaio seminal *The traffic in women: notes on the 'political economy' of sex*⁷, introduz o conceito de “sistema sexo/gênero”.

Rubin (1975) argumenta que as sociedades humanas são organizadas por sistemas que regulam a sexualidade e o gênero, determinando como os corpos sexuais devem ser vividos e percebidos. Ela descreve como o patriarcado estrutura essas relações, usando as mulheres como moeda de troca para consolidar laços entre homens. Isso cria um sistema em que as relações homossociais (relações entre homens) são privilegiadas e fundamentais para a estrutura social.

Sinfield (1994) utiliza essas duas teorias para aprofundar a compreensão do “desejo homossocial”. Girard (2009) fornece o modelo estrutural do desejo mimético, enquanto Rubin (1975) contextualiza esse desejo dentro do sistema patriarcal que regula o gênero e a sexualidade. Juntas, essas teorias elucidam como os homens, dentro de uma estrutura patriarcal, estabelecem laços profundos através do compartilhamento e da troca de objetos de desejo (frequentemente mulheres), perpetuando a supremacia masculina e a marginalização feminina. A análise de Sinfield (1994) sobre Oscar Wilde exemplifica como essas dinâmicas de desejo operam na prática.

⁷ “O tráfico de mulheres: notas sobre a 'economia política' do sexo” (Tradução nossa)

O comportamento homosocial em Wilde não apenas reforçava os laços entre homens, mas também subvertia as expectativas sociais ao evidenciar a fluidez do desejo e a construção social das identidades sexuais. Sinfield (1994) argumenta que a compreensão do desejo homosocial através das lentes de Girard e Rubin (1975) ajuda a desmascarar a aparente naturalidade das identidades sexuais e de gênero. Ao destacar como esses desejos são mediados e estruturados socialmente, Sinfield (1994) revela as complexas interações entre poder, desejo e identidade.

Eve Kosofsky Sedgwick, em seu livro *Epistemology of the Closet* (1990), amplia significativamente a discussão sobre a heteronormatividade e a construção social das identidades sexuais. Sedgwick (1990) argumenta que as categorias de heterossexualidade e homossexualidade são centralizadas em uma dinâmica de poder e exclusão. Ela sugere que essas categorias não são naturais ou essenciais, mas sim produtos de práticas discursivas e sociais que visam regular e controlar as identidades sexuais. A autora complementa a análise de Michael Foucault, especialmente suas ideias em “A História da Sexualidade”, sobre como os discursos sobre sexualidade moldam e regulam as identidades. Foucault (1999) argumenta que o poder e o saber são intrinsecamente ligados na construção das normas sexuais, estabelecendo o que é considerado “normal” e “anormal”. Sedgwick (1990) expande essa análise, mostrando como a própria epistemologia – ou seja, a maneira como conhecemos e entendemos o mundo –, está estruturada em torno dessas categorias sexuais binárias e excludentes.

Uma das contribuições mais importantes de Sedgwick (1990) é a ideia de que a homossexualidade e a heterossexualidade são interdependentes. Ela sugere que a heterossexualidade se define não apenas por si mesma, mas também por sua oposição à homossexualidade. Esse binarismo cria um sistema no qual a identidade heterossexual se fortalece pela marginalização e exclusão da homossexualidade. A autora também introduz o conceito de “homosocialidade”, que descreve as relações emocionais e sociais entre pessoas do mesmo sexo, diferenciando-as da homossexualidade e destacando a complexidade das relações de gênero e desejo.

Em *Epistemology of the Closet*, Sedgwick (2003) também explora a “ininteligibilidade” das identidades sexuais, argumentando que as experiências e identidades *queer* desafiam constantemente as tentativas de categorização e normatização. Ela destaca como as identidades sexuais não são fixas, mas fluídas e multifacetadas, resistindo às simplificações e binarismos impostos pela sociedade heteronormativa.

Além disso, Sedgwick (2003) critica a suposição de que a visibilidade e a

transparência das identidades sexuais são sempre desejáveis ou possíveis. Ela argumenta que a opacidade e a ambiguidade podem ser estratégias importantes de resistência e sobrevivência para pessoas *queer*, permitindo-lhes navegar e subverter as estruturas opressivas da sociedade.

Ao complementar as teorias de Foucault com uma análise mais detalhada das dinâmicas de poder e exclusão, Sedgwick (2003) oferece uma perspectiva mais rica e nuançada sobre a construção das identidades sexuais. Seu trabalho destaca a importância de se entender as relações de poder não apenas como formas de repressão, mas também como processos produtivos que criam e moldam as subjetividades sexuais. Dessa forma, *Epistemology of the Closet* permanece uma obra fundamental para os estudos de gênero e sexualidade, oferecendo ferramentas teóricas essenciais para a análise crítica das normas sexuais e das identidades *queer*.

Halperin (1995), em *Saint Foucault: towards a gay hagiography*, oferece uma análise profunda da contribuição de Michel Foucault para a teoria *queer*, destacando como suas abordagens históricas e filosóficas sobre a sexualidade formam uma base fundamental para a compreensão das identidades sexuais modernas. Ele explora como Foucault desafiou as noções tradicionais de sexualidade ao propor que as identidades sexuais não são naturais ou intrínsecas, mas sim produtos de práticas discursivas e relações de poder.

Foucault (1999), em *A História da Sexualidade*, argumenta que a sexualidade é uma construção social e histórica, criada e regulamentada por discursos de poder que definem o que é considerado normal e desviante. Sua análise genealógica revela como as identidades sexuais emergem através de processos históricos específicos, desafiando a ideia de que essas identidades são estáticas ou universais.

Halperin (1995) destaca como Foucault (1999) demonstra que a sexualidade é uma forma de controle social, utilizada para disciplinar e normatizar corpos e comportamentos; discutindo também a maneira pela qual o filósofo desloca a análise da sexualidade do âmbito puramente psicológico para o campo da história e da cultura. Ao fazê-lo, Foucault (1999) permite uma compreensão mais ampla de como as práticas sexuais e as identidades associadas a elas são moldadas por contextos sociais e históricos específicos. Esse enfoque historiográfico é crucial para a teoria *queer*, que busca desnaturalizar e problematizar categorias fixas de identidade.

Além disso, Halperin (1995) aponta que Foucault oferece ferramentas teóricas para questionar a binaridade e a fixidez das identidades sexuais. Por meio de sua análise das práticas discursivas, Foucault (1999) revela como as identidades sexuais são contingentes e sujeitas a mudança, proporcionando uma base teórica para a crítica *queer* da

heteronormatividade. Essa perspectiva é fundamental para entender como as normas sexuais podem ser subvertidas e transformadas.

Em *Saint Foucault*, Halperin (1995) destaca a importância do conceito foucaultiano de biopoder, que se refere às formas pelas quais o poder moderno se exerce sobre a vida, regulando populações através de normas de saúde, sexualidade e comportamento. A aplicação desse conceito na teoria *queer* permite uma análise crítica de como as políticas de sexualidade operam para manter estruturas de poder e controle, oferecendo caminhos para resistências e transformações.

A obra de Halperin (1995), ao discutir Foucault (1999), não apenas celebra sua influência na teoria *queer*, mas também sugere modos de expandir e aplicar suas ideias para novas áreas de investigação. Halperin (1995) ressaltava que a abordagem de Foucault permite um exame mais dinâmico e histórico das identidades sexuais, incentivando a contínua evolução da teoria *queer* em resposta às mudanças sociais e culturais.

Por sua vez, Rubin (2017), antropóloga e teórica feminista, abordou a complexidade do “sistema sexo/gênero”, argumentando que as sociedades organizam indivíduos em categorias hierárquicas baseadas em características sexuais e de gênero. Segundo a autora, esse sistema não apenas classifica pessoas de acordo com atributos biológicos e identidades de gênero, mas também impõe expectativas sociais, papéis e normas sobre elas. O resultado é uma estrutura que perpetua desigualdades, marginalizando aqueles que não se conformam às definições convencionais de masculinidade e feminilidade.

Rubin (2017) critica a ideia de que características biológicas determinam de forma inequívoca as posições sociais e comportamentais, insistindo que o sistema sexo/gênero é um construto cultural e social. Ela explora como esse sistema estabelece relações de poder, afetando a distribuição de recursos, status e oportunidades entre diferentes grupos. Portanto, para a autora, a desigualdade de gênero é intrinsecamente ligada às práticas culturais e instituições sociais que formam e sustentam o sistema sexo/gênero. A teórica enfatiza a necessidade de dismantelar essas estruturas discriminatórias e questionar os paradigmas culturais que perpetuam normas de gênero opressivas. Seu trabalho é crucial para os debates em estudos feministas, *queer* e de gênero, fornecendo uma estrutura analítica para examinar as interseções de sexo, gênero e poder na organização de relações sociais.

Essas relações não precisam ser sexuais. Na verdade, elas são muito mais potentes sempre que o elemento sexual é sublimado na imitação de uma identidade heterossexual que efetivamente disfarça o “desvio” homossexual. Estruturas homossociais, frequentemente, provocam homofobia como uma verificação institucionalizada do desejo homossexual

reprimido, e, mais frequentemente, levam a “mudanças na experiência dos homens de viver dentro dos termos de mudança da heterossexualidade compulsória”.

Sinfield (1996) examina o tratamento da obra de Henry James na *Epistemologia do Armário* de Sedgwick (1990), apontando para uma dicotomia reveladora. Sinfield (1996) observa que Sedgwick (1990) ilustra a coexistência tensional de duas dinâmicas dentro das redes homossociais: uma que reforça o *status quo* heteronormativo, e outra que gera “pânico homossexual” em resposta a manifestações de erotismo ou comportamentos sexualmente explícitos. Nesse contexto, as redes homossociais funcionam de maneira ambivalente. Por um lado, elas podem perpetuar estruturas heteronormativas, agindo como espaços onde a masculinidade tradicional é reafirmada e legitimada. Esse aspecto conformista ajuda a manter as normas sociais dominantes, efetivamente alinhando as redes homossociais com as expectativas culturais predominantes sobre gênero e sexualidade.

Por outro lado, essas mesmas redes podem se tornar locais de tensão e ansiedade, provocando o que Sinfield (1996) identifica como “pânico homossexual”. Esse fenômeno ocorre quando a intimidade emocional ou física entre membros do mesmo sexo ameaça desestabilizar a ordem heteronormativa estabelecida, levando a reações que podem ser extremamente negativas, ou até violentas, contra essas manifestações.

Em vista disso, Sinfield (1996) e Sedgwick (1990) contribuem para uma compreensão mais complexa e matizada da homossocialidade, demonstrando que essas relações são locais de disputa ideológica onde normas de gênero e sexualidade são tanto reforçadas quanto contestadas. A dualidade entre a conformidade heteronormativa e o pânico homossexual sugere que as redes homossociais são campos minados de potencial contestação e subversão, refletindo a complexa interação entre identidade, desejo e poder na sociedade.

1.1 Butler e a problematização do gênero

Ao se debruçar sobre a evolução da cultura *queer* ao longo das últimas décadas, é crucial entender a multiplicidade de identidades e experiências que a compõem. Butler (1990), em seu seminal trabalho *Gender trouble*, desafia a naturalização das categorias de gênero, propondo que elas são performativas e, assim, socialmente construídas. A partir de sua teoria, a definição de *queer* se estabelece não como uma identidade fixa, mas como uma resistência à normatividade, um espaço fluído que subverte e contesta as normas de gênero e sexualidade tradicionalmente aceitas (Butler, 1990).

Nos primeiros anos do século XXI, assistiu-se a um crescimento exponencial da

visibilidade e aceitação da comunidade LGBTQIAP+. Isso se manifestou em diversas esferas, desde o avanço dos direitos civis, como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo em diversos países, até a crescente representação em mídias *mainstream*. No entanto, a cultura *queer*, com sua natureza intrinsecamente transgressora, vai além da simples busca por representatividade: ela desafia e reconfigura continuamente os paradigmas e convenções estabelecidos.

Em meio a essa trajetória, surgiu uma nova geração de artistas, escritores e ativistas que, imbuídos do espírito crítico proposto por Butler (1990), começaram a questionar não apenas as categorias de gênero, mas também as interseções dessas identidades com raça, classe e capacidade. A ascensão de ícones *pop*, como Janelle Monáe e Billy Porter, ambos abertamente *queer* e defensores de uma estética que desafia os padrões convencionais, ilustra a maneira como o *mainstream* começou a se entrelaçar com essas narrativas disruptivas.

Esse progresso não foi homogêneo em todos os espaços. Enquanto algumas regiões e culturas testemunharam avanços significativos na aceitação e celebração da diversidade *queer*, outras ainda enfrentam resistência, seja ela institucionalizada por meio de leis e políticas discriminatórias, através de preconceitos e estigmatizações. Mesmo em sociedades consideradas progressistas, os desafios persistem, principalmente quando se trata de identidades não binárias ou intersexuais, que frequentemente encontram barreiras adicionais em sua busca por reconhecimento e direitos.

No âmbito acadêmico, a teoria *queer* se estabeleceu como um campo interdisciplinar robusto, abordando questões que vão desde literatura até estudos sociológicos, contribuindo assim para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de poder e resistência que moldam a experiência *queer*. A relevância de Butler (1990) nesse contexto é inegável; seus argumentos forneceram a base teórica para muitos acadêmicos e ativistas desafiarem as noções preconcebidas e buscarem uma compreensão mais inclusiva e fluida do espectro humano. A teoria *queer* e a literatura entrelaçam-se de maneiras significativas e complexas, representando uma interseção em que identidade, poder e expressão convergem. A centralidade dessa relação está na desconstrução e reconfiguração das normas de gênero e sexualidade, elementos-chave da teoria.

Butler (1990, 1998, 2004) argumenta que o gênero é performativo, isto é, uma série repetitiva de atos que, ao longo do tempo, solidificam-se em uma identidade percebida. A literatura, como mídia performativa, pode ser vista como um campo no qual esses atos de gênero são ensaiados, reiterados e contestados. Os textos literários não apenas refletem normas culturais, mas também as moldam, desafiam e transformam, posicionando a literatura

como um espaço crucial para a expressão e exploração de identidades.

Michael Foucault, por sua vez, fornece uma lente através da qual a sexualidade e o poder podem ser examinados. Em *História da Sexualidade*, ele sugere que o discurso em torno da sexualidade, longe de ser suprimido, foi meticulosamente produzido pela sociedade (Foucault, 1976). A literatura, nesse contexto, pode ser vista tanto como um veículo desse discurso quanto como um meio de resistência contra ele. Os textos literários, com sua capacidade de questionar, subverter e reinventar, tornam-se fundamentais na produção e na contestação dos discursos dominantes sobre sexualidade e normas de gênero.

Com a teoria *queer* como pano de fundo, a literatura assume um papel duplo: de representar e de desafiar. Personagens que se desviam das normas heteronormativas podem encontrar espaço nas páginas dos livros, permitindo a visibilidade e reconhecimento das identidades *queer*. Além disso, a literatura pode desafiar e complicar as categorias de gênero e sexualidade, apresentando narrativas que não se encaixam facilmente nas definições convencionais. Nesse contexto, escritores e leitores são convidados a reexaminar e reformular conceitos tradicionais, abrindo caminho para novas compreensões e possibilidades. O entrelaçamento da teoria *queer* com a literatura, portanto, não é apenas uma questão acadêmica, mas uma questão vital de representação, identidade e resistência.

O advento da teoria *queer* na esfera acadêmica ressignificou não apenas o estudo das identidades de gênero e sexualidade, mas também influenciou poderosamente a abordagem e interpretação da literatura. Historicamente, esse campo reflete as complexidades humanas, oferecendo ao mesmo tempo um espelho e uma lente crítica para a sociedade. Nesse prisma, as representações literárias tornam-se uma arena vital, onde as identidades desviantes das normas predominantes encontram voz, desafiando assim as construções estabelecidas.

Os espaços digitais, particularmente aqueles associados à ciberliteratura⁸, intensificam essa interação dinâmica entre a teoria *queer* e a expressão literária. O ambiente online abriu portas para formas literárias emergentes, que, em muitos aspectos, democratizaram o processo de criação e disseminação de textos. Uma dessas formas é a *fanfiction*, que, ao reimaginar narrativas existentes, proporciona uma plataforma para exploração de temáticas *queer* de maneira profunda e, muitas vezes, subversiva.

Dentro da esfera da *fanfiction*, os autores se apropriam de personagens e enredos conhecidos para reconstruir histórias, frequentemente introduzindo relações e identidades

⁸ A ciberliteratura, também conhecida como literatura eletrônica ou literatura digital, é uma forma de expressão literária que utiliza as tecnologias digitais e a *internet* como meio de criação, disseminação e interação com o público.

queer não presentes nos originais. Tal prática desafia os cânones tradicionais e, simultaneamente, sublinha a fluidez e multiplicidade das identidades. Ao fazer isso, esses escritores não apenas redefinem os contornos da narrativa, mas também instigam questionamentos sobre autoria, propriedade e autenticidade no cenário literário digital.

Por outro lado, a ciberliteratura, com sua natureza interativa, proporciona uma imersão singular que potencializa a experiência *queer*. O leitor, muitas vezes transformado em coautor ou participante ativo, navega por caminhos não lineares, ressaltando a natureza fluida da identidade e desafiando a binariedade muitas vezes imposta pela sociedade. Assim, o diálogo entre a *teoria queer*, ciberliteratura e *fanfiction* ilustra uma intersecção rica e multifacetada. Por meio dessa confluência, as fronteiras entre o autor e o leitor, o cânone e o marginal, o físico e o digital, são continuamente reconfiguradas. Essa reconfiguração não se limita à esfera literária, mas permeia amplamente as noções contemporâneas de identidade, representação e resistência.

1.2 *Gender trouble e Bodies that Matter*

A obra *Gender trouble* (1990), de Judith Butler, é um marco revolucionário nos estudos de gênero, desafiando tradições estabelecidas e provocando reflexões profundas sobre a performatividade, identidade e normatividade. A autora propõe uma desconstrução do binarismo sexual tradicionalmente aceito, problematizando as noções fixas de gênero e sexualidade, e apresenta uma perspectiva que busca dissolver os limites previamente estabelecidos. A obra em questão confronta a ideia predominante de que gênero é determinado biologicamente, postulando que, ao contrário, o gênero é algo que se “faz”, ou seja, é performativo. Essa performatividade, conforme articulado pela autora, não se refere a uma performance no sentido teatral, mas a atos repetitivos e discursos que, ao longo do tempo, estabelecem e reforçam as normas de gênero (Butler, 1990).

Nesse sentido, a autora defende que gênero não é uma essência ou uma substância, mas sim uma construção social, moldada por práticas discursivas e comportamentais. Ao desestabilizar a dicotomia masculino/feminino, Butler (1990) permite uma análise crítica dos sistemas que perpetuam desigualdades e opressões baseadas em gênero. Ao questionar os fundamentos sobre os quais se erguem as normas sociais, sua obra *Gender trouble* provoca uma reavaliação das estruturas que definem e limitam o que é considerado “masculino” ou “feminino”.

Ela utiliza a teoria do discurso de Michel Foucault para mostrar como o poder e o

conhecimento se entrelaçam na produção das normas de gênero. De acordo com Butler (1990), essas normas são mantidas através de discursos que reiteram o que é considerado “normal” e “desviante”. Ao afirmar que o gênero é performativo, ela sugere que as identidades de gênero são construídas por meio de atos repetitivos que produzem a aparência de uma essência natural. A autora destaca que esses atos não são individuais ou voluntários, mas são regulados por normas sociais que definem o que é apropriado para cada gênero. Dessa forma, o gênero não é algo que uma pessoa “é”, mas algo que uma pessoa “faz” (Butler, 1990).

A reavaliação das estruturas que definem o que é considerado “masculino” ou “feminino” ocorre através da desnaturalização dessas categorias. Butler (1990) argumenta que, ao entender o gênero como uma construção performativa, é possível ver como as normas de gênero são arbitrárias e contingentes, em vez de naturais ou inevitáveis. Esse entendimento abre espaço para a subversão dessas normas. A autora utiliza exemplos de performances de *drags* para ilustrar como a paródia pode expor a arbitrariedade das normas de gênero, revelando que o gênero é uma imitação sem um original, uma série de atos que podem ser repetidos de maneira diferente. Ao fazê-lo, tais performances mostram que as identidades de gênero podem ser desfeitas e refeitas, desafiando as normas que limitam o que é considerado “masculino” ou “feminino” (Butler, 1990).

Essa reavaliação das estruturas também envolve uma crítica às práticas sociais e culturais que sustentam a coerência das identidades de gênero. Butler (1990) sugere que as normas de gênero tentam impor uma coerência entre sexo, gênero e desejo, mas que essa coerência é uma ficção reguladora. Ao questionar essa coerência, ela permite uma compreensão mais fluida e variável das identidades de gênero, reconhecendo a diversidade e a multiplicidade de experiências de gênero.

A abordagem de Butler (1990) tem implicações profundas para a política feminista e os movimentos LGBTQIAP+. Ao desconstruir as normas de gênero, a autora abre espaço para uma inclusão mais ampla de vozes e experiências, incluindo aquelas de pessoas trans e não-binárias. Sua teoria fornece ferramentas conceituais para desafiar as desigualdades e opressões baseadas em gênero, promovendo uma maior liberdade e igualdade para todos os indivíduos.

A influência de *Gender trouble* nas ciências sociais, humanas e na militância LGBTQIAP+ é inegável. A obra instigou debates, gerou incontáveis estudos subsequentes e inspirou movimentos sociais ao redor do mundo. O questionamento radical de Butler (1990) sobre as construções sociais ofereceu novas ferramentas conceituais para acadêmicos e

ativistas desafiar paradigmas enraizados. Ademais, *Gender trouble* também estabelece um diálogo crítico com teóricos e teóricas anteriores, recontextualizando e reformulando ideias sobre subjetividade, poder e discurso. Ao fazer isso, Butler (1990) não apenas desestabiliza, mas também abre caminho para novas possibilidades teóricas, permitindo a emergência de novas formas de pensamento e resistência.

Ao incorporar a noção de Foucault (1999) de que o poder e o saber estão intrinsecamente ligados na produção de subjetividades, ela argumenta que as normas de gênero são um exemplo de como os discursos sociais e culturais exercem poder sobre os indivíduos, moldando suas identidades e comportamentos. Segundo Foucault (1999), o poder não é simplesmente repressivo, mas também produtivo na medida em que cria categorias de identidade e regula a vida social. Essa perspectiva se adapta à linha de pensamento de Butler (1990) para mostrar como o gênero é performativo e não uma característica intrínseca ou natural.

A teoria de Butler sobre a performatividade do gênero está profundamente enraizada na análise foucaultiana do poder. Foucault (1999) sugere que os discursos sobre sexualidade não apenas refletem a realidade, mas a constroem. Butler (1990) aplica essa ideia ao gênero, argumentando que os atos performativos reiteram e consolidam as normas de gênero ao longo do tempo. Dessa forma, a identidade de gênero é continuamente produzida e reproduzida através de práticas repetitivas que são reguladas por normas sociais.

A autora também utiliza a noção foucaultiana de resistência para explorar como as normas de gênero podem ser subvertidas. Foucault (1999) argumenta que onde há poder, há resistência, e Butler (1990) aplica isso ao gênero, sugerindo que atos performativos que desviam das normas estabelecidas podem desafiar e potencialmente transformar as estruturas de poder. Performances de gênero não convencionais, como o *drag*, exemplificam essa subversão ao expor a natureza construída e arbitrária das identidades de gênero.

A análise de Foucault (1999) sobre a sexualidade e o poder leva Butler (1990) a questionar a coerência e a estabilidade das identidades de gênero. Ela argumenta que as identidades são fluídas e contingentes, desestabilizando a dicotomia entre masculino e feminino. Butler (1990) se apropria das teorias de Foucault (1999) para mostrar que as identidades de gênero são produtos de práticas discursivas, e que não há uma essência fixa subjacente a essas identidades. Por meio da análise foucaultiana do poder e do discurso, ela demonstra que o gênero é performativo e sujeito a mudança e contestação. Essa abordagem permite uma reavaliação crítica das normas de gênero e abre espaço para novas formas de resistência e transformação.

Assim como estuda e utiliza Foucault para explicar suas teorias, Butler expande a célebre declaração de Simone de Beauvoir, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, propondo que essa ideia não se restringe apenas às mulheres, mas se aplica a todas as identidades de gênero. A autora argumenta que as identidades de gênero não são inatas ou determinadas biologicamente, ao contrário, são o resultado de um processo contínuo de construção social e performativa. Ela sugere que as normas e expectativas sociais desempenham um papel crucial na formação dessas identidades, moldando comportamentos e práticas ao longo do tempo. Em vez de serem essências fixas ou naturais, as identidades de gênero são produzidas e reproduzidas através de atos repetitivos e discursos que consolidam certas expectativas e comportamentos associados a cada gênero.

Butler (1990) utiliza a perspectiva Simone de Beauvoir para destacar que o gênero é uma construção que emerge por meio das interações sociais e culturais, e que é sustentada por normas e práticas que são reiteradas constantemente. Ao fazer isso, ela não apenas amplia a compreensão de como as identidades de gênero são formadas, mas também desafia a ideia de que essas identidades são estáveis ou imutáveis. Em sua análise, ela demonstra que a flexibilidade e a variabilidade são características inerentes das identidades de gênero, permitindo a possibilidade de subversão e transformação dessas normas ao longo do tempo. Sob essa abordagem, Butler (1990) promove uma visão dinâmica e fluida das identidades de gênero, enfatizando que essas identidades estão sempre em processo de formação e reconfiguração. Essa perspectiva contribui para a desconstrução das categorias tradicionais de gênero e abre caminho para uma maior inclusão e reconhecimento da diversidade de experiências e expressões de gênero.

Além disso, Judith Butler utiliza as teorias de Luce Irigaray para investigar como a linguagem e as representações culturais contribuem para a formação das identidades de gênero. Irigaray, uma importante filósofa feminista, publicou obras significativas nas décadas de 1970 e 1980, como *Speculum of the other woman* (Espelho de Mulher) (1974) e *This sex which is not one* (Esse sexo que não é só um sexo) (1977).

Segundo Irigaray (1994a, 1994b) a linguagem e as representações culturais desempenham um papel central na forma como os corpos são percebidos e como as diferenças de gênero são entendidas. A linguagem, através de seus códigos e significados, define e limita as possibilidades de expressão dos corpos generificados. Butler (1990) se apropria dessa análise para mostrar que os corpos são constantemente moldados por práticas discursivas que reiteram as normas de gênero.

Butler (1990) expande essa ideia ao argumentar que as representações culturais não

apenas refletem, mas também criam as expectativas sociais em relação ao gênero. Essas representações são fundamentais na produção de identidades generificadas, pois estabelecem os parâmetros dentro dos quais os corpos são reconhecidos e interpretados. A partir disso, ela sustenta que a performatividade de gênero é profundamente influenciada pela linguagem e pelas representações culturais, que operam para naturalizar e solidificar as normas de gênero.

Ao explorar a interseção entre linguagem, representação e corpos generificados, Butler (1990), apoiada na teoria de Irigaray (1994a, 1994b), revela que as identidades de gênero são produtos de um complexo sistema de significados culturais que moldam e regulam os corpos e comportamentos. Essa análise permite uma compreensão mais profunda de como as normas de gênero são mantidas e como podem ser subvertidas.

Sob essa ótica, Butler (1990) também examina a relação entre feminismo e teoria *queer*, questionando as premissas heteronormativas frequentemente presentes nos discursos feministas tradicionais. Ao propor que o gênero é performativo, a autora desafia a ideia de uma identidade feminina universal, sugerindo que a luta feminista deve considerar a diversidade e a multiplicidade de experiências de gênero. Essa abordagem tem implicações profundas para a política feminista, pois abre espaço para uma inclusão mais ampla de vozes e experiências, incluindo aquelas de pessoas trans e não-binárias.

Por fim, vale ressaltar que *Gender trouble* (1990) contribui para a desconstrução da heteronormatividade ao mostrar como as identidades sexuais e de gênero são reguladas por normas sociais e culturais. Em 1998, Judith Butler publica *Bodies that matter*, uma continuação crucial de suas reflexões anteriores, obra em que ela aprofunda e expande as temáticas propostas em *Gender trouble*. No livro, Butler (1998) investiga as formas pelas quais os corpos são materializados dentro dos discursos socioculturais e as implicações dessa materialização para as questões de gênero e sexualidade, dando centralidade à noção de performatividade.

Enquanto *Gender trouble* introduziu a ideia de gênero como performativo, *Bodies that matter* amplia essa concepção para incluir a forma como os corpos, em sua materialidade, são constituídos por atos performativos. A autora questiona a premissa de que corpos são meramente receptáculos passivos para inscrições culturais, propondo, em vez disso, que os corpos, através da repetição performativa, tornam-se significativos e são materializados dentro das normas dominantes (Butler, 1998).

A autora aborda, ainda, a dicotomia entre sexo e gênero, argumentando que, assim como o gênero, o sexo também é construído discursivamente. Em outras palavras, o que consideramos “natural” ou “biológico” não está isento de inscrições culturais e discursivas.

Nesse sentido, ela sugere que a distinção entre sexo e gênero é, de fato, problemática, e que ambos são entrelaçados em processos de materialização discursiva.

Em *Bodies that matter*, Butler (1998) examina a questão de quais corpos são considerados “legíveis” ou “inteligíveis” dentro de uma ordem social específica. Ela argumenta que a inteligibilidade de um corpo depende das normas discursivas e culturais que determinam quais formas de existência são reconhecidas e validadas. Esse processo envolve a inclusão de certos corpos dentro das categorias aceitas de gênero e a exclusão daqueles que não se conformam às normas estabelecidas.

Butler (1998) sugere que a inteligibilidade de um corpo é uma condição necessária para que esse corpo seja reconhecido como sujeito dentro de uma determinada estrutura social. Corpos que não se alinham às normas hegemônicas de gênero são frequentemente marginalizados ou apagados, sendo considerados abjetos ou fora da esfera do que é socialmente reconhecível. Essa exclusão não é apenas uma questão de invisibilidade, mas de uma deslegitimação ativa que nega a esses corpos a possibilidade de serem percebidos como humanos completos.

A análise de Butler (1998) sobre a materialidade dos corpos e suas representações sociais revela como o poder opera para definir e limitar o que é considerado uma identidade legítima. Ela propõe que a materialidade do corpo é indissociável das normas discursivas que a produzem, mostrando que os corpos são continuamente moldados e remoldados por meio de práticas sociais que determinam sua inteligibilidade. Nesse sentido, ela também discute como essas normas de inteligibilidade estão ligadas a estruturas de poder e desigualdade, perpetuando sistemas de opressão que marginalizam certos corpos. E, ao destacar a relação entre poder, discurso e corpo, abre caminho para a subversão dessas normas, permitindo a emergência de novas formas de existência e reconhecimento que desafiam as categorias tradicionais de gênero.

A obra Butler (1998) não apenas questiona quais corpos são considerados inteligíveis, mas também examina os mecanismos pelos quais essa inteligibilidade é conferida e negada, enfatizando a necessidade de uma reavaliação crítica das normas que governam a inclusão e a exclusão social. Ao explorar os limites do que é reconhecido como um “corpo”, a autora revela como certos corpos são marginalizados, invisibilizados ou excluídos do âmbito da “humanidade” reconhecida. Essa marginalização não ocorre acidentalmente, mas é, de fato, constitutiva das normas de gênero e sexualidade que regulam o que é considerado “normal” ou “aceitável” (Butler, 1998).

Ao desvendar os mecanismos de poder que determinam quais corpos “importam” e

quais não, Butler (1998) também aborda a intersecção de gênero com outras categorias de identidade, como raça, classe e etnia. A autora destaca a importância de considerar essas interseções ao discutir a materialização dos corpos, ressaltando que as normas dominantes são frequentemente moldadas por ideologias específicas que privilegiam certas identidades em detrimento de outras.

Dentro deste marco teórico, *Bodies that matter* não é apenas uma obra sobre teoria de gênero, mas também um profundo estudo sobre poder, discursividade e materialidade. Butler (1998) desafia os leitores a repensar suas premissas sobre corpo, gênero e identidade, oferecendo ferramentas críticas para desconstruir as normas estabelecidas e imaginar possibilidades de existência além delas. Em última análise, esse trabalho seminal de Butler (1998) ressalta a inextricável relação entre o indivíduo e o social, demonstrando como os corpos são, simultaneamente, produtos e agentes de sistemas discursivos. Por meio de uma meticulosa análise de práticas culturais, representações midiáticas e teorias feministas, *Bodies that matter* se estabelece como uma obra indispensável para qualquer pessoa interessada em compreender a complexa interação entre corpo, gênero e poder.

A literatura marginal e as obras de Judith Butler, em especial *Bodies that matter* e *Gender trouble*, embora aparentemente distintas em sua temática e abordagem, convergem em pontos fundamentais relacionados à desconstrução das normatividades e ao questionamento das estruturas de poder que moldam as identidades. O entrelaçamento dessas áreas proporciona uma rica tapeçaria de discursos que abordam, direta ou indiretamente, os corpos e vozes que são frequentemente relegados às margens da sociedade. A literatura marginal, originária das periferias e de grupos subalternizados, oferece narrativas que desafiam as representações hegemônicas. Ao fazê-lo, essa literatura não apenas desafia os discursos dominantes, mas também destaca a presença e resistência de vozes que, embora frequentemente silenciadas, persistem e se afirmam contra as adversidades. Essas narrativas, vindas das bordas da sociedade, interrogam e subvertem as noções estabelecidas de identidade, poder e pertencimento.

Colocar as obras de Judith Butler em diálogo com a literatura marginal, que será abordada no próximo capítulo, revela como ambas buscam dar visibilidade a corpos e vozes que desafiam e resistem às categorizações normativas. A literatura marginal, com sua ênfase em narrativas de resistência, ecoa as teorias de Butler (1990, 1998) sobre performatividade de gênero e materialidade dos corpos. Em essência, a literatura marginal incorpora os atos subversivos que Butler descreve como fundamentais para desafiar normas estabelecidas. Assim como os corpos performativos, que resistem às categorizações binárias em *Gender*

trouble, as narrativas da literatura marginal rompem com expectativas convencionais, criando novas formas de representação e expressão.

A literatura marginal, por sua vez, dá voz a grupos e indivíduos sistematicamente excluídos ou marginalizados pelas narrativas dominantes. Autores dessa literatura frequentemente exploram temas de resistência, identidade e justiça social, oferecendo perspectivas que contestam as representações hegemônicas. A convergência entre as obras de Butler e a literatura marginal se manifesta na maneira como ambas desafiam e desconstróem as normas que governam a inteligibilidade dos corpos e identidades.

A performatividade de gênero, como articulada por Butler (1990), encontra paralelos nas narrativas da literatura marginal que utilizam a voz e o corpo como instrumentos de resistência. Por exemplo, a obra de Audre Lorde, poetisa e ativista cujos escritos abordam a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade, explora identidades que resistem às definições normativas. Lorde, assim como Butler, vê o corpo como um *site* de resistência, onde a performatividade pode subverter normas opressivas.

A literatura marginal compartilha com Butler a preocupação em questionar e reconfigurar as estruturas de poder que determinam quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas. Em *Bodies that matter*, Butler (1998) argumenta que corpos que não se conformam às normas hegemônicas são frequentemente marginalizados ou apagados. Da mesma forma, a literatura marginal busca recuperar e amplificar essas vozes, proporcionando uma plataforma para a expressão de identidades complexas e diversas.

Outro ponto de convergência é a abordagem crítica às normas sociais que perpetuam exclusão e desigualdade. Butler (1998), ao discutir a abjeção, refere-se ao processo pelo qual certos corpos são excluídos da esfera do humano e do inteligível. Esse conceito é particularmente relevante na literatura marginal, em que a experiência da exclusão e da marginalização é central. Obras como *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*, de Anzaldúa (2012), exploram a vida nas margens e as identidades que surgem dessas experiências liminares, desafiando fronteiras impostas pelas normas culturais e sociais.

A interseccionalidade é um tema comum nas teorias de Butler e na literatura marginal. Autores como Crenshaw (1991) destacam a importância de se considerar múltiplas formas de opressão e suas interações. Butler (2004) também enfatiza que identidades de gênero não podem ser entendidas isoladamente, mas devem ser analisadas junto com outras categorias sociais, como raça, classe e sexualidade. Essa abordagem interseccional é fundamental na literatura marginal, que frequentemente aborda a complexidade das identidades ao entrelaçar questões de raça, gênero, classe e sexualidade.

Explorar essas interseções revela como ambas as abordagens não apenas desafiam normas estabelecidas, mas também propõem novas formas de compreender e valorizar a multiplicidade humana. Butler e a literatura marginal promovem uma reavaliação das estruturas que definem pertencimento e identidade, insistindo na importância de reconhecer e celebrar a diversidade. Butler (1990) argumenta que a performatividade de gênero pode subverter normas ao expor sua arbitrariedade, um conceito refletido nas narrativas marginais que rompem com expectativas convencionais e forjam novas formas de expressão.

A obra de Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo Bell Hooks, significativa na literatura marginal, discute como patriarcado e racismo se entrelaçam para marginalizar corpos negros e femininos. Em seus escritos, Hooks (2019) defende a importância de desafiar narrativas dominantes e criar espaços onde vozes marginalizadas possam ser ouvidas. Essa perspectiva ressoa fortemente com a teoria de Butler (1998) sobre performatividade de gênero e materialidade dos corpos, pois ambos os campos enfatizam a necessidade de resistir a normas opressivas e reconfigurar estruturas de poder.

Em *Undoing gender*, Butler (2004) continua a explorar como normas sociais limitam e definem possibilidades de existência. Ela argumenta que desestabilizar essas normas é crucial para permitir maior inclusão e reconhecimento de identidades diversas. Essa ideia se alinha com a missão da literatura marginal, que constantemente desafia fronteiras do que é considerado aceitável ou inteligível dentro de uma determinada ordem social.

A convergência entre a literatura marginal e as obras de Butler é encontrada na resistência compartilhada contra sistemas normativos e na celebração da diversidade, pluralidade e complexidade dos corpos e identidades. Ambas trazem à tona questões cruciais sobre o que significa existir e ser reconhecido em um mundo que frequentemente busca silenciar, marginalizar ou apagar diferenças. Ao fazê-lo, desafiam noções tradicionais de pertencimento e identidade, propondo novos modos de compreender e valorizar a multiplicidade humana.

Em vista disso, pode-se entender que a integração das teorias de Judith Butler com a literatura marginal revela uma rica interseção de ideias que desafiam normas sociais e culturais estabelecidas. Tanto Butler quanto os autores de literatura marginal utilizam subversão performativa para desestabilizar categorias fixas de identidade e promover maior inclusão e reconhecimento da diversidade humana. Analisar essas obras em conjunto enriquece nossa compreensão das dinâmicas de poder e resistência, destacando a importância de continuar questionando e redefinindo normas que governam vidas sociais e culturais.

1.3 O cristianismo e a condição do comportamento

Chaves (2012) afirma que a fonte e justificação da educação cristã projeta-se na premissa de que, se Deus, em sua trindade, estava envolvido no ensino, então o Seu povo tem que seguir o exemplo. Além disso, o Antigo e o Novo Testamento não são apenas a base e o padrão para a educação cristã, eles constituem todo o conteúdo que abrange as culturas primitivas cristãs. E é justamente com essas culturas que a educação cristã se edificou e se proliferou, trazendo os primeiros conceitos protestantes. Dessa forma, ela passou a doutrinar civilizações trazendo benefícios para diversos povos.

Em meados do século XVI, conforme Chaves (2012), a Igreja Católica tinha total autonomia em questões culturais e educacionais. Após o início da Reforma Protestante, Martinho Lutero (1483-1546), não estando de acordo com as normas impostas pela Igreja de Roma, fez o levantamento de 95 teses e as expôs para a população; em consequência, exprimiu necessidades sociais e políticas concretas trazidas pelas transformações na base material da sociedade.

Segundo Musskopf (2012), entre tais necessidades, nota-se a questão da educação como um dever do Estado, não exclusiva da Igreja; e a alfabetização como algo necessário para que o rebanho tivesse acesso às Escrituras Sagradas. Nesse aspecto, correntes judaicas e de civilizações mais antigas, no que corresponde à formação do pensamento cristão, moldaram a religião cristã moderna. Dessa forma, certa barbárie e violência trouxeram questões que nortearam de forma predominante a religião ocidental. Esse feito excluiu, oprimiu e privou diversas vozes de se manifestarem dentro e fora da igreja. A relação entre o cristianismo e a comunidade LGBTQIAP+ tem sido um campo de interação complexa, atravessada por interpretações teológicas, transformações sociais e uma busca contínua por compreensão mútua. Ao longo da história, essa relação enfrentou desafios e conflitos, mas também testemunhou mudanças significativas nas atitudes e práticas de algumas denominações religiosas.

Durante séculos, muitas tradições cristãs adotaram interpretações conservadoras das Escrituras para abordar a sexualidade e as identidades de gênero. Essas interpretações resultaram na marginalização e discriminação de pessoas LGBTQIAP+ dentro das comunidades religiosas. A relação do cristianismo com a comunidade LGBTQIAP+ tem sido frequentemente marcada por tensões e conflitos. Historicamente muitas instituições religiosas adotaram interpretações bíblicas estritas que condenavam práticas homossexuais e identidades de gênero não conformes. Essas interpretações, muitas vezes ligadas a versículos específicos

das Escrituras, levaram à marginalização e discriminação de indivíduos LGBTQIAP+.

No entanto, nas últimas décadas, algumas denominações e grupos cristãos têm adotado uma abordagem mais inclusiva e compassiva em relação à comunidade LGBTQIAP+. Normalmente essa mudança é fundamentada em uma reinterpretação dos ensinamentos cristãos, centrando-se nos princípios de amor, compaixão e aceitação. Teólogos e líderes religiosos progressistas argumentam que a mensagem central do cristianismo é a de amor incondicional por todos os seres humanos.

A busca por harmonia entre o cristianismo e a comunidade LGBTQIAP+ requer uma abordagem sensível e aberta. Os defensores da inclusão argumentam que a religião pode evoluir sem comprometer seus valores fundamentais, incorporando uma compreensão mais abrangente das diversidades humanas. Isso exige uma reflexão constante sobre as interpretações tradicionais e a disposição de reconsiderar crenças arraigadas.

Apesar das diferenças, iniciativas de diálogo e reconciliação estão em andamento. Grupos inter-religiosos e interdenominacionais buscam encontrar pontos de convergência e compreensão mútua. Esse diálogo muitas vezes destaca a importância de respeitar a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Com isso, temos o surgimento da Teologia *Queer*, que é um campo emergente que busca reinterpretar as passagens bíblicas relacionadas à sexualidade e gênero, questionando interpretações tradicionais.

Defensores da Teologia *Queer* argumentam que a compreensão das Escrituras deve levar em consideração o contexto cultural, histórico e linguístico em que foram escritas. Isso permite uma abordagem mais inclusiva e sensível às realidades das identidades LGBTQIAP+. A Teologia *Queer* é um campo teológico que se baseia nas perspectivas *queer* e LGBTQIAP+, para examinar questões de fé, religião e espiritualidade. Ela busca desafiar e questionar as normas tradicionais e estereótipos de gênero e sexualidade nas tradições religiosas e explorar novas interpretações e abordagens inclusivas. A Teologia *Queer* surge como uma crítica às estruturas religiosas que historicamente marginalizaram e condenaram as pessoas LGBTQIAP+. Ela busca desafiar a heteronormatividade e a cisnormatividade, que são as normas sociais que favorecem e privilegiam a identidade de gênero e a orientação sexual, consideradas “normais” de acordo com os padrões tradicionais.

Os teólogos e teólogas *queer* questionam as interpretações bíblicas e teológicas que são usadas para justificar a discriminação e a exclusão das pessoas LGBTQIAP+ dentro das comunidades religiosas. Eles buscam resgatar histórias e textos sagrados que possam ser interpretados de forma mais inclusiva e celebrar a diversidade de identidades e expressões de

gênero e sexualidade. Essa teologia também aborda questões de poder, opressão e justiça social, buscando promover a igualdade, a aceitação e a inclusão das pessoas LGBTQIAP+ nas comunidades religiosas e na sociedade como um todo. Além disso, procura entender como a religião pode ser um espaço de resistência e empoderamento para as pessoas LGBTQIAP+.

É importante ressaltar que a Teologia *Queer* é um campo teológico diverso e em constante desenvolvimento, com diferentes perspectivas e abordagens. Nem todas as tradições religiosas e comunidades aceitam ou adotam a Teologia *Queer*, além disso existem debates e controvérsias dentro do próprio campo teológico sobre questões doutrinárias e interpretativas. Em resumo, a Teologia *Queer* é um campo que busca desafiar as normas tradicionais de gênero e sexualidade nas tradições religiosas, promover a inclusão das pessoas LGBTQIAP+ e explorar novas interpretações teológicas e espirituais.

A discriminação e o preconceito enfrentados pela comunidade LGBTQIAP+ representam uma realidade dolorosa e profundamente arraigada em muitas sociedades ao redor do mundo. Essa discriminação se manifesta de várias formas, desde agressões verbais até violência física, e tem suas raízes em crenças culturais, religiosas e sociais que perpetuam estereótipos e visões negativas. O preconceito contra a comunidade LGBTQIAP+ é influenciado por múltiplos fatores, incluindo orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero e características físicas. Essas dimensões complexas muitas vezes se interseccionam com raça, religião, classe social e outros elementos da identidade, criando uma teia intrincada de discriminação que afeta a vida de muitas pessoas. Conforme afirma Butler (2004), “As normas de gênero e sexualidade não apenas regulam as identidades, mas também servem como instrumentos de opressão que podem resultar em violência física e simbólica”.

A discriminação não é apenas um problema interpessoal, mas também está enraizada em estruturas sociais e institucionais. Leis discriminatórias, políticas excludentes e falta de proteção legal contribuem para a marginalização da comunidade LGBTQIAP+. A negação de direitos fundamentais, como o casamento igualitário e a adoção de filhos, perpetua o ciclo de desigualdade. Esses fatores possuem um impacto devastador na saúde mental das pessoas LGBTQIAP+. O estigma social, a rejeição familiar e a violência podem levar a problemas como depressão, ansiedade e ideação suicida. O isolamento causado pela discriminação agrava esses problemas, criando uma situação de vulnerabilidade. Conforme aponta Bento (2017), a violência contra pessoas LGBTQIAP+ está profundamente ligada às estruturas de poder e controle social que perpetuam a marginalização e a exclusão.

A mídia desempenha um papel significativo na perpetuação de estereótipos prejudiciais. A representação negativa ou ausência de personagens LGBTQIAP+ em

programas de TV, filmes e mídias sociais contribui para a manutenção do preconceito. A cultura dominante muitas vezes reforça normas de gênero estritas e visões binárias da sexualidade. No entanto, a presença de personagens LGBTQIAP+ é cada vez maior e, de maneira positiva, frequentemente questiona a não aceitação deles. Conforme aponta (Miskolci, 2013), a visibilidade positiva de personagens LGBTQIAP+ na mídia pode desafiar e transformar percepções sociais, promovendo a aceitação e a inclusão. A luta contra o preconceito requer um esforço conjunto de todos os setores da sociedade. O preconceito contra a comunidade LGBTQIAP+ é uma manifestação dolorosa de desigualdade e injustiça social. Abordar esse problema requer uma abordagem multidimensional que envolva a conscientização, a mudança cultural, a legislação e a aceitação interpessoal. Somente através de esforços conjuntos, baseados na empatia e no respeito mútuo, podemos trabalhar para criar um mundo onde todos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, possam viver suas vidas autênticas sem medo de discriminação ou preconceito.

Dessa forma, diante dos diversos percalços enfrentados por pessoas LGBTQIAP+, temos a necessidade de buscar e preencher espaços não apenas físicos, mas também sociais e culturais. Com isso temos a cibercultura que tem se tornado um espaço fundamental para a expressão, visibilidade e construção de identidade para a comunidade *queer*. A ciberliteratura, um componente significativo desse cenário digital, emerge como uma plataforma versátil que desafia as normas tradicionais e oferece uma voz poderosa para aqueles que, frequentemente, foram marginalizados na sociedade.

2 O PAPEL DA CIBERLITERATURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES LGBTQIAPN+

Desde sua gênese nas décadas finais do século XX, a literatura marginal brasileira emerge como resistência expressiva à narrativa hegemônica, concedendo espaço a vozes oriundas das periferias e territórios socialmente subalternizados. Galé (2022), em sua obra *Febre do Rato: uma poiesis marginal*, relata que, durante o ápice do regime militar, essa vertente literária resistiu aos constrangimentos políticos e culturais, utilizando-se de publicações autônomas e inovadoras. Segundo o autor, poetas emblemáticos, como Roberto Piva e Waly Salomão, com sua postura crítica e experimentação formal, tornaram-se ícones desse período, questionando tanto o *status quo* sociopolítico quanto os padrões literários.

À medida que o século XXI se desenrolou, uma evolução desse conceito pôde ser percebida. Agora, não se relacionando apenas a um contraponto político, a literatura marginal contemporânea trouxe à luz as realidades, aspirações e dilemas de espaços urbanos marginalizados. A complexidade de temas abordados, que vão desde a violência até reflexões sobre identidade, expandiu a concepção e abrangência dessa literatura.

Essa manifestação literária, influenciada pelo cenário global e tecnológico, encontrou nas plataformas digitais, *saraus* e *slam poetry*⁹, mecanismos potentes de divulgação e engajamento, amplificando seu impacto e alcance. A literatura marginal, em suas diversas manifestações, configura-se como um instrumento de reivindicação e expressão para grupos frequentemente silenciados ou estigmatizados. Ao conferir visibilidade e voz a essas realidades, essa produção literária desafia e enriquece o campo cultural brasileiro, reiterando a pluralidade e diversidade inerentes à nossa nação.

Nesse sentido, Hall (1996, p. 7) argumenta que

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

A discussão central acima se concentra nessa transformação: identidades tradicionais, anteriormente pilares de estabilidade no tecido social, estão agora em processo de erosão. Isso dá espaço para o surgimento de novas formas de autoconcepção, conduzindo à fragmentação do que era previamente percebido como um sujeito coeso. O fenômeno frequentemente

⁹ *Slam Poetry* é uma forma competitiva de performance poética, onde participantes recitam seus versos originalmente criados, sendo frequentemente avaliados por jurados ou pela própria audiência. Originada nos anos 1980 em Chicago, esta modalidade combina a expressão verbal com elementos performáticos, permitindo abordar temáticas sociais, políticas e pessoais de maneira intensa e envolvente.

denominado “crise de identidade” é interpretado como um segmento de uma dinâmica de transição mais vasta. Essa transição está realocando estruturas fundamentais e mecanismos inerentes às sociedades contemporâneas, além de perturbar os sistemas de referência que anteriormente proporcionavam aos seres humanos um senso de firmeza dentro do contexto social.

Com isso, no século XXI, o conceito de literatura marginal se reconfigurou. Agora, ele se relaciona principalmente com escritores das favelas e periferias, que retratam em suas obras a realidade das comunidades carentes, abordando temas como violência, preconceito, resistência e identidade. De maneira mais ampla, essa literatura é uma forma de resistência e contestação, possibilitando que vozes até então silenciadas encontrem espaço para se manifestar. Ela não apenas reflete a realidade vivenciada por seus autores, mas também desafia convenções literárias e sociais, demonstrando a potência e a relevância das narrativas oriundas das margens.

A literatura, ao longo dos séculos, tem sido um espelho da sociedade, refletindo suas dinâmicas, contradições e anseios. Como lembra Santos (2033, p. 21-22):

A bem da verdade, o texto literário nunca fincou pé na permanência e na linearidade, ao contrário do que muita gente tem afirmado (fruto, talvez, de leituras apressadas do S/Z, de Roland Barthes). Tal equívoco parece decorrer de certa confusão entre texto literário e livro. Este tem sido, nos últimos séculos, o meio de veiculação, a base material do texto, como já o foram a voz na literatura de tradição oral e os papiros, pergaminhos e códices nos primórdios da tradição escrita. E o sucesso dessa base material – o livro – se explica por ela ter conseguido associar maneabilidade a permanência.

No contexto brasileiro, a literatura marginal ocupa um espaço singular, servindo como um canal vital de expressão para grupos historicamente marginalizados e silenciados. Por meio dessa vertente literária, minorias – sejam elas étnicas, sociais, de gênero ou de outros eixos de diferenciação – encontram uma plataforma para narrar suas experiências, desafios e resistências. Nas décadas de 1970 e 1980, em meio ao regime militar, surgiram vozes que, alheias ao circuito editorial tradicional, decidiram produzir e distribuir seus trabalhos de maneira independente. Tal movimento foi marcado pela autonomia e subversão, que desafiavam, através de seus escritos, as normativas opressivas do período (Galé, 2022).

Ao se referir a teóricos que acreditam que as identidades modernas estão colapsando, Hall (2006, p. 9) argumenta que

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão

também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

A relevância da literatura marginal para as minorias transcende o cenário político. No século XXI, essa expressão literária expandiu-se, acolhendo vozes oriundas de periferias urbanas, comunidades quilombolas, povos indígenas, entre outros. Ferréz (2002), por exemplo, tornou-se símbolo da literatura periférica, evidenciando em sua obra as intrincadas realidades das favelas brasileiras. Além da representação, a literatura marginal possui uma dimensão emancipatória. Ao proporcionar às minorias um espaço para narrar suas próprias histórias, desafia estereótipos, desconstrói preconceitos e reivindica identidades.

Segundo Carneiro (2016), escritoras como Cidinha da Silva, em seu livro *Racismo no Brasil e afetos correlatos* (2013), ao abordar questões raciais e de gênero em seus contos, exemplificam essa capacidade da literatura de empoderar e ressignificar. Nesse sentido, Giddens (1990 *apud* Hall 2006, p. 15) afirma que “[...] à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra – e a natureza das instituições modernas”.

Em um mundo cada vez mais interconectado e marcado por desigualdades, a literatura marginal assume um papel crucial, funcionando como instrumento de resistência e reconhecimento. Além disso, contribui para a ampliação do diálogo social, enriquecendo o mosaico cultural brasileiro e reconhecendo a importância das narrativas das minorias.

2.1 Ciberliteratura e literatura marginal

A transformação digital e a consequente emergência da ciberliteratura no final do século XX e início do XXI inauguraram uma nova dimensão do fazer literário, reconfigurando fronteiras estéticas, produtivas e distributivas. Essa revolução, que se alimenta da confluência entre literatura e tecnologia, encontra interessantes interseções com a literatura marginal, especialmente no que tange às novas possibilidades de representação e circulação de vozes historicamente marginalizadas.

A ciberliteratura, conforme elucidado por Hayles (2008), refere-se às obras literárias concebidas e destinadas para a leitura em dispositivos eletrônicos, sendo intrinsecamente dependente da digitalização. Tais obras, muitas vezes interativas e hipertextuais, desafiam as convenções da literatura impressa e exploram a multiplicidade do ciberespaço. Por outro lado,

a literatura marginal, como observado por Galé (2022), surge como um espaço de resistência e expressão de vozes periféricas, desafiando as normas literárias e culturais estabelecidas. A natureza intrépida dessa literatura, que historicamente utilizou-se de meios alternativos de publicação e distribuição, encontra no ambiente digital uma plataforma potencialmente democratizante e expansiva.

As plataformas digitais e redes sociais, como *blogs*, *Wattpad*, entre outros *sites*, têm sido terreno fértil para escritores marginais que, alheios às grandes editoras, buscam espaço para seus escritos. Esse é o impacto transformador da ciberliteratura na ampliação das vozes marginalizadas através de formatos interativos e multimodais. Caracterizada pela sua natureza digital, ela permite a fusão de múltiplos modos de expressão, como texto, som, vídeo e interatividade. Essa convergência multimídia não só enriquece a experiência narrativa, mas também democratiza o acesso às plataformas de expressão, oferecendo aos indivíduos e grupos historicamente marginalizados novos meios para articularem suas experiências, lutas e resistências.

Ao incorporar elementos digitais, a ciberliteratura transcende as formas tradicionais de narração, que frequentemente se limitam ao texto impresso. Esse avanço permite uma expressão mais dinâmica e adaptativa das narrativas que podem refletir de forma mais autêntica a complexidade das experiências vividas pelos narradores. Assim, o formato digital não é apenas um veículo para a história, mas também um espaço de experimentação e inovação que desafia as normas e práticas estabelecidas no campo literário.

As obras de Oliveira (1959, 1961, 1983, 1993, 2010, 2015a, 2015b) exemplificam essa prática ao mesclar literatura com elementos digitais, quebrando as barreiras convencionais entre diferentes formas artísticas e expandindo o conceito de narrativa. Por meio de sua abordagem interdisciplinar, a autora não somente desafia as categorizações tradicionais entre música, literatura e arte digital, mas também proporciona um espaço para a exploração crítica de temas contemporâneos através de uma estética inovadora. Seu trabalho ressalta a potência da ciberliteratura como um meio de empoderamento e reivindicação de identidades, oferecendo uma plataforma onde as vozes marginalizadas podem moldar e compartilhar suas narrativas de maneira que ressoe tanto em níveis pessoais quanto coletivos.

Portanto, a ciberliteratura, conforme discutido por Azevedo Alvarenga (2024), representa uma evolução significativa na maneira como as narrativas são criadas, consumidas e interpretadas, proporcionando um terreno fértil para a contestação de estereótipos e preconceitos, além de fomentar um diálogo mais inclusivo e representativo sobre a diversidade humana.

A relação entre ciberliteratura e literatura marginal ilustra a contínua evolução do universo literário em que novas tecnologias e formas de expressão coexistem e se retroalimentam. Enquanto a ciberliteratura redefine a materialidade e interatividade da experiência literária, a literatura marginal assegura que o ciberespaço continue a ser um local de diversidade, representatividade e resistência.

A ciberliteratura e a literatura marginal têm por função a redefinição da experiência literária e afirmativa da representatividade no ciberespaço. A revolução digital no final do século XX propiciou uma metamorfose na paisagem literária global. Entre suas várias manifestações, a ciberliteratura surgiu como uma expressão artística que dialoga intrinsecamente com a digitalidade, articulando textos que são concebidos, distribuídos e lidos por meio de plataformas eletrônicas (Hayles, 2008). Em sua essência, essa vertente literária desestabiliza noções preestabelecidas de materialidade, uma vez que as obras não se concretizam mais exclusivamente no papel, mas em ambientes digitais.

Essa redefinição proposta pela ciberliteratura converte-se em uma vasta gama de experiências de leitura, que vão além da linearidade do texto impresso. Conforme observa George Landow (2006), o leitor, nesse contexto, torna-se não apenas receptor, mas cocriador da narrativa, envolvendo-se ativamente em tramas hipertextuais e em ambientes literários imersivos. Sua presença no ciberespaço, ao aliar-se à acessibilidade proporcionada pela digitalização, amplifica significativamente o alcance destas vozes, permitindo que autores de diferentes *backgrounds*, localizações geográficas e vivências culturais compartilhem suas narrativas com um público global. Assim, enquanto o mundo digital proporciona as ferramentas, é a literatura marginal que assegura que essas plataformas se mantenham como bastiões de diversidade e representatividade.

A confluência entre ciberliteratura e literatura marginal no ciberespaço torna-se fundamental para garantir que a vastidão e a democratização potencial da *internet* sejam acompanhadas de pluralidade de vozes e resistência contra a homogeneização cultural. Ao explorar a flexibilidade e interatividade propiciadas pelo meio digital, a literatura marginal se reinventa, alcançando novos patamares de engajamento e impacto.

Mais do que simplesmente contar histórias, ela provoca, questiona e, sobretudo, redefine paradigmas sobre representatividade e pertencimento no vasto domínio digital em um momento histórico onde discursos hegemônicos tendem a monopolizar espaços. “A pluralidade dos objetos será filtrada pelo leitor e moldada por seu interesse, seu olhar, seu poder cognitivo (tanto como possibilidade, quanto como potência). O texto digital se põe na beira do abismo na tentativa de ser texto plural” Aranha (2008, p. ?). Nesse excerto,

discute-se a interação dinâmica entre o leitor e os textos digitais. Ele sugere que a variedade de conteúdos disponíveis é processada de forma seletiva pelos leitores, que a interpretam conforme suas próprias perspectivas, interesses e capacidades intelectuais. Estas últimas são entendidas não só como a habilidade de compreender, mas também como a força de assimilar e expandir conhecimento.

Aranha (2008) coloca o texto digital em um ponto crítico, no qual busca alcançar uma multiplicidade de significados, refletindo a tentativa de abarcar a diversidade interpretativa dos usuários, divergindo assim do que poderíamos ter como literatura canônica, em que o leitor é apenas um intérprete das palavras do autor, e não um coadjuvante na produção textual. Dessa feita, o público dita as possibilidades de produção de determinados autores, pois o autor digital produz aquilo que agrada seu público e aquilo que lhe apraz, diferente do autor de literatura de entretenimento tradicional, que muitas vezes produz o que o mercado busca comprar como forma de subsistir nesse cenário.

Assim, tem-se a visão de que o cenário contemporâneo é marcado por uma crescente centralização de poderes midiáticos e culturais, em que discursos dominantes estabelecem monopólios narrativos, frequentemente excluindo perspectivas divergentes (Hall, 1997). Essa monopolização tem efeitos profundos, não apenas restringindo o acesso à informação, mas também modelando a maneira como a sociedade compreende a si mesma e aos outros.

Palacios e Terenzzo (2016) relacionam as narrativas à motivação. Histórias são interessantes e motivadoras, atraem ouvintes e promovem a comunicação. Como contadores de histórias, temos oportunidade de fazer tudo e desenvolver esse processo de qualquer forma – ler, escrever, ouvir e falar. Campbell (1974) afirma que somos todos contadores de histórias naturais. McKee (2017), em seu livro *Story – Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro*, afirma que, na mesma liga com William Shakespeare (dramaturgo), Quentin Tarantino (cineasta) ou Banksy (grafiteiro), ao final de um dia normal, teremos contado dezenas de histórias sem perceber. Robin Dunbar, antropólogo e psicólogo evolucionista britânico, é conhecido por suas pesquisas sobre o comportamento social humano e a evolução da linguagem. Uma de suas obras mais influentes, *Grooming, gossip, and the evolution of language* (1998), explora a relação entre a evolução da linguagem e as interações sociais humanas.

Nós pensamos em narrativas durante todo o dia: qual a maneira mais rápida de começar a trabalhar, o que está nas manchetes, enfim, contar histórias é a própria essência de ser humano e uma maneira de entender o mundo.

Gallo (2019), em *Five stars: the communication secrets to get from good to great*,

ênfatiza a ubiquidade do *storytelling* no tecido da existência humana. Ele observa como a arte de contar histórias se manifesta naturalmente em diversas situações e contextos, fluindo espontaneamente sem a necessidade de um impulso consciente. Segundo o autor, a narrativa é uma prática tão arraigada nas interações sociais e na comunicação que ocorre de maneira quase involuntária, destacando assim a importância do *storytelling* como um elemento fundamental e instintivo da experiência humana.

Cunha (2003) afirma que as histórias promovem uma independência no pensar e no desenvolvimento do saber. Elas vão de encontro com a postura autoritária que adultos adotam perante a criança, oferecendo-lhe aquilo que acham ser o melhor para ela, sem buscar observá-la e apreender suas necessidades, seja pela conversa sincera ou pelas suas manifestações concretas: gestos, atitude de recepção ou não, expressão corporal diante de uma história que está sendo contada. Na opinião de Cunha (2003, p. 112),

é preciso lembrar que a criança é um ser ativo, que não digere informações apenas, elas as transformam e recriam em função de suas necessidades e experiências. A criança é totalmente capaz de manifestar, de acordo com a idade e suas capacidades, aquilo que lhe agrada ou não. Quanto às cantigas de roda, que eram cantadas para ninar os bebês, ou para brincar na rua, na escola, nos encontros com os amigos e parentes, parecem ter perdido espaço para outras atividades.

Marisa Lajolo, uma renomada pesquisadora brasileira na área de literatura infantil e juvenil, em sua obra *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (1997), discute como as histórias, transmitidas de geração em geração, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da autonomia dos leitores. Ela argumenta que essas narrativas carregam informações e valores culturais que contribuem para a formação crítica e independente dos indivíduos (Lajolo, 2007).

Esse ponto de equilíbrio sobre a realidade e a fantasia é desenvolvido pelo aluno no momento em que ele entra em contato com a narrativa. O debate aborda a persistência e ressurgência de elementos culturais e psicológicos arcaicos no âmbito individual. Mesmo conceitos ou tradições que pareciam relegados ao esquecimento mantêm-se ativos em nosso ser, exercendo influência muitas vezes imperceptível. Inesperadamente, esses elementos podem ressurgir, tornando-se manifestos em nosso comportamento ou pensamento.

Essa emergência pode ser variável, condicionada pelas dinâmicas sociais e as exigências de grupos sociais em ascensão ou em processo de enfraquecimento. Assim, o que parecia obsoleto ou superado é frequentemente revivido e reintegrado no discurso contemporâneo, destacando a natureza cíclica de tais fenômenos culturais e psicológicos.

Pode-se argumentar que a arte de contar e ouvir histórias está no coração e traduz um significado existencial para o ser humano, revelando como ele articula suas experiências de mundo, e como fazer sentido disso.

A História é compreendida como o relato sistemático e investigativo de eventos significativos que moldaram as sociedades e a trajetória humana coletiva. Ela se constrói através de uma base empírica, recorrendo a fontes tradicionais e documentais para elucidar e compreender a sequência de transformações humanas ao longo do tempo. Por meio de abordagens científicas e metodológicas rigorosas, busca-se a compilação e a hermenêutica dessas informações históricas, permitindo a sua disseminação e estudo. Alternativamente, “estória” designa uma criação narrativa de natureza ficcional; uma fabricação artística que tece eventos e personagens não ancorados na realidade empírica, diferenciando-se da “história” por seu caráter inventivo e sua função primordialmente literária, como exemplificado em narrativas gráficas e outras formas de literatura.

De acordo com Ferreira (2008 *apud* Ferreira, 2021, p. 28),

história é a narração dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e da humanidade, em geral. Um conjunto de conhecimentos, adquiridos através da tradição e/ou mediante documentos, acerca da evolução do passado da humanidade. Ciência e método que permitem adquiri-los e transmiti-los. Narração de acontecimentos, ações, fatos ou particularidades relativas a um determinado assunto. [...]. Estória é: narrativa de ficção; exposição romanceada de fatos puramente imaginários (distinta da história, que se baseia em documentos ou testemunhos); conto, novela, fábula: estórias de quadrinhos.

Ferreira (2021, p. 29) destaca, ainda, que “uma história é um acontecimento real ou imaginado de eventos que descrevem a experiência humana”. Nesse sentido, Hardy (2011 *apud* Ferreira, 2021, p. 29) esclarece que

os termos “História” e “Narrativa” são frequentemente usados de forma intercambiável. Contudo, algumas pesquisas destacam que a história é a informal forma de contar a experiência vivida, enquanto a narrativa é uma interpretação estruturada da história, que inclui adições e omissões.

Enquanto contar histórias envolve muitas vezes pessoas e situações sem o uso de impressão ou tecnologia, vídeo e áudio modernos, atualmente tornou-se mais fácil utilizar esse processo graças à tecnologia. A tecnologia fornece oportunidades para as pessoas criarem e divulgarem histórias muito mais amplamente e informalmente. As histórias podem ser orais, escritas, visuais ou digitais – vários formatos e em vozes diferentes. A narração está sujeita à maneira como uma pessoa usa a linguagem escrita ou imagens.

Gallo (2019) nos diz que existe uma comunicação instantânea entre o indivíduo e as histórias. *Storytelling* pode comunicar o físico (corpo e linguagem verbal, voz e entonação), aspectos intelectuais e emocionais de uma pessoa, e o contexto de suas experiências passadas ou presentes, que permitem uma compreensão mais completa do seu Eu. Eu este que não é mais um sujeito individual, mas sim coletivo e globalizado. Nas palavras de Vogler (2007, p. 203), “*Storytelling* é a contação individual de um evento para criar uma imagem memorável na mente do ouvinte”.

Com isso, temos que a globalização levou as pessoas a sistematizarem ferramentas que até então eram usadas de forma empírica. As narrativas fazem parte desses mecanismos e é o processo mais explorado. No mundo atual é praticamente impossível separar o homem da máquina. Pela rede mundial de computadores temos acesso ao mundo, podemos consumir cultura de diversas maneiras, e uma dessas formas é a ciberliteratura.

Embora a ciberliteratura seja uma forma de expressão artística e literária com suas próprias características e potencialidades, ainda pode enfrentar preconceitos e resistências em alguns círculos. Quantos de nós, professores, em sala de aula, falamos sobre produções literárias dentro da rede mundial de computadores? Quantos de nós consideram produções em sítios *online* obras literárias? O preconceito é um dos fatores principais para que, por muitas vezes, fechemos nossos olhos diante do novo. É um garimpo? Talvez. Depende de onde e como você busca.

A rede mundial de computadores é um mar sem fim, cheia de navegantes de diversos padrões mentais, sociais e culturais. As produções feitas *online* são diversas e produzidas por diversos tipos de autores, democratizando o acesso e a divulgação a qualquer um que consiga usar a *internet*. Estamos lidando com a situação de um país no qual o preço dos livros extrapola o poder de compra do trabalhador assalariado; e o acesso a bibliotecas, até os dias atuais, é reservado para aqueles que podem se dar ao luxo da leitura e dos estudos, sem a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar.

A literatura digital engloba criações literárias concebidas especialmente para plataformas digitais, inviáveis de serem reproduzidas em formato impresso. Essas obras exploram recursos inerentes às tecnologias contemporâneas, como animações, elementos multimídia, hipertexto e colaboração na construção. É relevante observar que não todos os empreendimentos literários digitais incorporam simultaneamente todos esses elementos, da mesma forma que um filme pode optar por minimizar ou empregar de modo parcimonioso os efeitos visuais. Cada projeto de literatura digital aborda essas ferramentas de maneira singular, levando em consideração as restrições do autor ou equipe de criação, e principalmente, a

intenção de produzir um impacto estético desejado pela obra.

A interseção entre a literatura digital e o futuro do livro impresso tem sido objeto de reflexão acadêmica. Nessa discussão, algumas perspectivas argumentam que a ascensão da literatura digital pode eventualmente conduzir ao declínio do livro impresso. Jenkins (2006a) observa que a evolução das formas de comunicação influencia os hábitos de leitura e participação cultural, o que poderia impactar a predominância do livro impresso. Além disso, Landow (1996) sugere que a literatura digital, ao explorar recursos multimídia e interativos, desafia as limitações do meio impresso.

Contudo, é importante adotar uma visão mais matizada. Em sua obra *Writing space: computers, hypertext, and the remediation of print*, Bolter (2001) argumenta que a era digital é marcada pela coexistência de diferentes mídias. Ele introduz o conceito de “remediação”, que descreve como novas mídias não substituem necessariamente as antigas, mas as incorporam e transformam, ampliando o espectro de possibilidades comunicativas. O autor destaca que as tecnologias digitais reconfiguram mídias anteriores, como a escrita e a impressão, criando novas formas de expressão e interação sem eliminar completamente os meios tradicionais. A literatura digital pode ser encarada como um complemento ao livro impresso, conferindo dimensões narrativas inovadoras. Hayles (2008) apresenta a ideia de *media-specific analysis* em *Electronic literature: new horizons for the literary*. Nesse livro, ele considera que cada mídia possui características próprias que oferecem experiências únicas e enriquecedoras, e defende que as análises literárias devem levar em conta as especificidades dos diferentes suportes para entender plenamente suas implicações e significados.

Assim, enquanto a literatura digital expande horizontes e desafia convenções, a noção de que ela resultará no fim absoluto do livro impresso pode ser prematura. A coexistência pode ser frutífera, com o digital engendrando novas formas de leitura e o impresso mantendo sua relevância histórica e estética. Em última análise, a relação entre esses dois meios pode ser melhor compreendida não como uma competição pela sobrevivência, mas como um diálogo enriquecedor que contribui para a evolução contínua da literatura como um todo.

Precisamos observar e entender que literatura digital e *e-books* envolvem nuances significativas no contexto das formas de expressão literária e mídias eletrônicas. Nessa análise, é crucial destacar as especificidades de cada categoria. Landow (2006) afirma que a literatura digital vai além da simples transposição de conteúdo impresso para o meio eletrônico. Ela engloba trabalhos interativos e exploratórios que utilizam recursos multimídia e hipertexto para redefinir a experiência de leitura. O autor destaca que o hipertexto permite uma estrutura não linear, oferecendo ao leitor múltiplos caminhos e possibilidades de

interpretação, o que transforma a relação tradicional entre autor, texto e leitor. Essa perspectiva se alinha à compreensão de Aarseth (1997), que define a “ciberliteratura” como uma modalidade distintamente digital que transcende as limitações do texto estático.

Por outro lado, o *e-book*, conforme exposto por Bolter (2001), é uma adaptação digital do formato impresso, representando uma migração do texto tradicional para um suporte eletrônico, frequentemente mantendo a linearidade textual e a formatação tipográfica convencionais. Bolter (2001) também argumenta que, embora os *e-books* possam oferecer vantagens em termos de acessibilidade e portabilidade, eles tendem a manter a estrutura tradicional do livro impresso.

Assim, enquanto a literatura digital destaca-se por seu caráter experimental, interativo e não linear, incorporando elementos que ultrapassam as fronteiras do texto estático, o *e-book* é uma representação eletrônica do formato impresso, mantendo-se mais próximo da tradição textual linear. Essas diferenças fundamentais têm implicações para a experiência de leitores e para a maneira como a narrativa é concebida e apresentada, refletindo as transformações mais amplas nas formas de comunicação literária na era digital.

Outro fator necessário a se entender é a distinção entre literatura digitalizada e literatura digital, uma diferenciação essencial nas formas de expressão literária no contexto das mídias eletrônicas. Aarseth (1997) argumenta sobre a necessidade de se entender a ciberliteratura como uma categoria distinta, caracterizada pela interação e participação ativa de leitores, que vai além da simples transposição do texto impresso para o ambiente digital, enfatizando a natureza única dos textos eletrônicos e ergódigos.

Enquanto a literatura digitalizada, de acordo com Bolter (2001) e Landow (2006), refere-se à transposição de textos convencionais para formatos eletrônicos, mantendo-se predominantemente lineares e estáticos, a literatura digital é intrinsecamente interativa e multimídia, explorando as potencialidades das tecnologias contemporâneas. A literatura digitalizada, portanto, pode não transcender as limitações do formato impresso, enquanto a literatura digital introduz elementos interativos, hipertextuais e multimídia que redefinem a experiência de leitura, revelando a complexidade e a riqueza que emergem nas intersecções entre a palavra escrita e as possibilidades tecnológicas contemporâneas.

A questão da relação entre literatura digital e o futuro do livro impresso é um tema amplamente debatido no contexto das transformações tecnológicas contemporâneas. Nessa discussão, diversas perspectivas surgem, e autores renomados contribuíram para o entendimento dessa dinâmica complexa. Segundo Aarseth (1997), a emergência da ciberliteratura, desafia a linearidade e a unidirecionalidade da narrativa impressa,

apresentando uma nova forma de envolvimento de leitores.

Essa abordagem encontra respaldo nas observações de Bolter (2001), que destaca a natureza não linear e exploratória da literatura digital, capaz de proporcionar uma imersão mais ativa e participativa. Contudo, Jenkins (2006a) observa que a coexistência de múltiplas mídias é uma característica marcante da cultura digital, sugerindo que a literatura digital não necessariamente resultará no desaparecimento do livro impresso. Esse argumento ecoa as ideias de Bolter (2001) sobre o “*remediation*,” em que novas mídias frequentemente incorporam elementos das antigas, reconfigurando-as em novos formatos.

Além disso, o contexto histórico também é relevante. Landow (2006) aponta que a transição de um meio para outro frequentemente não envolve substituição total, mas sim uma transformação complexa. Similarmente, McLuhan (1964) argumenta que as tecnologias não apenas moldam a percepção da realidade, mas também funcionam como extensões das capacidades humanas, amplificando experiências anteriores e influenciando profundamente a sociedade e a cultura. Faz-se necessário compreender que a literatura digital pode ser vista como uma expansão do espectro literário, introduzindo novas formas de expressão e interação. A ideia de que ela extinguirá o livro impresso pode ser simplista. A coexistência de múltiplas formas de expressão literária é uma característica do ambiente digital, e as transformações tecnológicas frequentemente influenciam, mas nem sempre substituem, formas estabelecidas de comunicação cultural.

A partir das reflexões de Bhabha (1998) sobre os desafios da modernidade, especialmente no que diz respeito à redefinição das relações de significação em um “presente” disjuntivo, onde o passado é reencenado como símbolo, mito, memória e história, pode-se observar a pertinência dessa contextualização tanto para a ciberliteratura quanto para a literatura canônica. O autor explora como a modernidade é marcada por temporalidades fragmentadas que influenciam a forma como a história e a memória são narradas e interpretadas. Essa perspectiva é particularmente relevante quando se considera as interações complexas entre a literatura digital e a canônica, evidenciando como ambas dialogam com a dinâmica contemporânea, onde o passado e o presente se entrelaçam de maneira inovadora e multifacetada.

No que concerne à ciberliteratura, a ideia de reinscrever o valor interativo do passado na textualidade do presente encontra paralelos nas práticas literárias interativas e hipertextuais. Autores como Aarseth (1997) e Hayles (2008) exploraram a maneira pela qual a ciberliteratura reconfigura a relação entre passado e presente, permitindo que o leitor participe ativamente da construção do significado. A ciberliteratura não apenas convoca o passado

literário, mas também atualiza essas tradições de maneira interativa e adaptativa.

Embora Harold Bloom (1994), em *O Cânone Ocidental*, afirme que toda produção literária é inevitavelmente uma cópia, fruto de um diálogo intertextual contínuo, essa perspectiva revela uma visão elitista e excludente que ignora a potência criativa das narrativas oriundas de grupos historicamente marginalizados. Bloom, ao defender uma ideia de pureza literária ancorada na tradição ocidental, desconsidera que a literatura não se limita à repetição de modelos consagrados, mas pode ser um espaço de ruptura, insurgência e reinvenção. É nesse ponto que as reflexões de Spivak (1988) em *Pode o Subalterno Falar?* oferecem um contraponto fundamental. Para a autora, a possibilidade de o subalterno falar reside exatamente na capacidade de ressignificar discursos hegemônicos, apropriando-se das estruturas discursivas para afirmar identidades e experiências silenciadas. Nas fanfictions e na ciberliteratura, por exemplo, leitores e escritores pertencentes a comunidades marginalizadas não apenas repetem o cânone, mas o desestruturam, inserindo perspectivas que desafiam normas estabelecidas e evidenciam a insuficiência do cânone tradicional. Assim, o ato de escrever nesses espaços digitais não é uma mera cópia, mas um gesto de resistência e uma estratégia de deslocamento das fronteiras de legitimidade literária, questionando a autoridade de um cânone que insiste em perpetuar a invisibilidade de vozes dissidentes.

Desta forma, vemos que a produção de literatura digital não se limita a uma única região geográfica, mas ocorre de forma global, em consonância com as transformações tecnológicas e culturais. Autores e estudiosos têm explorado essa disseminação da literatura digital em várias partes do mundo, demonstrando sua natureza transnacional e intercultural. Aarseth (1997) considera que a ciberliteratura transcende fronteiras físicas, destacando como as obras digitais podem ser acessadas e compartilhadas internacionalmente. A ampla disponibilidade de recursos tecnológicos e a conectividade global possibilitam a produção e disseminação de literatura digital em diversas localidades.

Obras de literatura digital têm emergido em regiões tão diversas como América Latina, Europa e Ásia. Por exemplo, a América Latina testemunhou a criação de peças de ciberliteratura em espanhol e português, como discutido por Lévy (2007). Na Europa, plataformas digitais e festivais literários, como o *E-Poetry Festival*, têm promovido a produção e o diálogo em torno da literatura digital. Da mesma forma, na Ásia, iniciativas como a *Electronic Literature Organization* (ELO) oferecem um espaço para escritores explorarem formas inovadoras de narrativa digital. Essa disseminação global é evidente no trabalho de autores como Hayles (2008), que explorou o alcance da ciberliteratura em diversas culturas e contextos.

A literatura digital também pode ser observada em plataformas *online* que hospedam obras de escritores de diferentes origens. No entanto, enquanto a literatura digital tem se espalhado amplamente, é essencial reconhecer as assimetrias de acesso tecnológico e de recursos entre diferentes regiões do mundo. Chetty *et al.* (2018) discute a “divisão digital” global, destacando a importância de abordar as disparidades tecnológicas para promover uma produção literária digital verdadeiramente inclusiva.

A integração da literatura digital em contextos educacionais requer abordagens pedagógicas que considerem a natureza interativa e multimídia dessas obras, proporcionando aos alunos uma experiência enriquecedora. A literatura digital pode ser explorada em sala de aula de diversas maneiras, influenciada por abordagens pedagógicas contemporâneas e autores que discutem a educação literária. Primeiramente, é essencial criar um ambiente de aprendizado que incentive a experimentação e a exploração ativa por parte dos alunos. Gee (2003) enfatiza a importância do aprendizado baseado em projetos, em que os estudantes podem criar suas próprias obras literárias digitais, engajando-se com as características específicas do meio. Isso pode envolver o uso de ferramentas de criação, como plataformas de hipertexto e *storytelling* interativo.

A contextualização é fundamental para conectar a literatura digital com as questões contemporâneas e a cultura dos alunos. Freire (1987) destaca a importância da conscientização cultural na educação, o que pode ser aplicado ao uso da literatura digital. Explorar obras que abordam temas relevantes e diversificados pode estimular o diálogo crítico sobre questões sociais e culturais.

A colaboração é outra abordagem que pode ser incorporada. Jenkins (2006a) enfatiza a cultura participatória na era digital. Incorporar atividades de criação colaborativa, em que os alunos trabalham juntos para construir narrativas digitais, pode promover a colaboração, a resolução de problemas e a aprendizagem coletiva. Também é importante abordar a literatura digital de forma crítica, incentivando a análise das escolhas estilísticas, técnicas e narrativas das obras. Rosenblatt (1978) destaca a importância da abordagem transacional na leitura literária, que pode ser adaptada para a literatura digital, em que os alunos exploram a interação entre o texto e o leitor.

É crucial considerar as competências digitais dos alunos e promover a alfabetização digital. Prensky (2001) introduz o termo “nativos digitais” para descrever a geração que cresceu em meio às tecnologias digitais, e argumenta sobre a necessidade de adaptar o ensino para incluir habilidades como navegação, avaliação crítica de fontes e ética digital, que são fundamentais para essa geração. Trabalhar com literatura digital em sala de aula requer uma

abordagem pedagógica que promova a exploração ativa, a contextualização, a colaboração, a análise crítica e a alfabetização digital. Essas abordagens, influenciadas por autores como Gee (2003), Freire (1987), Jenkins (2006a), Rosenblatt (1978) e Prensky (2001), podem enriquecer a experiência educacional dos alunos ao envolvê-los com as características únicas da literatura digital e prepará-los para uma compreensão mais profunda e reflexiva da cultura digital contemporânea.

2.2 A ciberliteratura no Brasil

No Brasil, o surgimento da ciberliteratura pode ser rastreado até as últimas décadas do século XX, acompanhando a evolução global das tecnologias da informação e a democratização da *internet*. Nesse cenário, surge Jorge Luiz Antonio e sua obra *Poesia digital: negociações com os processos de digitalização da poesia*, publicada em 2008.

Jorge Luiz Antonio, além de ser escritor, enveredou-se pelos caminhos da pesquisa, dedicando-se à investigação da literatura produzida e veiculada em meios eletrônicos. Sua contribuição para a compreensão e reconhecimento da ciberliteratura no Brasil é inestimável. Em 2001, a divulgação de seu profundo levantamento sobre esse universo literário digital posicionou-o como referência nessa esfera. Seu trabalho não se limitou a uma mera catalogação de autores e obras. Foi além, ao identificar e descrever os princípios que norteiam a ciberliteratura. Ao examinar seus postulados acerca da ciberliteratura, deparamo-nos com conceitos fundamentais que caracterizam esse campo.

Um dos princípios salientados por Antonio (2010) refere-se à *interatividade*. A literatura digital, em sua essência, permite uma participação ativa de leitores, que não se restringe apenas à interpretação textual. O leitor torna-se coautor, podendo influenciar o curso da narrativa, realizar escolhas e até mesmo modificar o texto. A *hipertextualidade* ou *descentralização narrativa* é outro pilar da ciberliteratura. Ao contrário da linearidade da literatura impressa, a digital permite múltiplas conexões e caminhos, estabelecendo uma rede de textos interconectados. Esta característica amplia as possibilidades narrativas, tornando a leitura uma experiência não-linear e multidirecional.

Antonio (2010) também enfatiza a *multimodalidade* ou a *convergência de linguagens* da ciberliteratura. Ou seja, o texto não se manifesta isoladamente; ele é frequentemente acompanhado por imagens, sons e animações. Essa convergência de linguagens potencializa a experiência literária, tornando-a sensorialmente rica e dinâmica. A *imaterialidade* ou *fluidez* é outra característica distintiva apontada por Antonio (2010). A ciberliteratura não se vincula

ao suporte físico do papel, habitando o espaço virtual. Isso confere a ela uma natureza efêmera e mutável, bem como a capacidade de ser disseminada globalmente com facilidade.

Por fim, Antonio (2010) ressalta a *programabilidade ou estética algorítmica* da literatura digital: a ciberliteratura não se limita à escrita tradicional; ela incorpora a programação, usando códigos e algoritmos para criar, modificar e apresentar o texto. Essa intersecção entre literatura e programação revela uma simbiose inédita, em que a tecnologia se torna intrínseca ao ato criativo.

Os postulados de Antonio (2010) oferecem uma visão esclarecedora da natureza e especificidades da ciberliteratura. Ao delinear seus princípios, o autor não apenas proporcionou uma compreensão mais aprofundada do campo, mas também posicionou a ciberliteratura no panorama literário brasileiro como uma forma de arte inovadora, reflexiva e adaptada às demandas e possibilidades da contemporaneidade digital, proporcionando um panorama amplo e detalhado, revelando os contornos, nuances e especificidades dessa nova forma de expressão literária. Em sua pesquisa, foram abordados não apenas os autores e obras que despontavam no cenário nacional, mas também os paradigmas e conceitos que configuravam essa nova vertente.

A importância desse levantamento estende-se ao universo acadêmico. Até então, a ciberliteratura navegava por águas incertas, com reconhecimento limitado e certa resistência por parte dos círculos literários mais tradicionais. A meticulosa pesquisa de Antonio (2010) conferiu legitimidade ao campo, pavimentando o caminho para sua aceitação e estudo nas universidades e instituições de ensino. Assim, a obra tornou-se fundamental não apenas para pesquisadores e entusiastas do tema, mas também para a institucionalização da ciberliteratura no Brasil.

A relevância do trabalho de Antonio (2010) reside não somente na profundidade e abrangência de sua pesquisa, mas também na visão pioneira com que abordou o tema. Em uma era marcada pela acelerada evolução tecnológica, a ciberliteratura encontrou em sua análise um espaço de reflexão e validação. Graças a esses esforços, o campo ganhou contornos mais definidos, permitindo que autores, pesquisadores e leitores explorassem esse novo horizonte com maior confiança e entendimento.

Ainda no cenário nacional, a figura de Santos (2003) também emerge com destaque. Enquanto erudito e docente, sua contribuição ultrapassa a simples produção textual, consolidando-se também por meio de investigações profundas e inovadoras no âmbito da ciberliteratura. Sua associação com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) não apenas potencializou sua trajetória individual, mas também catapultou a instituição ao centro

das discussões e inovações neste domínio.

Sob a orientação e liderança de Santos (2003), a UFSC não somente promoveu estudos, mas também instigou a produção ativa neste campo literário emergente. O empenho conjunto de Santos (2003) e seus colaboradores posicionou a universidade como referência nacional em literatura digital, moldando seu perfil acadêmico e solidificando seu papel pioneiro neste contexto. Este compromisso coletivo com a pesquisa e inovação consolidou a UFSC como um epicentro para aqueles interessados na interseção entre literatura, tecnologia e arte na contemporaneidade brasileira.

É importante destacar também a importância de festivais e eventos voltados para a literatura eletrônica, como o FILE – Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, que ocorre anualmente em São Paulo desde 2000. Tal evento proporcionou uma plataforma para que autores de ciberliteratura exponham suas obras, estabelecendo diálogos com outras formas de arte digital. O FILE não se restringe apenas a uma exposição de obras, mas torna-se um palco de debates, interações e, sobretudo, visibilidade para a ciberliteratura. Ao longo dos anos, o alcance desse festival tem crescido exponencialmente, refletindo, assim, o interesse crescente no domínio da literatura eletrônica. Mais do que uma mera vitrine, o FILE age como uma ponte entre autores de ciberliteratura e entusiastas de outras artes digitais. Essa intersecção possibilita um intercâmbio de ideias e técnicas, enriquecendo o campo da literatura eletrônica e solidificando sua posição no panorama artístico global.

Ademais, ao fornecer uma plataforma tão robusta e especializada para os autores de ciberliteratura, o FILE garante que suas obras sejam avaliadas e apreciadas em um contexto apropriado. Esta contextualização é crucial para a compreensão e apreciação completa dessas obras, que frequentemente desafiam as convenções tradicionais da literatura.

A ciberliteratura no Brasil, embora tenha raízes em experimentações anteriores no campo da literatura e da arte, ganhou uma identidade própria com a popularização da *internet*. O meio digital ofereceu um novo espaço de criação, onde texto, imagem e som poderiam interagir de maneiras inovadoras. A hipertextualidade tornou-se um conceito central, permitindo narrativas não-lineares, que requerem a interação ativa de leitores.

A ciberliteratura no Brasil, desenvolvendo-se a partir de experimentações anteriores nas esferas da literatura e da arte, encontrou na *internet* um terreno fértil para a inovação e a reconfiguração do conceito de narrativa. Essas experimentações foram essenciais para a formação de uma identidade própria para a ciberliteratura, distinta da literatura tradicional e das obras digitais inicialmente concebidas como extensões dos meios impressos. O meio digital possibilitou a integração de texto, imagem e som, permitindo que esses elementos

interagissem de formas inéditas, criando uma experiência de leitura que vai além do simples consumo passivo.

Essas experimentações incluem a utilização da hipertextualidade, uma característica que se tornou central na ciberliteratura. A hipertextualidade permite que as narrativas sejam construídas de maneira não-linear, exigindo dos leitores uma interação ativa e contínua. Diferente da leitura convencional, em que o leitor segue uma progressão pré-determinada, a hipertextualidade oferece múltiplos caminhos de interpretação, transformando o ato de leitura em uma experiência personalizada e única para cada usuário. Esse tipo de narrativa exige que o leitor não apenas consuma o conteúdo, mas que participe ativamente na construção do sentido da obra, escolhendo que caminhos seguir e como conectar diferentes partes da narrativa.

O ambiente digital facilitou a experimentação com formatos multimodais, onde texto, imagem e som se entrelaçam para criar obras que não poderiam existir em suportes tradicionais. Essas obras multimídia exploram as capacidades únicas do meio digital, integrando elementos visuais e sonoros para enriquecer a narrativa e aprofundar a imersão dos leitores. Essa integração não apenas amplia o escopo da narrativa, mas também desafia as fronteiras tradicionais da literatura, questionando o que pode ou não ser considerado texto literário.

As experimentações com ciberliteratura no Brasil também refletem uma resposta às mudanças culturais e tecnológicas que acompanham a era digital. O impacto da *internet* como um meio democratizante permitiu que autores e criadores experimentassem com formatos e temas que talvez não tivessem espaço nas formas tradicionais de publicação. Isso resultou em uma proliferação de obras que exploram temas contemporâneos, utilizando as possibilidades técnicas do digital para engajar leitores de novas maneiras.

O Brasil, país de vasta e rica tradição literária, tem demonstrado ao longo dos anos uma capacidade ímpar de adaptar-se e reinventar-se diante de novos paradigmas culturais e tecnológicos. A transição da literatura tradicional para a ciberliteratura evidencia essa capacidade de metamorfose cultural. Embora a nação tenha vivenciado experimentações literárias e artísticas *avant-garde* em décadas passadas, foi com a ascensão da *internet* que esse novo gênero literário começou a consolidar-se de forma mais acentuada.

Além de alterar a dinâmica entre autor e leitor, a ciberliteratura propiciou um reexame das estruturas narrativas. Histórias poderiam ser contadas de múltiplas maneiras, com diferentes pontos de entrada e saída, e sem um início ou fim definitivo. Esse rompimento com a estrutura tradicional provocou uma revolução no modo como percebemos e interagimos

com o conteúdo literário.

Consequentemente, o Brasil, ao abraçar a ciberliteratura, não apenas adaptou-se a uma nova forma de expressão, mas também contribuiu significativamente para o desenvolvimento e enriquecimento desse campo. A conjunção de tradições literárias preexistentes com inovações tecnológicas resultou em uma tapeçaria narrativa diversificada e multifacetada, que continua a evoluir e a surpreender à medida que novas tecnologias e linguagens emergem.

O livro *Poemas no meio do caminho* (2011), de Rui Torres, é um exemplo notável desse tipo de literatura. Combina poesia com elementos interativos e multimídia, demonstrando o potencial do meio digital para reconfigurar a experiência literária. Em um panorama literário progressivamente influenciado pela tecnologia, obras que se destacam na confluência de métodos tradicionais e inovações digitais são essenciais para compreender a metamorfose contínua da arte literária. Dentro desse contexto, a obra de Rui Torres emerge como um paradigma de como a literatura pode ser reconceitualizada e reimaginada.

A obra de Torres (2011) é uma incursão na poesia contemporânea que investiga as intersecções entre a trajetória individual e a coletiva. Nesse conjunto de composições poéticas, o autor manifesta uma busca pela compreensão das complexidades inerentes ao percurso humano, empregando um jogo entre a linguagem e sua materialidade, para desvendar as nuances da condição existencial. Os poemas, delineados por um caráter introspectivo, muitas vezes se apresentam como reflexões metafóricas sobre os interstícios da vida, aqueles espaços onde o indivíduo se depara com as grandes questões de sua existência.

Por meio de uma linguagem que oscila entre o lírico e o experimental, Torres (2011) cria um panorama no qual os textos agem como espelhos da alma, revelando as inquietudes e epifanias que residem no âmago do ser. Ele convida o leitor a transitar por esses espaços de reflexão, acompanhando o poeta em seu mergulho nas profundezas da experiência humana. A obra, assim, não é apenas uma coleção de poesias, mas também um convite à introspecção e ao diálogo com os aspectos mais intrincados do *self* e do mundo exterior.

A capacidade intrínseca do poeta de amalgamar poesia, uma das formas literárias mais antigas e evocativas, com componentes interativos e multimídias, proporciona uma imersão distinta ao leitor. Essa fusão não só amplifica o alcance expressivo do texto, mas também desafia a concepção tradicional de leitura, exigindo dos leitores uma postura mais participativa e menos contemplativa. A introdução de elementos multimídia, como imagens dinâmicas, sons e interações táteis, transforma o ato de leitura em uma experiência multissensorial. Esses elementos, ao invés de ofuscar o valor da poesia, elevam-no, criando uma tapeçaria rica em nuances e camadas. Assim, cada interação com a obra pode resultar em

uma experiência singular, dependendo da trajetória escolhida pelo leitor e das combinações sensoriais que ele decide explorar.

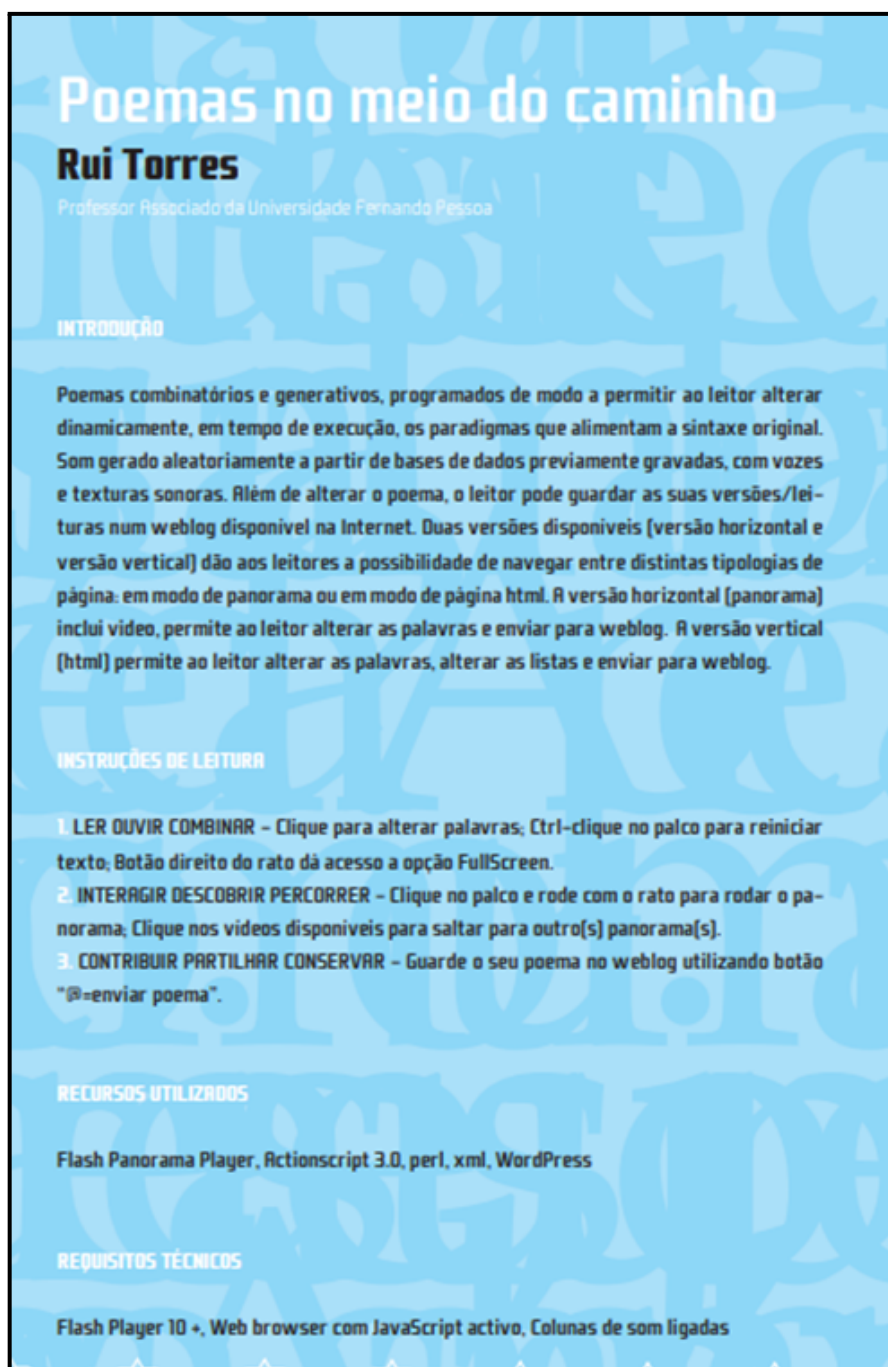
Antonio (2001), explorando o conceito de *infopoesia* em algumas obras do poeta Melo e Castro, observa que, em sua obra *Poética dos meios e arte high tech* (1988), as primeiras experiências de infopoesia são denominadas “paradigmáticas” e “pré-históricas”.

Paradigmáticas da possibilidade então antevista duma poesia informática, mas também das dificuldades, desde logo encontradas, na realização de tal projecto. Pré-históricas, porque hoje, com a difusão dos micros e dos computadores pessoais, a quantidade, a diversidade e a qualidade de muitas das experiências realizadas em todo o mundo e nas mais diversas línguas, permite que se fale duma infopoesia, ou seja duma pesquisa generalizada, mas também específica do uso dos computadores e das suas vastas possibilidades para a realização do texto criativo, isto é, de texto não pré-existente como tal. Que essa pesquisa é o verdadeiro significado da poética, penso não ser necessário voltar a demonstrar (Melo e Castro, 1988, p. 60).

Segundo Melo e Castro (1988), essas experiências iniciais, caracterizadas como prototípicas e fundamentais, justificam a visão de uma estética integrada à tecnologia avançada. Essas experiências, precursoras do que viria a ser conhecido como infopoesia, esboçam o potencial percebido na intersecção da computação e da criação literária, ao mesmo tempo em que reconhecem os obstáculos iniciais enfrentados na concretização de tal empreitada. Consideradas “pré-históricas” no sentido de que são anteriores à era atual, em que a prevalência de dispositivos computacionais pessoais, e a consequente proliferação de experimentos poéticos digitais em múltiplos idiomas evidenciam uma fase mais evoluída e rica dessa prática. O termo “infopoesia”, cunhado por ele, refere-se a um campo de pesquisa extenso e detalhado no uso de computadores e suas amplas capacidades em favor da geração de textos inéditos. Essa investigação, ele acredita, constitui a verdadeira essência da poética; e a necessidade de sua demonstração novamente parece-lhe redundante, dada a sua evidência intrínseca.

A obra de Rui Torres exemplifica a transformação da literatura na era digital, demonstrando que o digital não é mero suporte, mas sim um catalisador de novas possibilidades expressivas. Sua abordagem, ao invés de simplesmente transplantar a poesia para um formato digital, utiliza as capacidades únicas do meio digital para expandir e enriquecer a poesia. Assim, *Poemas no meio do caminho* não é apenas uma adaptação, mas uma reimaginação da poesia no contexto contemporâneo, como mostra a Figura 1, a seguir.

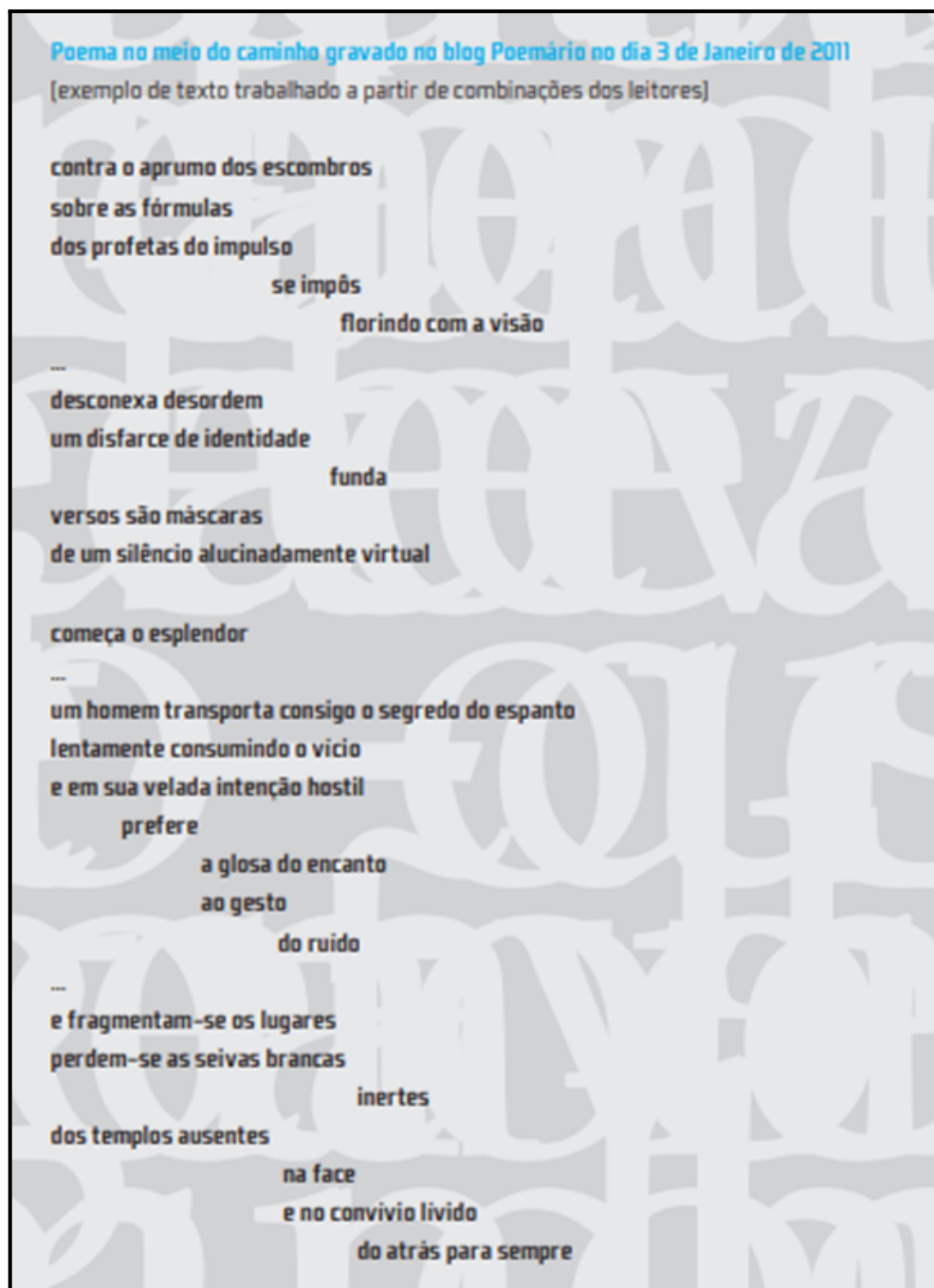
Figura 1 – Instruções de leitura



Fonte: Torres (2011).

Como ilustra a Figura 2, a seguir, seus poemas oferecem uma perspectiva valiosa sobre o futuro da literatura em uma sociedade cada vez mais permeada pela tecnologia.

Figura 2 – Extrato de texto trabalhado a partir de combinações dos leitores



Fonte: Torres (2011).

Apesar dos avanços e da crescente aceitação da ciberliteratura, ainda há desafios. A efemeridade da tecnologia, com plataformas e *softwares* tornando-se obsoletos rapidamente, coloca em risco a preservação dessas obras. Além disso, a literatura digital ainda busca um espaço mais firme nos currículos acadêmicos e nas discussões literárias tradicionais.

2.3 *Fanfictions*

Jenkins (1992), em seu livro *Textual Poachers*, conclui suas observações com o poema de T. J. Burnside Clap, intitulado *Weekend-Only Word* (transcrito a seguir), que nos faz entender em versos sutis a complexidade da importância do objeto desta dissertação.

In these warm convention halls
 In an hour of make-believe
 In these warm convention halls
 My mind is free to think
 And feels so deeply
 An intimacy never found
 Inside their silent walls
 In a year or more
 Of what they call reality.
 In my weekend-only world,
 That they call make-believe,
 Are those who share
 The visions that I see.
 In their real-time life
 That they tell me is real,
 The things they care about
 Aren't real to me.¹⁰

(T. J. Burnside Clap. *Weekend-Only Word*, 1987, Fesarius Publication)

O título *Textual Poachers* pode ser traduzido literalmente para o português como “Caçadores Textuais”. O livro é um estudo aprofundado sobre a cultura de fãs e como eles se engajam com textos de mídia, desde séries de televisão até filmes e livros. Caçadores Textuais refere-se à maneira como os fãs invadem os textos originais para criar seus próprios significados, histórias e arte, desafiando assim as formas tradicionais de interpretação e propriedade.

O poema *Weekend-Only World* (1987), escrito por T. J. Burnside Clapp, explora tensões entre distintas esferas de experiência: salões de convenções onde fãs se reúnem, contrastando com o que é comumente aceito como realidade. A composição aborda temas como pertencimento, isolamento e a natureza subjetiva da realidade, possivelmente fazendo alusão a mundos de *fandoms* ou subculturas. Booth (2010) e Jenkins (1992) definem *fandom* como uma subcultura composta por indivíduos que compartilham uma paixão comum por uma obra específica de mídia, como séries, filmes, livros ou jogos. Esses grupos se formam

¹⁰ “Nesses aquecidos salões de convenção / Em uma hora de faz-de-conta / Nesses aquecidos salões de convenção / Minha mente está livre para pensar / E sentir tão intensamente / Uma intimidade nunca antes encontrada / Dentro de suas paredes silenciosas / Em um ano, ou mais / Daquilo que chamam de realidade / No meu mundo de apenas-finais de semana / Que eles chamam de faz-de-conta / Estão aqueles que compartilham / As visões que vejo / Aos outros, em suas vidas reais / Do que me dizem ser verdade / E as coisas com as quais se importam / Não reais para mim”. Título: “Mundo de apenas-finais-de-semana.” (Tradução nossa).

em torno de um interesse coletivo e, frequentemente, engajam-se em atividades colaborativas e criativas, como a produção de *fanfiction*, *fan art* e *cosplay*. As comunidades de fãs interagem intensamente, tanto *online* quanto *offline*, discutindo e analisando minuciosamente os aspectos das obras que admiram. O *fandom* permite uma conexão profunda entre os fãs, facilitando a construção de uma identidade coletiva e proporcionando um espaço para a expressão e a exploração criativa.

O poema explora a experiência de um participante de convenções de fãs, particularmente de *fanfiction*, destacando a distinção entre essas experiências imersivas e a realidade cotidiana. O autor começa descrevendo “salões de convenções quentes”, sugerindo um ambiente acolhedor e convidativo. Esse espaço permite um mergulho na “hora de faz-de-conta”, um momento em que a imaginação pode se desdobrar livremente, criando um contraste com a vida diária.

Repetindo a imagem dos “salões de convenções quentes”, o autor enfatiza a importância desse espaço como um santuário onde a mente pode pensar livremente e sentir profundamente. O verso “uma intimidade nunca encontrada” sugere que as conexões feitas nesses eventos são mais profundas e significativas do que aquelas do mundo real, que são descritas como “paredes silenciosas”. Isso implica que, fora desses eventos, a vida pode ser isolante ou monótona.

O poema continua explorando o contraste temporal, mencionando “um ano ou mais” de realidade *versus* o “mundo de fim de semana” das convenções. Esse mundo temporário é visto como um escape, onde as visões compartilhadas com outros fãs são valorizadas. O autor destaca a desconexão entre a “vida em tempo real” dos outros, que é considerada real, e a própria percepção do que é real, indicando que os valores e interesses da vida cotidiana não ressoam com ele. Nas convenções, o autor encontra pessoas que compartilham suas visões e interesses, criando um senso de comunidade e pertencimento. Essa comunidade é um contraste com a vida cotidiana, onde os interesses dos outros não parecem reais para ele. O verso final reforça essa dicotomia, afirmando que as coisas que os outros consideram importantes não têm a mesma significância.

O poema, assim, fala sobre a importância das *fanfictions* e das convenções de fãs como espaços de expressão e conexão, oferecendo uma alternativa significativa à realidade cotidiana. Esses eventos permitem aos fãs explorar sua criatividade, encontrar uma comunidade de indivíduos com interesses semelhantes e criar uma intimidade que muitas vezes falta na vida diária. Os versos do poema capturam a dualidade entre a vida cotidiana e a vida “de fim de semana” nas convenções, destacando como o mundo da *fanfiction* oferece

uma sensação de pertencimento e realização emocional que pode estar ausente na vida diária.

Precisa-se entender a *fanfiction* como um objeto que constitui um fenômeno literário e cultural retomado no mundo contemporâneo em que admiradores de obras de ficção estabelecidas – sejam livros, séries televisivas, filmes ou jogos eletrônicos – elaboram narrativas paralelas, alternativas ou complementares que exploram os 40 elementos canônicos do universo original.

Normalmente, a *fanfic* ou *fanfiction* é percebida como um fenômeno associado ao advento da *internet* e ao surgimento de comunidades de fãs *online*. No entanto, a prática de criar histórias baseadas em personagens e universos pré-existentes remonta a tempos antigos, com raízes profundas na história da literatura.

Na Roma Antiga, Ovídio destacou-se como um dos mais prolíficos poetas, e sua obra *Metamorfoses* é uma das mais significativas. Nessa obra, Ovídio reconta e adapta uma vasta gama de mitos gregos e romanos, oferecendo novas interpretações e narrativas para histórias já conhecidas. Sua abordagem pode ser vista como uma forma primitiva de *fanfiction*, em que ele expande e explora as histórias mitológicas de maneira inédita, adaptando-as para seu próprio contexto cultural e literário. O conceito de *fanfiction* envolve a criação de novas histórias usando personagens, cenários e eventos de obras preexistentes. *Metamorfoses* encaixa-se perfeitamente nessa definição, pois Ovídio utiliza mitos estabelecidos como matéria-prima para suas próprias narrativas criativas.

Ovídio não apenas reconta esses mitos; ele os reinterpreta e, muitas vezes, altera detalhes para melhor servir suas narrativas e temas. Por exemplo, no mito de Dafne e Apolo, Ovídio adiciona profundidade emocional e elementos dramáticos que não eram proeminentes em versões anteriores. Ele transforma a perseguição de Dafne por Apolo em uma história rica de desejo não correspondido e transformação, culminando na metamorfose de Dafne em um loureiro para escapar de Apolo.

Uma característica marcante de *Metamorfoses* é como Ovídio conecta as várias histórias em uma narrativa contínua. Isso cria uma sensação de um universo interconectado, semelhante ao que vemos em muitas *fanfictions* modernas que expandem universos fictícios estabelecidos. Cada mito leva ao próximo, com personagens e eventos frequentemente se cruzando e influenciando uns aos outros, criando uma tapeçaria rica e complexa de mitologia.

O tratamento inovador de Ovídio aos mitos teve um impacto duradouro na literatura e na arte. Sua abordagem inspirou escritores ao longo dos séculos a reinterpretar e reimaginar histórias antigas para novos públicos e contextos. Obras como as adaptações de Shakespeare e as recriações contemporâneas de mitos gregos em literatura e cinema mostram a influência

continua da metodologia de Ovídio. *Metamorfoses* pode ser vista como uma forma primitiva de *fanfiction*. Na Grécia Antiga, a tragédia era um meio poderoso para explorar e reinterpretar os mitos e histórias conhecidas, oferecendo novas perspectivas e interpretações sobre os eventos e personagens mitológicos. Entre os dramaturgos mais destacados desse período, estão Sófocles, Eurípides e Ésquilo, cujas obras continuam a influenciar a literatura e a arte até hoje.

Sófocles é talvez mais famoso por sua peça *Édipo Rei*, que reconta a história trágica de Édipo, uma figura central da mitologia grega. Édipo é um herói que, sem saber, mata seu pai e casa-se com sua mãe, cumprindo uma profecia terrível. Sófocles não inventou a história de Édipo, mas ele a apresentou de uma maneira que enfatizava temas de destino, livre-arbítrio e a busca da verdade.

Eurípides também frequentemente revisitou e reinterpretou mitos gregos em suas tragédias. Conhecido por sua abordagem mais realista e psicológica, Eurípides trouxe um novo nível de profundidade emocional e complexidade aos seus personagens. Em obras como *Medeia* e *As Bacantes*, Eurípides desafia as normas sociais e as expectativas dos mitos tradicionais.

Em *Medeia*, por exemplo, Eurípides conta a história de uma mulher estrangeira que, traída por seu marido Jasão, comete atos terríveis de vingança. A peça oferece uma visão profunda da dor e da raiva de Medeia, humanizando um personagem que poderia facilmente ser visto apenas como um vilão. Eurípides questiona as injustiças de gênero e a posição das mulheres na sociedade grega, utilizando o mito como uma lente para explorar questões contemporâneas.

Ésquilo, o mais antigo dos três grandes trágicos, é conhecido por sua grandiosidade e pelo uso de coro e espetáculo em suas peças. Ele também revisitou muitos mitos gregos, muitas vezes com uma ênfase na justiça divina e na moralidade. Uma de suas obras mais famosas, a trilogia *Oresteia*, narra a história da casa de Atreu e as consequências dos atos de Agamenon, Clitemnestra e Orestes. Ésquilo utiliza essa narrativa para explorar temas de vingança, justiça e a intervenção divina. Ele não apenas reconta os mitos, mas os expande para considerar as implicações éticas e morais dos atos humanos e a necessidade de ordem e justiça na sociedade.

A prática de recontar e reinterpretar mitos permitiu a esses dramaturgos não apenas manter vivas as histórias tradicionais, mas também utilizá-las como veículos para comentar e questionar questões sociais, políticas e filosóficas de seu tempo. Essas tragédias oferecem novas perspectivas sobre personagens e eventos familiares, enriquecendo a compreensão dos

mitos e proporcionando um diálogo contínuo entre o passado e o presente.

Por meio de suas obras, Sófocles, Eurípides e Ésquilo demonstraram que os mitos gregos eram mais do que simples histórias; eram ferramentas poderosas para a exploração da condição humana, do destino, e da moralidade. Eles mostraram que recontar histórias antigas pode ser uma forma de criar novas narrativas e significados, uma prática que continua a ser essencial na literatura e na arte até hoje.

Na Idade Média, as cartas de amor frequentemente refletiam os temas e estilos dos romances de cavalaria e das canções de trovadores. Os trovadores, poetas líricos que floresceram no sul da França, escreviam sobre o amor cortês, um idealizado e muitas vezes não correspondido amor entre um cavaleiro e uma dama de alta estirpe. Essas cartas de amor eram muitas vezes moldadas por essas tradições literárias, com os escritores assumindo os papéis de cavaleiros e damas, expressando devoção e paixão de maneira estilizada e poética.

Durante o Renascimento, o interesse pelas culturas greco-romanas influenciou significativamente a escrita das cartas de amor. Figuras históricas e literárias como Petrarca e Dante inspiraram muitos escritores de cartas de amor. Petrarca, com seu amor platônico por Laura, e Dante, com sua devoção a Beatriz, ofereceram modelos literários de amor idealizado e espiritual. As cartas de amor dessa época frequentemente imitavam o estilo elevado e a temática das obras desses poetas, demonstrando um profundo conhecimento da literatura clássica e renascentista.

Muitos autores de cartas de amor se apropriaram de estilos e temas das obras existentes para expressar seus próprios sentimentos. Por exemplo, uma carta de amor poderia fazer referência a mitos clássicos, personagens literários ou até mesmo eventos históricos para dar profundidade e contexto à expressão dos sentimentos do autor. Essa prática de “recontar” ou “expandir” narrativas conhecidas é uma característica central da *fanfiction*. Os escritores de cartas de amor, assim como os escritores de *fanfics*, utilizavam elementos de obras conhecidas para criar novas histórias e significados pessoais.

Embora não seja uma carta de amor no sentido tradicional, o Soneto 18 de Shakespeare, *Shall I compare thee to a summer's day?*, é uma expressão poética de amor que tem inspirado muitas cartas de amor ao longo dos séculos. A forma e o estilo dos sonetos de Shakespeare influenciaram a escrita de muitas cartas de amor no período renascentista.

As cartas de amor da Idade Média e do Renascimento podem ser vistas como uma forma de *fanfiction* devido à maneira como seus autores se inspiravam em personagens literários e figuras históricas, apropriando-se de estilos e temas de obras preexistentes. Essa prática permitia que os escritores expressassem sentimentos pessoais por meio de narrativas

ricas e familiarizadas, criando uma conexão profunda entre a literatura e a vida real. A tradição de usar a literatura como base para expressões pessoais continua até hoje, evidenciando a atemporalidade e a universalidade dessa forma de escrita.

A *fanfiction* é uma prática literária antiga, presente na recontagem e reinvenção de histórias de figuras icônicas como o Rei Arthur e Carlos Magno. Essas narrativas lendárias foram constantemente adaptadas e reinterpretadas ao longo dos séculos, com autores adicionando suas próprias interpretações e elementos às histórias. As histórias do Rei Arthur formam um corpo de lendas que têm sido contadas e recontadas desde a Idade Média. A figura de Arthur, o lendário rei britânico que supostamente liderou a defesa da Grã-Bretanha contra invasores saxões, é um personagem central em uma vasta quantidade de literatura.

Geoffrey de Monmouth é frequentemente creditado como um dos primeiros a popularizar a lenda arturiana em sua obra *História dos Reis da Bretanha* (1136). Essa obra misturava história e ficção, introduzindo personagens como Merlin e a espada Excalibur, elementos que se tornariam centrais nas narrativas subsequentes.

Chrétien de Troyes, um poeta francês do século XII, adicionou a tradição do amor cortês às lendas arturianas, introduzindo personagens e temas como Lancelot e sua história de amor com Guinevere. Chrétien também desenvolveu o conceito do Santo Graal, que se tornou um dos principais elementos das histórias arturianas.

Sir Thomas Malory reuniu e adaptou essas diversas fontes no século XV em sua obra *Le Morte d'Arthur*. Malory consolidou muitas das histórias dispersas e forneceu uma narrativa coesa que influenciou profundamente a literatura arturiana posterior. Cada adaptação ao longo do tempo refletia as preocupações e valores da cultura que a produzia, desde as visões medievais de realeza e cavalaria até as reinterpretações modernas de identidade e moralidade.

As épicas relacionadas a Carlos Magno e seus cavaleiros, conhecidas como *Matéria de França*, também foram amplamente reimaginadas por trovadores e poetas medievais. Carlos Magno, o rei dos Francos e imperador do Sacro Império Romano, foi transformado em uma figura lendária cujas façanhas eram celebradas em canções de gesta.

A *Canção de Rolando*, uma das mais famosas canções de gesta, narra a batalha de *Roncesvalles*, na qual o sobrinho de Carlos Magno, Rolando, é traído e morto. Essa obra épica não só exalta as virtudes da cavalaria e da lealdade, mas também se torna uma plataforma para comentar sobre o heroísmo e a tragédia. Os poetas medievais moldaram e recontaram essa história de modo que refletiam as preocupações políticas e sociais de suas épocas.

A compilação *Romance de Turpin* e outras canções de gesta continuaram a adicionar elementos à lenda de Carlos Magno, incluindo a presença de cavaleiros fictícios e aventuras

fantásticas. As histórias se expandiram para incluir lutas contra gigantes, magos e outras figuras sobrenaturais, misturando história e mito de forma similar às adaptações das lendas arturianas.

As lendas de Arthur e Carlos Magno foram constantemente reinterpretadas para se adequar aos tempos e contextos culturais. No período medieval, essas histórias serviam para promover ideais de cavalaria e moralidade. Nos períodos posteriores, elas foram usadas para explorar questões de identidade, poder e justiça. Cada reinterpretação adicionava novas camadas e dimensões às histórias originais, mantendo-as vivas e relevantes.

A prática de recontar e expandir histórias conhecidas, presente na *fanfiction*, mostra como a narrativa é um processo contínuo de reinvenção e diálogo entre o passado e o presente. A *fanfiction*, tanto em sua forma antiga quanto moderna, permite que os escritores explorem novas facetas de personagens e universos estabelecidos, criando uma tapeçaria rica e diversificada de narrativa que ressoa através das gerações.

A obra *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, é uma narrativa rica e complexa que se beneficia da inclusão de elementos de diversas culturas e histórias, incluindo a figura de Simbad, o Marujo. Essa integração é um exemplo claro de como Dumas (2008) utilizou o Orientalismo para adicionar camadas de exotismo e mistério à sua obra.

Simbad, o Marujo, é uma figura central nas *Mil e uma noites*, conhecido por suas viagens e aventuras extraordinárias. Na obra de Dumas (2008), Edmond Dantès adota o pseudônimo de Simbad, o Marujo, como uma de suas muitas identidades. Esse disfarce não é apenas um nome, mas uma representação de um personagem que encarna a sabedoria e a experiência de um viajante que acumulou riquezas e conhecimentos em terras distantes.

Marsans-Sakly (2018), em seu artigo *Orientalism in Alexandre Dumas' The Count of Monte Cristo*¹¹, discute como Dumas utiliza o Orientalismo para enriquecer sua narrativa. A autora argumenta que “Dumas employs the character of Sinbad to invoke the allure and mystery of the East, creating a complex interplay between Western and Eastern cultural elements”¹² (Marsans-Sakly, 2018, p. ?). Esse uso do Orientalismo é parte de uma tendência maior no século XIX, em que os escritores europeus frequentemente incorporavam elementos orientais em suas obras para criar um senso de maravilha e exotismo.

A utilização de Simbad por Dumas também reflete uma prática de *fanfiction avant la lettre*, na qual personagens de histórias preexistentes são reimaginados e inseridos em novos

¹¹ “Orientalismo em 'O Conde de Monte Cristo' de Alexandre Dumas.” (Tradução nossa).

¹² “Dumas emprega o personagem Simbad para invocar o fascínio e o mistério do Oriente, criando uma interação complexa entre os elementos culturais ocidentais e orientais.” (Tradução nossa).

contextos narrativos. Isso não apenas enriquece a narrativa, mas também amplia o escopo cultural da obra. Como Marsans-Sakly (2018, p. ?) observa, “[...] by integrating a character from ‘One Thousand and One Nights’, Dumas bridges Western literary traditions with Eastern folklore, thus broadening the cultural dimensions of his work”¹³.

A presença de Simbad, o Marujo, em *O Conde de Monte Cristo* exemplifica a habilidade de Alexandre Dumas em combinar diferentes elementos culturais e literários para criar uma narrativa multifacetada e rica. Essa técnica de reimaginar e incorporar personagens de outras histórias é uma prática que continua a ser relevante na literatura contemporânea, demonstrando a atemporalidade e a universalidade das narrativas humanas. Tal abordagem permite uma compreensão mais profunda de como Dumas utilizou o Orientalismo e a prática de *fanfiction* para enriquecer sua narrativa, criando uma obra que continua a ressoar a leitores de diferentes épocas e culturas.

Esses exemplos mostram que a *fanfiction* não é apenas um fenômeno contemporâneo, mas uma prática literária antiga que permite aos escritores explorar, expandir e reinterpretar histórias conhecidas. Ao longo da história, autores têm se engajado nessa forma de escrita, utilizando-a como uma ferramenta para explorar novos ângulos e dimensões das narrativas existentes. A *fanfiction*, portanto, é uma parte integral da tradição literária, demonstrando a continuidade e a evolução das histórias através dos tempos.

Por fenômeno literário, devemos entender que isso refere-se a um evento ou tendência notável que ocorre dentro do campo da literatura, tendo impacto significativo sobre escritores, leitores, críticos e a sociedade em geral. Dessa forma, podendo assim incluir a popularização de um determinado gênero, a ascensão de um autor específico, a publicação de uma obra que provoca debates amplos ou ainda movimentos que redefinem conceitos literários, como estruturalismo ou pós-modernismo. Esses fenômenos podem alterar as formas como o texto é produzido, interpretado e valorizado, exercendo influência sobre práticas culturais, discursos acadêmicos e até mesmo políticas públicas relacionadas à arte e à educação.

Para compreender a complexidade subjacente ao mundo da *fanfiction*, é imperativo examinar sua interação com a cultura participativa. Jenkins (1992), uma autoridade nesse campo, enfatiza que a *fanfiction* transforma consumidores passivos em produtores ativos de conteúdo. Ele cunhou o termo *textual poachers* para descrever esses indivíduos que, ao invés de simplesmente absorverem narrativas, reelaboram-nas, desafiando e ampliando o cânone estabelecido.

¹³ “[...] ao integrar um personagem de 'Mil e Uma Noites', Dumas une as tradições literárias ocidentais com o folclore oriental, ampliando assim as dimensões culturais de sua obra.” (Tradução nossa).

Esse engajamento ultrapassa a mera recepção; é um exercício de leitura produtiva. Alojada em plataformas específicas como *fanfiction.net*, *Archive of Our Own*, o *Wattpad* (o mais usado atualmente e mais moderno entre eles), e até mesmo sites personalizados, essa forma literária engaja uma base considerável de participantes ativos, variando de escritores amadores a críticos e pesquisadores acadêmicos.

Jenkins (2006b) separa as *fanfictions* em dez categorias: 1) Recontextualização: fãs adicionam cenas extras para preencher vazios e esclarecer ações dos personagens; 2) Expansão Temporal, quando criadores de fanfic utilizam sugestões do material original para elaborar prequelas ou antecedentes dos personagens; 3) Mudança de Foco: em que autores deslocam a narrativa para figuras secundárias, frequentemente marginalizadas; 4) Revisão Ética: histórias alternativas que repensam a moralidade, convertendo vilões em heróis; 5) Alteração de Gênero: quando leitores reinterpretem a série usando outros estilos literários; 6) Mesclagem: acontece quando se cria um híbrido narrativo ao combinar elementos de diferentes obras; 7) Reconfiguração: situação em que personagens são transplantados para novos cenários e assumem identidades distintas; 8) Autorrepresentação: *Fanfics Mary Sue* incorporam o autor de forma idealizada em universos ficcionais; 9) A amplificação Emotiva se dá em textos onde os momentos de alta tensão ou vulnerabilidade emocional são destacados; e, por fim, 10) a exploração Sensual, em que a esfera sexual dos personagens é expandida, desafiando tabus da mídia tradicional.

As categorias citadas revelam a vasta criatividade e engajamento dos fãs em expandir, reinterpretar e pessoalizar universos ficcionais. Elas demonstram como a *fanfic* serve como um laboratório para experimentação narrativa, permitindo diversificar enredos, dar voz a personagens sub-representados e explorar temas menos abordados, como sexualidade e ética. Esse fenômeno evidencia a natureza colaborativa da cultura de fãs e seu potencial para enriquecer e desafiar os textos originais.

De Kosnik (2017) nos presenteia com sua obra *Rogue archives: digital cultural memory and media fandom*¹⁴, propondo um olhar inovador sobre a *fanfiction*, argumentando que ela pode ser considerada uma forma de “arqueologia de mídia”. Segundo a autora, essa abordagem permite revelar camadas ocultas de significado, histórias alternativas e perspectivas não canonizadas que estão intrinsecamente incorporadas nas narrativas originais.

Enquanto os arquivos tradicionais frequentemente priorizam documentos e registros que refletem visões dominantes da sociedade, a *fanfiction*, ao contrário, serve como um arquivo “desobediente” ou “fora da lei”, capturando vozes marginalizadas e subalternas.

¹⁴ “*Rogue Archives: memória cultural digital e fandom de mídia*” (Tradução nossa).

Nesse contexto, os autores de *fanfictions* funcionam como arqueólogos digitais, escavando textos canônicos para explorar aspectos negligenciados ou subestimados, seja em relação a personagens, temas ou eventos. Essa prática destila elementos ocultos, subtextos e potencialidades não realizadas do material de origem, oferecendo novas formas de engajamento e interpretação. De Kosnik (2017) sugere que a *fanfiction*, como arqueologia de mídia, tem o poder de democratizar o arquivo cultural, desafiando e subvertendo as noções convencionais de autoria, propriedade intelectual.

Fanfics Mary Sue são histórias em que o autor insere uma versão idealizada de si mesmo no universo da obra original. Esse personagem costuma ser excepcionalmente talentoso, amado por todos e central para a resolução de conflitos, ofuscando os personagens originais e cânone. Isso permite uma inclusão mais ampla de vozes e narrativas, tornando o arquivo cultural mais representativo e plural. Portanto, a ideia de De Kosnik (2017) expande o entendimento da *fanfiction* para além de mera atividade recreativa ou subcultura de nicho, elevando-a ao *status* de prática crítica e metodológica que enriquece nossa compreensão das complexidades inerentes às mídias e seus contextos socioculturais.

Muito se questiona sobre direitos autorais. Do ponto de vista legal, a relação entre *fanfictions* e direitos autorais constitui uma área nebulosa e controversa. Tushnet (2004), renomada jurista e acadêmica, apresenta argumentos importantes a respeito do *status* legal da *fanfiction* no contexto da propriedade intelectual. Em sua obra *Copy this essay: how fair use doctrine harms free speech and how copying serves it*¹⁵, a autora sugere que muitas dessas criações poderiam ser enquadradas dentro do conceito de “uso justo” segundo a legislação estadunidense. Ela focaliza especialmente narrativas que exibem características transformativas, ou seja, aquelas que alteram significativamente o material original, conferindo-lhe novo sentido, mensagem ou estética.

A produção de *fanfictions* no Brasil, como em muitos outros países, navega por uma área cinzenta do direito autoral. A Lei de Direitos Autorais (LDA) do Brasil (Lei 9.610/1998) protege as criações literárias, artísticas e científicas, garantindo aos autores o direito exclusivo sobre suas obras. O Art. 7º desta lei estipula que constituem obras intelectuais protegidas, as “criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível” (Brasil, 1998). Isso significa que toda obra original está protegida por direitos autorais. As *fanfictions*, por sua natureza, baseiam-se em obras pré-existentes e utilizam personagens, cenários e, por vezes, enredos dessas obras originais, o que pode suscitar

¹⁵ “Copie este ensaio: como a doutrina do uso justo prejudica a liberdade de expressão e como a cópia a favorece.” (Tradução nossa).

questionamentos sobre sua legalidade. O Art. 8º da LDA especifica que não são objeto de proteção como direitos autorais as “ideias, procedimentos normativos, sistemas, métodos, projetos ou conceitos matemáticos como tais” (Brasil, 1998).

Assim, *fanfictions* que exploram apenas as ideias subjacentes de uma obra, sem copiar a expressão literária original, poderiam, em teoria, não infringir direitos autorais. Entretanto, a criação de narrativas derivadas sem permissão expressa do autor do texto original pode ser considerada violação do direito autoral. O Art. 29 da LDA determina que depende de autorização prévia e expressa do autor a utilização da obra, por quaisquer modalidades, tais como a sua “reprodução parcial ou integral” ou a sua “adaptação” (Brasil, 1998). Por outro lado, a *internet* proporciona um vasto espaço para a disseminação de *fanfictions*, e muitos autores originais veem essa manifestação como uma homenagem ou até como uma forma de manter o engajamento dos fãs. A jurisprudência brasileira ainda é escassa quanto ao tema. Grande parte das *fanfictions* não é comercializada e permanece em plataformas específicas para fãs, o que limita os conflitos.

Porém, caso uma *fanfiction* venha a ser publicada comercialmente e obtenha lucro, isso pode gerar implicações legais. Em resumo, enquanto a LDA protege direitos autorais, o fenômeno das *fanfictions* convive nesse espaço ambíguo entre a homenagem e a potencial infração. A evolução tecnológica e a cultura de compartilhamento colocam desafios significativos para a legislação, que deve buscar equilibrar direitos autorais com novas formas de expressão. Segundo Tushnet (2004), essa transformação permite que a *fanfiction* não seja meramente vista como uma violação de direitos autorais, mas sim como uma expressão criativa legítima que serve propósitos distintos do conteúdo de origem. Sua perspectiva legal oferece uma leitura mais inclusiva e democrática da lei, que poderia estimular a criatividade e a diversidade cultural em vez de limitá-las.

Essa abordagem alinha-se com uma compreensão mais progressista da cultura e da expressão, reconhecendo o valor intrínseco da reinterpretação e da recontextualização em uma sociedade cada vez mais mediada e interconectada. Tushnet (2004) desempenha um papel crucial no ecossistema de debates sobre direitos autorais, particularmente no que concerne à tensão entre restrições legais e expressão criativa. Ao abordar o conceito de “uso justo” nos Estados Unidos, a jurista expande as fronteiras tradicionais de interpretação do direito autoral. Ela sugere que a legislação não deve servir unicamente como um instrumento de restrição, mas também como um facilitador da inovação cultural e expressão pessoal.

Tushnet (2004) examina o potencial transformativo da *fanfiction*, argumentando que esse tipo de expressão muitas vezes se qualifica como “uso justo” porque introduz

significados, contextos ou perspectivas divergentes à obra original. Tal visão desafia a premissa conservadora de que o direito autoral é uma propriedade inviolável cujo controle deve permanecer estritamente nas mãos do criador original ou detentores de licenças. Em vez disso, ela propõe um modelo mais dinâmico e flexível, no qual o valor social e cultural da recriação e reinterpretação é reconhecido. “O objetivo do uso justo é permitir que novas obras floresçam no jardim do material protegido por direitos autorais” (Tushnet, 2004, p. 539). Essa afirmação exemplifica sua crença de que as leis de propriedade intelectual podem coexistir com a diversidade criativa, desde que haja uma abordagem interpretativa mais abrangente e adaptável do que constitui “uso justo”.

Portanto, a contribuição de Tushnet (2004) representa não apenas uma intervenção jurídica, mas também um valioso insumo cultural. Ela oferece um caminho para equilibrar os imperativos econômicos da proteção legal com a riqueza social proporcionada pela liberdade criativa, sugerindo uma via de diálogo produtivo entre os dois. A inclusão social representa outro aspecto significativo da *fanfiction*. Como observado por Booth (2015), em seu livro *Playing fans: negotiating fandom and media in the digital age*¹⁶, em que avança a discussão sobre a cultura do *fandom*, enfatizando sua potência enquanto espaço para ativismo social. Booth (2015) introduz o conceito de “*fandoms* progressivos”, designando comunidades que usam a mídia como um trampolim para discutir questões prementes como inclusão social, representação e justiça social. Esses *fandoms*, conforme o autor ilustra, não são meros consumidores passivos de conteúdo.

Ao contrário, tratam-se de aglomerados ativos e engajados que reinterpretam, criticam e, muitas vezes, reformulam completamente as narrativas de origem para abordar questões sociais. Nesse espaço virtual, a *fanfiction* assume um caráter particularmente subversivo. Narrativas de fãs funcionam como meios através dos quais representações mais inclusivas podem ser geradas, preenchendo as lacunas deixadas por obras originais que muitas vezes perpetuam estereótipos e normas sociais restritivas. Booth (2015) ressalta que os *fandoms* progressivos representam não apenas nichos para escapismo, mas também fóruns significativos para engajamento cívico e mudança social. Eles oferecem um ambiente onde questões sobre diversidade, igualdade e justiça podem ser abordadas de maneira criativa, desafiando normas socioculturais e promovendo um debate mais amplo e inclusivo. O resultado é uma complexificação da nossa compreensão de como as comunidades de fãs contribuem para o discurso público e a representação social, tornando-as arenas indispensáveis para o ativismo contemporâneo.

¹⁶ “Jogando com os fãs: negociando o fandom e a mídia na era digital” (Tradução nossa).

Comunidades marginalizadas encontram na *fanfiction* um espaço para representar suas próprias vozes, preocupações e experiências, que muitas vezes são negligenciadas ou estereotipadas na mídia *mainstream*. Dentro do cenário acadêmico que explora as dimensões educacionais da *fanfiction*, a pesquisadora Rebecca Black é uma figura notável. Em seu estudo seminal *Adolescent identities and new literacies research in the teaching of English*, Black (2008) argumenta que as plataformas de *fanfiction* oferecem um ambiente rico para o desenvolvimento de competências literárias entre os participantes. Essas comunidades virtuais funcionam como laboratórios informais de aprendizagem, onde os indivíduos não apenas absorvem novas técnicas narrativas, mas também recebem *feedback* crítico instantâneo de outros membros. Essa perspectiva destaca a potencialidade da *fanfiction* enquanto espaço educacional inovador. No modelo tradicional de ensino, as habilidades literárias são frequentemente cultivadas em contextos rigidamente estruturados, nos quais o *feedback* muitas vezes é monodirecional, partindo exclusivamente do educador para o aluno. Em contraponto, as comunidades de *fanfiction* rompem com essa linearidade. Elas propiciam um ecossistema de aprendizagem colaborativa, no qual a avaliação e o aperfeiçoamento se dão de maneira mais democrática e plural.

O valor educacional dessas plataformas se estende para além do aprimoramento em escrita e leitura. Os membros dessas comunidades frequentemente debatem sobre temas complexos, como estrutura narrativa, desenvolvimento de personagens e até mesmo questões éticas ou filosóficas embutidas nas histórias. Esse nível de engajamento intelectual proporciona um exercício cognitivo robusto, auxiliando na formação de indivíduos mais críticos e reflexivos. O trabalho de Black (2008) contribui substancialmente para uma compreensão mais nuançada do papel da *fanfiction* no cenário educacional contemporâneo. Ao oferecer oportunidades para aquisição e refinamento de habilidades literárias dentro de uma estrutura comunitária, essas plataformas não apenas enriquecem a experiência educacional, mas também democratizam o acesso ao conhecimento e à prática literária, conectando experiências além da produção escolar, interligando jovens mundialmente.

Em termos globais, a *fanfiction* interage com as transformações sociais e tecnológicas da era digital. A análise da *fanfiction* enquanto fenômeno cultural e social exige uma visão multidimensional. Lothian (2018), em sua obra *Old futures: speculative fiction and queer possibility*¹⁷, oferece *insights* profundos sobre como essa prática literária vai além da simples interpretação ou transformação de textos canônicos. O autor aponta que o campo da *fanfiction* serve como um palco para negociar dinâmicas de poder entre o texto-fonte e suas

¹⁷ “Futuros Antigos: Ficção Especulativa e Possibilidade Queer” (Tradução nossa).

reinterpretações criativas. Essa não é apenas uma questão de reimaginação, mas uma oportunidade para tratar de preocupações atuais, especialmente no tocante à representatividade, diversidade e autoria coletiva. No âmbito de representatividade, a *fanfiction* apresenta uma estrutura inclusiva e democrática que permite a múltiplos grupos sociais, frequentemente marginalizados nas narrativas convencionais, um espaço para contar suas histórias. Esse é um palco onde vozes diversas podem ser ouvidas, e onde as personagens podem ser redimensionadas para incluir perspectivas relacionadas a gênero, orientação sexual, raça e outros marcadores de identidade.

Em relação à diversidade, Lothian (2018) sugere que a *fanfiction* opera como um meio através do qual se podem explorar pluralidades de experiências e realidades. Ao diversificar os pontos de vista, essa prática literária oferece um campo fértil para diálogos interseccionais, nos quais diferentes formas de opressão e privilégio podem ser desconstruídas e debatidas. O aspecto da autoria coletiva, por fim, deve ser sublinhado. A *fanfiction*, em sua essência, é um exercício de colaboração.

Os membros dessas comunidades não apenas elaboram suas próprias histórias, mas também contribuem com críticas, ideias e reformulações para as obras de outros. Este tipo de engajamento vai além da individualidade, entrando no território da criação coletiva, em que a obra final é, muitas vezes, o resultado de múltiplas vozes e visões. Assim, o trabalho de Lothian (2018) contribui para uma compreensão expandida do papel da *fanfiction* no ambiente literário e cultural contemporâneo. Suas observações realçam o poder desse meio como um espaço de contestação, negociação e representação, onde complexas questões sociais são trazidas à superfície e ativamente debatidas.

3 O LEITOR E AS *FANFICTIONS*

Nos capítulos anteriores, discutiu-se a centralidade da teoria *queer* e sua importância para a compreensão das dinâmicas de gênero e sexualidade na literatura contemporânea. A literatura digital e, em particular, a *fanfiction*, emergiu como um espaço relevante para a experimentação de identidades de gênero e sexualidade, especialmente no contexto LGBTQIAP+. Esse fenômeno pode ser analisado por meio do conceito de performatividade de gênero, tal como proposto por Judith Butler, que sugere que o gênero não é uma essência fixa, mas uma série de atos repetidos que consolidam a percepção de masculinidade e feminilidade (Butler, 1990). *Fanfiction*, como uma forma de ciberliteratura, se torna um local privilegiado para a expressão dessas identidades fluidas, permitindo aos autores e leitores questionar normas hegemônicas de gênero e sexualidade.

Ao reimaginar narrativas já estabelecidas, a *fanfiction* ocupa uma posição única na literatura ao desafiar as construções normativas e hegemônicas de identidade de gênero e sexualidade. Esse gênero literário, produzido majoritariamente por autores amadores em plataformas digitais, permite a reformulação de personagens e enredos canônicos, abrindo espaço para novas interpretações e possibilidades de identidade que muitas vezes são negligenciadas ou inexistentes na narrativa original.

Ao transformar personagens canônicos e suas histórias, os autores de *fanfiction* não apenas revisitam os textos originais, mas também os reconstroem de maneira que espelhem e respondam às suas próprias experiências e desejos, muitas vezes alinhados às questões de identidade LGBTQIAP+. Como afirma Pugh (2005), *fanfiction* pode ser vista como uma ferramenta de reapropriação cultural, na qual as normas estabelecidas são desafiadas e onde a agência criativa permite que os autores “reinscrevam” essas narrativas para refletir uma diversidade maior de experiências e identidades.

O ato de criar *fanfiction* envolve a repetição estilizada de performances de gênero, que Butler (1990) argumenta ser o que consolida as normas sociais. No entanto, na *fanfiction*, essas performances não se limitam à reafirmação das normas. Em vez disso, a repetição é subvertida, permitindo que os autores desafiem as expectativas sociais ao criar personagens que transcendem as limitações binárias de gênero e as construções normativas de sexualidade.

Conforme dito anteriormente, Jenkins (2006b) também destaca a importância da *fanfiction* como uma forma de *textual poaching*, ou caça textual, em que os fãs tomam posse de textos da cultura popular para recriar e reinterpretar seus significados. O autor vê a *fanfiction* como um ato de resistência cultural, no qual as vozes marginalizadas podem

encontrar um espaço para se expressar. Essa prática possibilita a representação de narrativas que incluem múltiplas formas de identidade de gênero e sexualidade, desafiando assim as normas heteronormativas que muitas vezes dominam as obras originais.

Além disso, Hellekson e Busse (2014) exploram a ideia de que *fanfiction* permite uma exploração colaborativa da identidade. Nas comunidades de fãs, os autores compartilham suas histórias com outros leitores e criadores, recebendo feedback e sugestões, o que fomenta um ambiente de coautoria e constante renegociação de significados. Essa dinâmica é fundamental para a subversão de identidades fixas, pois permite que as narrativas sejam continuamente recriadas, refletindo a fluidez e a multiplicidade das experiências de gênero e sexualidade.

Butler (1990) destaca que a performatividade do gênero não se refere a uma performance consciente, mas a uma repetição contínua de atos que criam a ilusão de uma identidade coesa. Nas *fanfictions*, esse processo é evidente na forma como personagens assumem novas identidades de gênero e sexualidade, muitas vezes em contraste com suas representações originais. Essas reinterpretações não apenas oferecem uma alternativa às narrativas hegemônicas, mas também exemplificam a fluidez do gênero, sugerindo que a identidade é sempre inacabada e em constante construção.

Ao discutir a formação de leitores, Iser (1980) argumenta que o ato de leitura envolve uma interação dinâmica entre texto e leitor, na qual o significado é construído ao se preencher as lacunas intencionalmente deixadas pela narrativa. No caso das fanfictions LGBTQIAP+, essa teoria se manifesta de maneira singular, pois leitores queer, ao interagirem com essas histórias, não apenas interpretam o que está implícito, mas também ressignificam as tramas para incluir suas vivências, emoções e identidades. Assim, a leitura dessas fanfics se torna um espaço de reconhecimento e validação, onde o leitor não apenas compreende o mundo ao seu redor, mas também encontra um reflexo positivo de si mesmo, fortalecendo sua percepção de pertencimento.

Essa interação leitor-texto, segundo Iser (1980), não se limita à atribuição de sentidos, mas envolve também o ato de fingir, característico do texto ficcional. A ficção, ao transcender a simples representação da realidade, estimula o leitor a romper com percepções cristalizadas, convidando-o a explorar novos olhares sobre o mundo. Por meio dessas estratégias ficcionais, o leitor é provocado a experimentar diferentes perspectivas e possibilidades de existência, o que, no contexto das fanfictions, permite a construção de narrativas que desafiam normas sociais e reafirmam identidades marginalizadas, tornando a leitura um processo ativo de reconstrução simbólica e emancipatória.

Além disso, Certeau (1994) oferece uma visão poderosa do leitor como um

“consumidor ativo”, sugerindo que a leitura não é uma atividade passiva, mas um processo no qual o leitor desempenha um papel crucial na construção do significado do texto. Essa ideia se aplica de maneira particularmente relevante às *fanfictions*, pois os jovens leitores LGBTQIAP+ vão além de simplesmente absorver as histórias; eles se tornam participantes ativos no processo de criação e desenvolvimento narrativo.

Nas comunidades de *fanfiction*, a linha entre leitor e autor muitas vezes se torna indistinta. Jovens *queer* não apenas leem *fanfics* que refletem suas experiências e identidades, mas também produzem suas próprias histórias, utilizando o universo de obras canônicas como um ponto de partida para explorar novas possibilidades narrativas. Esse processo de criação ativa permite que esses leitores-autores redefinam personagens, enredos e relações de acordo com suas próprias perspectivas, muitas vezes transformando narrativas heteronormativas em histórias inclusivas e diversificadas.

Ao escrever suas próprias *fanfictions*, esses jovens não apenas respondem às lacunas de representatividade que encontram na literatura tradicional, mas também expandem o universo ficcional para incluir vozes que antes estavam ausentes ou marginalizadas. Esse processo de escrita colaborativa e participativa reflete o que de Certeau (1994) descreve como uma “prática de bricolagem”, na qual os leitores tomam os fragmentos do texto original e os rearranjam de maneira criativa para produzir algo novo. No contexto das *fanfictions* LGBTQIAP+, essa bricolagem resulta em narrativas que subvertem as normas culturais e desafiam as representações convencionais de gênero e sexualidade.

Além disso, o ambiente digital em que essas *fanfictions* são produzidas e compartilhadas oferece uma plataforma onde a interação entre autores e leitores é contínua. As comunidades *online*, como *Archive of Our Own* (AO3) ou *Wattpad*, funcionam como espaços de diálogo e troca, onde os comentários dos leitores podem influenciar o desenvolvimento de histórias em andamento, e os autores podem ajustar suas narrativas com base no *feedback* recebido. Essa interação constante entre criadores e consumidores cria um ciclo virtuoso de produção de conteúdo, no qual as histórias são moldadas de maneira coletiva, refletindo as necessidades e desejos da comunidade *queer*.

Essa coautoria digital não apenas fortalece o processo de formação de leitores LGBTQIAP+, mas também cria um senso de pertencimento dentro dessas comunidades. Ao escrever e compartilhar suas histórias, os jovens *queer* se envolvem em uma prática cultural que valida suas identidades e experiências, enquanto ao mesmo tempo contribuem para a construção de uma nova cultura literária, mais inclusiva e representativa. Nesse sentido, o ato de criação não é apenas uma extensão da leitura, mas também um ato de resistência cultural,

em que as narrativas tradicionais são reconfiguradas para incluir aqueles que foram historicamente marginalizados.

A criação de *fanfictions*, portanto, é uma forma de empoderamento. Os jovens LGBTQIAP+ que participam dessas comunidades não estão apenas consumindo histórias, mas também definindo os contornos de suas próprias representações. Eles moldam seus próprios espaços narrativos, onde as limitações impostas pela cultura dominante são desafiadas e onde suas experiências de vida são legitimadas e celebradas. Esse processo de criação coletiva e ativa transforma a relação tradicional entre leitor e texto, permitindo que os jovens *queer* assumam o controle das histórias que consomem e, por extensão, de suas próprias narrativas de vida.

Esse fenômeno se conecta diretamente ao tema da democratização da literatura digital, em que plataformas de *fanfiction* tornam acessível a criação e disseminação de conteúdos LGBTQIAP+, oferecendo a esses jovens a oportunidade de se expressarem e de verem suas vozes amplificadas em uma comunidade global. Para esses leitores, as *fanfictions* representam uma oportunidade de ver suas vidas refletidas de maneira que raramente encontram em outras formas de mídia. Ao invés de personagens *queer* serem relegados ao papel de coadjuvantes ou vítimas, as *fanfics* oferecem-lhes o centro da narrativa, permitindo que suas histórias sejam contadas de forma completa e autêntica. Isso tem um impacto profundo na formação de sua identidade enquanto leitores e indivíduos, já que essas histórias fornecem um espaço onde suas vidas, amores e lutas são validados e celebrados. Essa experiência de leitura vai além do simples entretenimento; trata-se de uma afirmação poderosa de que suas histórias merecem ser contadas e lidas.

Jenkins (2006a) argumenta que a cultura participativa, facilitada pela *internet*, reconfigura as relações entre produtores e consumidores de mídia. No contexto das *fanfictions*, os jovens *queer* não são mais apenas receptores passivos de histórias, mas tornam-se cocriadores de conteúdo, contribuindo para a construção de uma nova forma de literatura que reflete suas realidades. A democratização das plataformas de *fanfiction* permite que esses leitores se tornem agentes ativos na criação de suas próprias representações, desafiando as narrativas tradicionais e criando espaços para identidades marginalizadas que, de outra forma, seriam silenciadas.

Além disso, essa democratização tem um impacto significativo na maneira como os jovens *queer* se relacionam com a leitura e a escrita. Black (2008), ao estudar a produção de *fanfiction* por adolescentes, observa que essas plataformas oferecem uma oportunidade única para o desenvolvimento de habilidades literárias e para a exploração de identidades pessoais

em um ambiente colaborativo. A capacidade de compartilhar histórias e receber *feedback* em tempo real cria um ciclo de aprendizado e desenvolvimento contínuo, no qual o ato de escrever se torna uma ferramenta para a autoexploração e o fortalecimento da identidade.

Conforme aponta Lothian (2018), a cultura digital de *fanfiction* oferece um espaço onde os jovens *queer* podem reimaginar suas experiências de maneira mais expansiva, sem as limitações impostas pela sociedade heteronormativa. Essa flexibilidade narrativa permite que os leitores *queer* se identifiquem com uma variedade de histórias que abordam diferentes aspectos de suas identidades, desde o romance até a superação de traumas, criando uma literatura *queer* que é multifacetada e diversificada.

O impacto dessa democratização também se reflete na acessibilidade. Para muitos jovens *queer*, a *internet* oferece o primeiro contato com narrativas que espelham suas experiências de vida. As plataformas de *fanfiction* democratizam o acesso a essas histórias, permitindo que leitores de diferentes contextos culturais, sociais e econômicos tenham a oportunidade de se envolver com conteúdos que falam diretamente às suas vivências. Ao acessar essas histórias, os leitores *queer* encontram um senso de comunidade e pertencimento, o que é fundamental para a formação de sua identidade enquanto leitores e indivíduos. Essa democratização, então, não apenas amplia o alcance das histórias *queer*, mas também permite que elas cheguem a leitores que, de outra forma, poderiam nunca ter acesso a essas representações.

Fiske (1992), ao discutir a cultura popular, afirma que os leitores têm a capacidade de produzir significados novos e subversivos a partir dos textos que consomem. No contexto das *fanfictions*, essa ideia é ampliada pela interatividade das plataformas digitais, onde os leitores podem moldar diretamente as narrativas por meio de comentários, sugestões e *feedback*. Ao se engajar com os autores, os leitores influenciam o desenvolvimento dos personagens e dos enredos, permitindo uma coautoria dinâmica. Essa prática de coautoria cria um espaço onde as identidades *queer*, muitas vezes representadas de maneira limitada na mídia tradicional, podem ser exploradas de forma mais complexa e fluida.

A interatividade também facilita um processo de autoexploração para os leitores e autores. Lévy (1999), em sua obra sobre a inteligência coletiva, destaca que as plataformas digitais permitem o compartilhamento de conhecimento e a cocriação de significado em um ambiente colaborativo. Nas comunidades de *fanfiction*, esse ambiente se torna particularmente relevante para jovens LGBTQIAP+, que utilizam o *feedback* dos leitores como um mecanismo para validar suas próprias experiências e identidades. A troca contínua entre autores e leitores gera uma rede de apoio que reforça a fluidez das identidades *queer*,

permitindo que os indivíduos experimentem e moldem suas narrativas de maneira a refletir suas realidades em constante evolução.

Essa forma de interatividade não se limita ao *feedback* dos leitores. Em muitos casos, os leitores contribuem diretamente para a construção das histórias, sugerindo ideias para futuros capítulos, ajudando na elaboração de tramas ou até mesmo colaborando na escrita em conjunto com o autor. Baym (2010), ao discutir a formação de comunidades digitais, observa que essas interações online promovem uma sensação de pertencimento e de criação coletiva, onde as fronteiras entre autor e leitor se tornam fluidas. No caso das *fanfictions*, essa dinâmica fortalece a criação de identidades *queer* que são moldadas coletivamente, em vez de serem impostas por narrativas externas.

Além disso, o ambiente de coautoria propiciado pelas plataformas de *fanfiction* permite uma constante renegociação de significados e representações. Quando leitores participam ativamente na construção de histórias, eles trazem consigo suas próprias perspectivas, desafios e vivências, o que enriquece as narrativas e reflete a diversidade de experiências dentro da comunidade LGBTQIAP+. O processo de cocriação gera histórias que são inclusivas e representativas de múltiplas realidades *queer*, desafiando as normas e expectativas que muitas vezes restringem a representação dessas identidades na mídia convencional.

A ideia de educação sentimental discutida por Blackburn e Clark (2010) refere-se ao papel da leitura e escrita na formação emocional dos indivíduos, especialmente no desenvolvimento da capacidade de empatia, autorreflexão e conexão com os outros. No contexto das *fanfictions*, essa educação sentimental é amplificada pela criação de uma comunidade de leitores e escritores LGBTQIAP+, na qual a exploração das emoções e experiências pessoais se torna um processo coletivo de aprendizado e crescimento. Essas comunidades digitais oferecem um ambiente seguro para jovens *queer* desenvolverem não apenas suas habilidades de escrita e leitura, mas também seu entendimento emocional de si mesmos e dos outros, o que contribui significativamente para a formação de suas identidades.

A leitura e a escrita de *fanfictions*, especialmente em plataformas interativas, funcionam como um meio para que os jovens LGBTQIAP+ experimentem e expressem suas emoções de maneira segura e validada. O processo de imersão em narrativas que exploram identidades *queer*, e a criação de suas próprias histórias, permite que esses jovens experimentem uma gama emocional que, muitas vezes, é limitada ou distorcida em representações *mainstream*. Como afirmam Blackburn e Clark (2010), esse tipo de educação sentimental é essencial para o desenvolvimento de uma autocompreensão mais profunda e

para a construção de relações empáticas dentro da comunidade.

Ao engajar-se em *fanfictions*, os jovens leitores LGBTQIAP+ não apenas experimentam novas formas de narrativa, mas também se envolvem em um processo de autorreflexão, no qual as histórias que consomem e produzem ajudam a moldar suas próprias experiências emocionais. Quando um autor de *fanfiction* cria uma narrativa que sugere, mas não desenvolve totalmente, a identidade de gênero de um personagem, o leitor LGBTQIAP+ pode preencher essa lacuna com suas próprias experiências de questionamento de gênero ou de autodescoberta. Esse ato de leitura ativa permite que o jovem *queer* construa um significado pessoal a partir da narrativa, usando-a como um espelho para refletir sobre suas próprias experiências. Esse processo é vital para o desenvolvimento emocional, pois permite que o leitor enfrente, compreenda e aceite partes de sua identidade que podem ter sido suprimidas ou marginalizadas em outros contextos.

Ao escrever, os autores de *fanfiction queer* podem abordar diretamente as questões de gênero, sexualidade e identidade de maneira que ressoe com suas próprias vidas, enquanto oferecem a outros leitores a oportunidade de se engajarem nesse processo de interação e descoberta. Esse ciclo contínuo de leitura e escrita transforma as *fanfictions* em ferramentas poderosas para a construção de identidades fluídas e multifacetadas.

A teoria de Iser (1980) também sugere que a interpretação de um texto é moldada pelas expectativas e pelo repertório cultural dos leitores. No caso das *fanfictions* LGBTQIAP+, muitos jovens entram em contato com essas histórias em busca de representação, e as lacunas deixadas pelos textos originais (muitas vezes obras mainstream que não abordam diretamente questões *queer*) são preenchidas por suas expectativas de verem suas identidades validadas e suas experiências reconhecidas. Ao preencher essas lacunas, os leitores se engajam em um diálogo com o texto que vai além da simples interpretação, tornando-se um processo de afirmação pessoal e de transformação cultural.

Esse processo interativo é fundamental para o desenvolvimento de uma compreensão mais rica de si mesmos. Jovens *queer* que leem e escrevem *fanfictions* não apenas consomem narrativas, mas também as recriam de modo a refletir suas próprias experiências. Isso lhes dá a oportunidade de processar emoções complexas, como a aceitação de sua identidade sexual ou de gênero, o enfrentamento do preconceito e o reconhecimento do amor e da felicidade em suas vidas. Ao explorar essas questões através das lacunas deixadas no texto, os leitores estão, na verdade, construindo e reconstruindo suas próprias histórias de vida.

A interação entre o leitor e o texto, conforme descrita por Iser (1980), é intensificada nas *fanfictions*, pois as questões de identidade, gênero e sexualidade são frequentemente

centrais. O ato de escrever *fanfictions* contribui para a formação de uma comunidade solidária de leitores e escritores LGBTQIAP+. Lévy (1999) destaca a importância da inteligência coletiva nas plataformas digitais, onde o conhecimento é compartilhado e construído coletivamente. No caso das *fanfictions*, essa inteligência coletiva se manifesta em comunidades *online* onde os membros compartilham suas histórias, comentam sobre as experiências uns dos outros e oferecem suporte emocional. Esse processo de troca contínua permite que os jovens *queer* desenvolvam habilidades emocionais essenciais, como a empatia, a resiliência e a capacidade de se conectar profundamente com os outros. A comunidade digital torna-se, então, um espaço onde a educação sentimental ocorre de maneira colaborativa e onde as emoções podem ser expressas livremente, sem medo de julgamento.

A interatividade dessas plataformas também reforça a ideia de que a educação sentimental é um processo dinâmico e em constante evolução. Baym (2010) destaca que a participação ativa em comunidades digitais gera laços emocionais profundos entre seus membros, um fenômeno que se torna ainda mais significativo dentro das comunidades de *fanfiction* LGBTQIAP+. Nessas plataformas, as conexões se formam não apenas a partir do compartilhamento de histórias, mas também da construção de um espaço seguro onde jovens *queer* podem explorar e expressar suas identidades sem medo de julgamento. A troca de histórias entre os membros dessas comunidades cria uma rede de apoio emocional que é vital para o desenvolvimento de identidades resilientes. Ao compartilhar experiências de marginalização, amor, perda e crescimento, esses jovens encontram validação mútua, o que fortalece sua confiança e capacidade de enfrentar desafios.

A construção de laços emocionais através da participação nessas comunidades também promove o crescimento coletivo, em que o desenvolvimento emocional de cada membro contribui para o bem-estar de toda a comunidade. Essa interconexão reforça a noção de que a formação de identidade não ocorre de maneira isolada, mas em um contexto social e colaborativo, onde o apoio e o reconhecimento de outros indivíduos desempenham um papel crucial. Baym (2010) sugere que essas interações promovem um senso de pertencimento que é fundamental para a construção de uma identidade coletiva, especialmente em comunidades marginalizadas, como as de jovens LGBTQIAP+.

Esse processo também está profundamente ligado à ideia de coautoria. Como argumentado por Fiske (1992) e Certeau (1994), a produção cultural não é um ato isolado, mas um esforço colaborativo em que os consumidores participam ativamente da construção de significado. Nas comunidades de *fanfiction*, os jovens LGBTQIAP+ estão engajados em um processo de coautoria em múltiplos níveis.

A prática colaborativa nas comunidades de *fanfiction* também estabelece um espaço onde a educação sentimental, como discutido por Blackburn e Clark (2010), se desenvolve de maneira natural e contínua. Jovens *queer* que participam ativamente dessas comunidades não apenas aprimoram suas habilidades emocionais e empáticas, mas também constroem suas identidades de forma mais segura e fortalecida. O ambiente de coautoria, junto com os laços emocionais profundos estabelecidos entre os membros, cria um contexto no qual o crescimento pessoal se entrelaça com o comunitário, proporcionando uma base sólida para a construção de identidades resilientes e complexas.

Essa interseção entre desenvolvimento emocional e construção de identidade leva diretamente à discussão sobre a teoria *queer*. Ao desafiar as normas de gênero e sexualidade dominantes, a teoria *queer* oferece a esses jovens um arcabouço teórico que legitima a fluidez de suas experiências e narrativas. As *fanfictions*, ao incorporar essa abordagem, tornam-se ferramentas poderosas para a exploração e expressão de identidades que transcendem o binarismo de gênero e a heteronormatividade, fazendo uso da teoria *queer* demonstrando que a mesma impacta diretamente a transformação dessas narrativas em *fanfictions*, permitindo uma representação mais ampla e diversificada de identidades e relacionamentos.

A teoria supracitada, com suas raízes na desconstrução das categorias fixas de gênero e sexualidade, oferece um arcabouço teórico que legitima a fluidez das identidades e das relações interpessoais. Nas *fanfictions*, essa abordagem permite a criação de personagens e enredos que desafiam as construções normativas de masculinidade, feminilidade e sexualidade, proporcionando um espaço para a representação de múltiplas formas de ser e existir.

Sedgwick (1985), uma das pioneiras da teoria *queer*, introduz o conceito de homossexualidade para descrever as dinâmicas de relações afetivas e emocionais entre pessoas do mesmo sexo que não necessariamente envolvem o desejo sexual, mas que são estruturadas em torno de vínculos emocionais profundos. Sedgwick (1985) explora como essas relações homossexuais são muitas vezes reguladas pela heteronormatividade, com o objetivo de manter as fronteiras entre amizade e desejo homoerótico. No entanto, nas *fanfictions*, essas fronteiras são frequentemente borradas, e as relações homossexuais podem evoluir para relações *queer*, desafiando as convenções culturais sobre gênero e sexualidade.

3.1 *Fanfictions* e gênero

Um exemplo claro de como a teoria *queer* impacta as narrativas de gênero em *fanfictions* pode ser visto em histórias que exploram a relação entre personagens tradicionalmente masculinos, como as *fanfics* que abordam o relacionamento entre Remus Lupin e Sirius Black, ou entre Harry Potter e Draco Malfoy, no universo de Harry Potter. Essas *fanfics* frequentemente subvertem as dinâmicas de homossexualidade que existiam no texto original, transformando amizades masculinas intensas em relações românticas e sexuais que desafiam a heteronormatividade. Ao reimaginar essas relações, as *fanfictions* não apenas contestam as fronteiras entre amizade e desejo, mas também oferecem uma visão mais complexa e fluida das masculinidades, permitindo que os personagens explorem sua vulnerabilidade emocional e suas identidades sexuais de maneiras que o texto original não permitia.

Além disso, as *fanfictions* frequentemente desconstróem as expectativas de gênero associadas a personagens femininas. Em muitos textos canônicos, as mulheres são relegadas a papéis passivos ou secundários, mas as *fanfictions* reimaginam essas personagens de lhes conferindo agência e poder. Um exemplo clássico na literatura brasileira é a personagem Capitu, de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. Na narrativa original, Capitu é retratada sob a ótica de Bentinho, o protagonista, que a vê com suspeita, duvidando de sua fidelidade ao longo da história. Dessa forma, ela é privada de uma voz autêntica, tornando-se prisioneira da narrativa de seu marido e das interpretações dúbias dos leitores.

Nas *fanfictions* modernas, porém, Capitu é reimaginada de forma mais autônoma e multifacetada. Obras¹⁸ como *Capitu: a verdadeira história* oferecem à personagem o protagonismo que lhe foi negado, ao permitir que ela se expresse diretamente, questionando as acusações e desconstruindo a versão tendenciosa de Bentinho. Nessas releituras, Capitu não é apenas um objeto de desejo ou desconfiança, mas uma mulher com vontade própria, que desafia as normas da sociedade patriarcal do século XIX. Ela ganha agência ao controlar sua própria narrativa e, em alguns casos, é retratada como uma mulher à frente de seu tempo, cuja força e independência a colocam em conflito com as convenções de sua época.

Fanfictions que reimaginam Capitu dessa forma frequentemente exploram temas como a liberdade feminina, a sexualidade e o empoderamento, questionando a estrutura binária de gênero que domina a obra original. Em algumas histórias, Capitu é descrita como uma figura que transcende as expectativas tradicionais de esposa e mãe, assumindo papéis mais ativos e críticos nas dinâmicas sociais. Essa transformação não apenas desafia a visão conservadora de seu caráter, mas também subverte a própria narrativa de *Dom Casmurro*, ao

¹⁸ “Capitu: olhos que condenam”; “Escobar: além da amizade”; “O Outro lado do olhar”; entre outras.

propor uma nova interpretação sobre os eventos que ocorrem entre Capitu, Bentinho e Escobar.

Por meio dessa abordagem, as *fanfictions* aplicam conceitos da teoria *queer*, desconstruindo a representação normativa de gênero e propondo novas formas de existência para Capitu. As reinterpretações oferecem à personagem uma complexidade que lhe é negada no texto original, possibilitando leituras que a apresentam como uma mulher empoderada e resistente às imposições sociais. Ao transcender o papel limitado que lhe foi atribuído, Capitu se transforma em um símbolo de resistência feminina, questionando as narrativas que a subjagam. Esse movimento nas *fanfics* brasileiras também reflete uma tendência mais ampla de dar espaço a personagens tradicionalmente marginalizadas, permitindo-lhes falar e agir com autonomia.

As *fanfictions* baseadas em *Dom Casmurro* não apenas expandem as fronteiras do texto original, mas também questionam as estruturas patriarcais presentes na literatura canônica. Ao dar voz e protagonismo a Capitu, essas narrativas revelam uma resistência crítica às construções hegemônicas de gênero, subvertendo as expectativas tradicionais e criando espaços para representações mais inclusivas e complexas. A literatura marginal, nesse sentido, encontra nas *fanfictions* um poderoso veículo para revisitar e reimaginar personagens femininas, conferindo-lhes a agência que lhes foi negada historicamente.

O compilado *Ecos de Capitu* é uma coleção de *fanfics* escritas por alunas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG), sob a organização de Abreu-Aoki (2022). A obra se destaca como uma releitura contemporânea de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, focada em ampliar a voz e o protagonismo de Capitu. O objetivo principal é subverter as interpretações canônicas da personagem, explorando sua complexidade psicológica, sua autonomia e a diversidade de seu potencial afetivo e social. No compilado, as *fanfics* são atravessadas por questões de gênero, sexualidade e poder, oferecendo novas dimensões interpretativas para essa figura feminina icônica da literatura brasileira.

Entre as narrativas que se destacam, *Capitolinas*, por exemplo, constrói Capitu como uma personagem de múltiplas camadas, centrando-se em sua identidade além dos papéis impostos pela sociedade. Em *Antelóquio à Dom Casmurro* (Cadar, 2022a), Capitu emerge como uma narradora que desafia as convenções e traça uma jornada de autoafirmação. A obra promove uma reflexão sobre como as diferentes faces da personagem, muitas vezes relegadas à dúvida e ao julgamento, podem ganhar novas interpretações ao serem narradas por ela mesma. Outra *fanfic* de destaque é *Pelos olhos de cigana oblíqua e dissimulada*, que revisita

o emblemático olhar de Capitu sob uma perspectiva que incorpora o questionamento das noções de “ambiguidade” e “traição” associadas a ela. Nessa narrativa, Capitu é apresentada com uma intensidade e vulnerabilidade que ressignificam suas atitudes, mostrando a personagem como alguém que se posiciona com coragem diante das normatividades sociais e afetivas da época.

O compilado também inclui *fanfics* em que Capitu é retratada como lésbica, abrindo um novo campo interpretativo que desafia os rígidos binarismos de gênero e sexualidade. Nessas histórias, a personagem estabelece laços afetivos com outras mulheres, o que permite uma releitura *queer* da obra machadiana. A representação de Capitu como uma mulher que questiona as imposições heteronormativas do século XIX não apenas subverte a narrativa de traição tradicional, mas também celebra a diversidade de identidades e expressões afetivas. *Ecos de Capitu*, assim, expande o universo de *Dom Casmurro* com um olhar inclusivo e crítico, promovendo discussões sobre identidade, autonomia e representatividade nas releituras da literatura clássica brasileira.

Na *fanfiction Prometida* (Cadar, 2022b), Capitu é retratada como uma personagem forte e complexa, ultrapassando as limitações do papel feminino tradicional do século XIX. Em contraste com a obra original, em que Bentinho a coloca como uma possível traidora, Capitu aqui assume um papel ativo e consciente, posicionando-se firmemente em suas decisões e questionando a intenção de Bentinho em tratar a gravidez como um “problema” que pode ser resolvido pelo casamento com Escobar. Ela confronta essa visão diretamente, declarando: “Meu filho não é um problema” (Cadar, 2022b, p. 54), recusando-se a aceitar o peso de um casamento de conveniência e reafirmando sua autonomia.

Escobar, por outro lado, aparece com uma profundidade emocional distinta em suas interações com Bentinho e Capitu. Sua relação com Bentinho vai além da amizade, marcada por uma tensão velada que transparece em sua lealdade intensa e nos olhares que troca com o amigo. Em um momento revelador, ele admite que “não queria se casar se não fosse com Bentinho” (Cadar, 2022b, p. 55), expondo um desejo oculto que Capitu percebe, entendendo que Escobar está disposto a ajudar Bentinho “a qualquer custo.” Esse sentimento insinua uma paixão reprimida, revelando o desejo de Escobar por Bentinho e desafiando as convenções de masculinidade e amizade do período. O casamento entre Capitu e Escobar, proposto por Bentinho como solução para seus “problemas,” transforma-se em um elaborado jogo de máscaras, no qual cada personagem esconde seus verdadeiros sentimentos. Capitu, mesmo casada com Escobar, mantém um vínculo emocional profundo com Bentinho, enquanto Escobar, em sua posição de “substituto,” assume um papel ambíguo. Eles se ajustam às

aparências sociais, criando uma aliança em que ambos dividem o afeto não correspondido por Bentinho e fazem do casamento uma fachada para preservar esses laços emocionais. Como Capitu observa, “enquanto eu e ele aprendíamos a conviver com as máscaras, Bentinho envenenava a si mesmo com seus ciúmes” (Cadar, 2022b, p. 57).

Bentinho, consumido pela insegurança e ciúme, percebe o crescente vínculo entre Capitu e Escobar e passa a se referir ao amigo como “substituto,” enquanto Escobar, magoado, o chama de “Padre Casmurro.” A troca de apelidos expõe a tensão interna de Bentinho e a distância que as convenções religiosas e sociais impõem sobre seus próprios desejos reprimidos. Bentinho luta para manter controle e poder, mas as normas sociais afetam profundamente a identidade de cada um dos personagens.

Essa relação triangular entre Bentinho, Capitu e Escobar, permeada por olhares e intenções silenciosas, proporciona uma nova camada ao universo de *Dom Casmurro*. Em *Prometida* (Cadar, 2022b), Capitu e Escobar compartilham uma conexão emocional profunda com Bentinho, formando uma aliança tácita em que ambos são cúmplices de uma afeição não permitida. Esse sentimento permanece velado pelo casamento e por um pacto silencioso, sustentando uma complexidade de vínculos e afetos que desafia as expectativas da sociedade da época. A *internet*, ao proporcionar um espaço de anonimato e liberdade criativa, permite que autores se manifestem sem as restrições impostas pelas normas sociais tradicionais. Nesse sentido, a escrita de *fanfiction* serve como uma forma de resistência à heteronormatividade, permitindo que autores LGBTQIAP+ criem espaços literários onde a diversidade de gênero e sexualidade é não apenas aceita, mas celebrada. A performatividade de gênero em *fanfictions*, portanto, reflete a capacidade desses textos de desestabilizar as categorias de identidade fixa, mostrando que o gênero pode ser continuamente reconfigurado.

A própria estrutura colaborativa de plataformas de *fanfiction*, como *fanfiction.net*¹⁹, *Archive of Our Own (AO3)*²⁰, *Wattpad*²¹, contribui para essa experimentação. Leitores podem interagir com os autores, sugerir mudanças e, assim, influenciar diretamente o desenvolvimento das narrativas. Esse processo de coautoria possibilita uma flexibilidade ainda maior na construção de identidades, permitindo que múltiplas visões sobre gênero e sexualidade sejam integradas na narrativa. Essa dinâmica reafirma o caráter performativo do gênero, uma vez que as identidades apresentadas nas histórias são moldadas pela interação constante entre autores e leitores, desafiando, assim, a estabilidade e o binarismo do gênero.

¹⁹ <https://www.fanfiction.net/>

²⁰ <https://archiveofourown.org/>

²¹ <https://www.wattpad.com/>

Além de desafiar as normas de gênero estabelecidas, a *fanfiction* também serve como um espaço para a reinterpretação das relações de poder associadas a essas normas. Nesse contexto, as *fanfictions* frequentemente exploram a desconstrução de hierarquias tradicionais, em que papéis de gênero rigidamente definidos são subvertidos. Um exemplo claro dessa subversão é a forma como as *fanfictions* reimaginam as dinâmicas de poder em relacionamentos românticos ou platônicos. No *fandom* de Harry Potter, um exemplo notável dessa subversão pode ser encontrado nas *fanfics* “Drarry”, que retratam um relacionamento romântico entre Harry Potter e Draco Malfoy.

No original, Harry é o herói, sempre em posição de destaque e poder, enquanto Draco é retratado como seu antagonista, privilegiado por sua família, mas emocionalmente vulnerável e instável. Nas *fanfictions*, essa dinâmica de poder é frequentemente revertida. Em muitas histórias, Draco, que é visto como emocionalmente fragilizado, encontra força ao lado de Harry, e seu papel vai além de um simples rival. O Draco das *fanfictions Drarry* é, muitas vezes, alguém que desafia as expectativas de submissão, assumindo a liderança em seu relacionamento com Harry ou se reestruturando emocionalmente com a ajuda de Harry, o que inverte a dinâmica herói-vilão; assumindo uma postura de maior segurança emocional, apoiando Harry em suas próprias inseguranças e traumas, subvertendo a ideia de que o “vilão” sempre precisa de redenção ou que o “herói” é sempre o centro de poder e estabilidade emocional. Ao reimaginar Draco como um personagem que não está confinado ao estereótipo de vilão problemático, as *fanfics* desconstroem as hierarquias originais da narrativa de Harry Potter, permitindo que ambos os personagens transcendam os papéis impostos pela autora das obras, J. K. Rowling.

Outro exemplo de subversão das dinâmicas de poder pode ser encontrado nas *fanfictions Wolfstar*, especialmente na *fanfiction* que será estudada neste capítulo, *All The Young Dudes* (MSKingBean89, 2017), que explora o relacionamento romântico entre Remus Lupin e Sirius Black. No texto original, Remus é frequentemente visto como um personagem secundário, marcado pela marginalização de sua condição como lobisomem e por sua natureza introspectiva, enquanto Sirius é retratado como o amigo carismático e impulsivo, muitas vezes tomando as rédeas da ação. Nas *fanfictions*, no entanto, essa hierarquia é desafiada de diversas maneiras. Em muitas histórias, Remus é quem assume a liderança emocional do relacionamento, enquanto Sirius é retratado como alguém que precisa do apoio e da estabilidade de Remus para enfrentar seus próprios traumas e inseguranças; a força emocional e a capacidade de liderança de Remus são o que sustentam Sirius, desafiando a expectativa de que o personagem “forte” deve ser o mais extrovertido ou dominante. O

relacionamento entre eles é frequentemente retratado como uma troca de poder mais equilibrada, em que Remus, tradicionalmente visto como vulnerável por sua condição, se torna uma âncora para Sirius, que, apesar de sua imagem de bravura, luta com questões internas profundas. Essa dinâmica subverte os estereótipos de gênero e masculinidade associados aos dois personagens, oferecendo uma leitura mais complexa e igualitária de suas identidades e do papel de poder que ambos desempenham em suas vidas.

Além dos exemplos de *Drarry* e *Wolfstar*, outro casal popular que subverte as dinâmicas tradicionais de poder é *Pansmione* – o relacionamento entre Pansy Parkinson e Hermione Granger. Nos originais de Harry Potter, Pansy é vista como uma figura antagonista e superficial, frequentemente retratada como parte do grupo que segue Draco, enquanto Hermione é a personagem intelectualmente poderosa, centrada e respeitada. Nas *fanfics* *Pansmione*, essa dinâmica é frequentemente invertida ou equilibrada de forma que dão mais complexidade a ambas as personagens.

Em muitas *fanfics*, Pansy é retratada como uma mulher que desafia as normas rígidas de sua criação em Sonserina e que, ao lado de Hermione, ganha mais profundidade emocional. Nessas histórias, Pansy desenvolve uma força interior que a permite questionar sua educação elitista e se afirmar de maneiras que transcendem seu papel original de vilã secundária. Por outro lado, Hermione, muitas vezes a “boazinha” em posições de autoridade, explora um lado mais vulnerável e emocional, encontrando em Pansy um apoio e uma conexão inesperados.

Essas narrativas de *Drarry*, *Wolfstar* e *Pansmione* mostram como as *fanfictions* oferecem uma oportunidade para que personagens tradicionalmente vistos como submissos ou secundários assumam papéis de liderança ou desafiem diretamente as estruturas de poder que os confinam a estereótipos de gênero. Ao reinterpretar as dinâmicas de poder em relacionamentos românticos ou platônicos, as *fanfictions* criam um espaço onde as normas rígidas de gênero e hierarquia podem ser desconstruídas, permitindo que novas formas de relação e identidade emergem de maneira mais inclusiva e diversificada.

Gwenllian-Jones (2004), em sua pesquisa sobre a estética da *fanfiction*, argumenta que essa prática literária permite que os escritores experimentem com relações de poder de uma maneira que seria impossível em narrativas tradicionais, frequentemente controladas por convenções de gênero e comerciais. Ao reescrever relações, os autores podem questionar as dinâmicas tradicionais de dominação e submissão, permitindo que os personagens explorem uma gama mais ampla de comportamentos e papéis. Essa liberdade para reimaginar as relações de poder resulta em narrativas que frequentemente exploram temas de igualdade,

consentimento e autonomia de maneira mais profunda do que as obras originais.

Haraway (1991), em seu livro *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*, propõe a ideia de “rejeição de limites” entre categorias sociais, ao discutir a figura do ciborgue como uma metáfora para a identidade pós-moderna. A autora argumenta que as categorias tradicionais – como humano e máquina, homem e mulher, natureza e cultura – são construções sociais que precisam ser contestadas para permitir a emergência de novas formas de subjetividade. A figura do ciborgue, ao transcender essas divisões, representa uma identidade híbrida que questiona as normas impostas pela sociedade. Essa ideia de hibridização e fluidez é crucial para entender como as *fanfictions* reimaginam identidades de gênero e sexualidade. Na *fanfiction*, essa rejeição de limites se manifesta na criação de personagens que atravessam as fronteiras impostas pelas normas de gênero. As histórias muitas vezes apresentam personagens que não se encaixam em categorias binárias, como masculino e feminino, ou heterossexual e homossexual, desafiando a lógica da fixidez identitária.

A hibridização ocorre quando os personagens habitam espaços de interseção entre identidades, nos quais o gênero é compreendido como fluido, não restrito às dicotomias tradicionais. Esse movimento de atravessamento de fronteiras é um exemplo da subversão das normas de gênero que Haraway (1991) propõe, em que o híbrido, tal como o ciborgue, não é definido por oposições, mas por sua capacidade de transitar entre diferentes formas de ser. Além disso, conforme a autora, a ideia de rejeição de limites pode ser vista no modo como as *fanfictions* permitem uma reconfiguração das relações sociais.

Ao rejeitar as fronteiras que separam categorias normativas, os autores de *fanfictions* podem explorar relações que desafiam as expectativas tradicionais de poder e dominação. Relações *queer*, poliamorosas ou não-monogâmicas são frequentemente representadas nas fanfics, desafiando as construções heteronormativas de relacionamentos e permitindo a expressão de modelos de sociabilidade alternativos. Essa reconfiguração das relações sociais é uma manifestação da rejeição dos limites entre categorias que Haraway (1991) discute, pois promove a fluidez e a transformação de estruturas sociais rígidas.

Haraway (1991) também enfatiza que a rejeição dos limites não é apenas uma estratégia de resistência, mas uma forma de imaginar novas realidades. Na *fanfiction*, os autores muitas vezes utilizam suas histórias para criar mundos onde as normas de gênero e sexualidade já foram desestabilizadas, oferecendo aos leitores uma visão de um futuro mais inclusivo e diversificado. Essas narrativas não apenas refletem as mudanças sociais em curso, mas também contribuem para a sua articulação, propondo novos modos de ser e de se

relacionar.

A rejeição dos limites entre categorias sociais proposta por Haraway (1991) fornece um marco teórico fundamental para entender como as *fanfictions* operam na subversão das normas de gênero e na criação de identidades híbridas. Essas narrativas literárias desafiam a lógica binária e fixista que caracteriza as construções sociais dominantes, permitindo a emergência de novas formas de identidade e de relações sociais que refletem a fluidez e a multiplicidade das experiências humanas. Através da lente de Haraway (1991), podemos ver a *fanfiction* não apenas como uma forma de expressão literária, mas como um ato de resistência cultural que abre caminho para a imaginação de novas possibilidades identitárias.

A reescrita de personagens em *fanfiction* pode também servir como uma ferramenta pedagógica. Ao subverter as normas de gênero e sexualidade, essas narrativas criam novos modelos de comportamento e identidade para os leitores. Como apontam Jenkins (2006b) e Busse (2014), essa forma de literatura engaja os leitores em uma prática ativa de reflexão crítica, em que os papéis de gênero e as normas sociais são constantemente desafiados e reconstruídos. Esse processo educativo contribui para a formação de leitores mais críticos e conscientes das implicações das normas de gênero, incentivando-os a questionar e reimaginar suas próprias concepções de identidade.

3.2 *Queer coding*

Queer coding é um termo usado para descrever a prática de sugerir, por meio de características, comportamentos ou traços, que um personagem é *queer*, sem que isso seja explicitamente afirmado no texto ou na narrativa original. Essa codificação acontece principalmente em contextos onde a representação direta de personagens LGBTQIAP+ era restrita ou malvista, como em muitos filmes, livros e séries de TV do século XX. Assim, personagens *queer-coded* frequentemente apresentavam traços considerados não conformes aos padrões de gênero ou normas heteronormativas, mas sua orientação sexual ou identidade de gênero nunca era confirmada explicitamente, permitindo que a ambiguidade fosse mantida.

O termo *queer coding* foi amplamente popularizado nas análises de mídia e cultura pop, especialmente dentro da crítica cultural *queer*. Embora não seja atribuído a um único teórico, o conceito é frequentemente discutido por estudiosos da mídia e da cultura *queer* que analisam como as representações LGBTQIAP+ foram historicamente marginalizadas ou subtextualmente sugeridas nas narrativas.

Russo (1981), em seu trabalho seminal *The Celluloid Closet*, é um dos primeiros autores a destacar como a homossexualidade era sugerida, mas não explicitada, em filmes de Hollywood, particularmente em personagens vilanescos ou ambíguos. O autor argumenta que essa prática era uma forma de codificação *queer*, na qual os personagens, muitas vezes vilões, apresentavam traços *queer* que os diferenciavam de seus pares heteronormativos, mas isso nunca era abordado diretamente.

Autores contemporâneos como Benshoff e Griffin (2006) também exploram o conceito de *queer coding*, destacando como personagens *queer-coded* foram retratados de maneira estereotipada, refletindo o preconceito cultural da época. Benshoff e Griffin (2006) observam que, em muitos casos, esses personagens eram construídos para serem “outros” em relação aos protagonistas heteronormativos, o que reforçava a marginalização das identidades *queer* na cultura popular. Entretanto, essa codificação também permitia que o público LGBTQIAP+ identificasse e se conectasse com esses personagens, mesmo que de maneira subtextual.

Na literatura e no cinema, personagens *queer-coded* costumam ser vilões ou figuras ambíguas, como o Capitão Gancho em *Peter Pan*, ou Scar em *O Rei Leão*. Esses personagens são frequentemente associados a comportamentos e características considerados fora das normas de gênero, como gestos afeminados ou um estilo de vida extravagante. Embora raramente haja uma declaração explícita sobre a orientação sexual desses personagens, a codificação *queer* permite que certos traços sejam lidos como indicadores de que esses personagens não se encaixam nas normas heteronormativas. Isso cria uma camada de interpretação para o público, que pode perceber a identidade *queer* sem que ela seja explicitamente nomeada.

Nas *fanfictions*, essa prática de *queer coding* é frequentemente subvertida. Autores de *fanfics* podem pegar personagens *queer-coded* e explicitamente explorá-los como LGBTQIAP+, oferecendo uma representação que o texto original não forneceu. Através desse processo, as *fanfictions* atuam como uma ferramenta de visibilidade e representatividade *queer*, preenchendo as lacunas deixadas pelos textos canônicos e permitindo que essas identidades sejam reconhecidas e celebradas abertamente. Essa prática desafia as limitações impostas pela codificação *queer* no contexto original, transformando o subtexto em texto explícito.

3.3 Uma leitura de *All The Young Dudes*

Antes de abordarmos a fanfiction *All the Young Dudes*, é fundamental compreender a origem e o significado do título, que faz referência à música homônima composta por David Bowie e gravada pela banda Mott the Hoople em 1972. Essa canção tornou-se um dos marcos do movimento glam rock, funcionando como um hino geracional que captura o espírito de contracultura dos anos 1970. Bowie ofereceu a música à banda ao saber que estavam prestes a se separar, e o sucesso da faixa não apenas salvou o grupo da dissolução, mas também consolidou sua relevância na cena musical britânica. A letra, carregada de referências à alienação juvenil, à rebeldia contra os valores tradicionais e à busca por identidade, conecta-se diretamente com a experiência de jovens que questionavam a rigidez social da época. O termo *dudes* simboliza essa juventude desajustada, que rejeita o conformismo e encontra na estética andrógina e provocativa do glam rock um espaço de identificação. O verso “*All the young dudes, carry the news*” pode ser interpretado como um convite para compartilhar uma nova narrativa cultural, que rompe com o moralismo conservador e celebra a liberdade de expressão, sexualidade e estilo.

Essa mensagem de ruptura e transformação, expressa com intensidade na canção, reflete o entendimento profundo de Bowie sobre as inquietações de sua geração. A música não apenas dialoga com o desencanto em relação ao futuro, mas também com a urgência de viver o presente intensamente. Há, ainda, uma crítica sutil à apatia social e ao culto ao materialismo, elementos que permeavam as ansiedades juvenis daquela época. Musicalmente, o riff marcante e o tom quase hino reforçam o caráter coletivo e revolucionário da mensagem. Assim, *All the Young Dudes* não se limita a ser um sucesso comercial; tornou-se um marco cultural que influenciou toda uma geração disposta a desafiar normas e construir novos significados para sua existência.

Essa relação entre juventude, identidade e ruptura social, presente na canção de Bowie, ressoa de maneira significativa na fanfiction *All the Young Dudes*, escrita por MsKingBean89 (2017). Ao reimaginar o universo de *Harry Potter*, de J.K. Rowling, a autora se apropria de uma narrativa literária tradicional e a expande, dando centralidade às experiências de personagens queer, como Remus Lupin e Sirius Black. De acordo com Pugh (2017), essa prática de apropriação é um mecanismo recorrente na produção de fanfictions, que frequentemente utilizam tramas preexistentes para explorar perspectivas negligenciadas. Nesse contexto, a fanfiction não apenas reconstrói o passado dos personagens, mas também oferece uma visão sobre o impacto de crescer e se descobrir em meio às tensões socioculturais de sua época, tal como a música de Bowie dialogava com as inquietações de uma juventude que ansiava por liberdade e pertencimento.

MsKingBean89 (2017) reconstrói a história canônica ao explorar uma relação romântica entre Remus e Sirius, muitas vezes referida pelos fãs como “Wolfstar”. Ao fazer isso, a *fanfic* não apenas expande o enredo original, mas também desloca o foco de narrativas heteronormativas para a centralidade de uma relação *queer*. Essa reconfiguração é um exemplo claro da ideia de Pugh (2017) de que a apropriação em *fanfictions* permite criar espaços literários onde as identidades *queer* são o cerne da narrativa, desafiando sua tradicional marginalização.

Na obra original de Harry Potter, personagens *queer* são praticamente inexistentes, e os relacionamentos explorados são predominantemente heterossexuais. No entanto, MsKingBean89 (2017) reposiciona essa dinâmica ao dar visibilidade às experiências de Remus e Sirius como jovens *queer* enfrentando desafios relacionados à descoberta da própria identidade. A *fanfic* oferece uma representação complexa das lutas internas, da aceitação e da construção de uma identidade *queer* em um ambiente hostil. Nesse sentido, ela faz mais do que preencher uma lacuna deixada pela obra original; ela reimagina o universo de Harry Potter de uma maneira que inclui as identidades *queer* no coração da narrativa.

Pugh (2017) argumenta que essa prática de apropriação é uma forma de expandir as fronteiras do possível dentro da ficção, permitindo que personagens que antes estavam na periferia sejam reposicionados como protagonistas. MsKingBean89 (2017) exemplifica isso ao focar em Remus e Sirius, que, embora importantes, desempenham papéis secundários na narrativa original. A *fanfic* os coloca no centro do palco, não apenas reimaginando suas trajetórias, mas também desafiando as normas de gênero e sexualidade que limitam as representações na obra original.

Além disso, a narrativa de *All the Young Dudes* (MsKingBean89, 2017) não se limita a explorar um romance entre dois personagens masculinos, mas também aborda as complexidades da vida *queer*, incluindo temas como estigma, discriminação e o impacto dessas experiências na formação da identidade. A *fanfic*, portanto, não apenas reposiciona personagens em novos contextos, mas também expande o alcance da narrativa para explorar questões que são frequentemente negligenciadas ou tratadas de forma superficial em narrativas *mainstream*. Ao fazê-lo, ela cria um espaço literário onde a diversidade de experiências *queer* é central e complexa, alinhando-se à visão de Pugh (2017) sobre a capacidade da *fanfiction* de subverter as normas narrativas tradicionais e de oferecer uma alternativa inclusiva e diversificada.

A ideia de “remix cultural”, conforme discutida por Lessig (2008), complementa o fenômeno observado por Black (2008a, 2008b) ao destacar como a recriação de conteúdos já

existentes é uma maneira de jovens *queer* se engajarem criticamente com a cultura dominante. Esse remix envolve mais do que simplesmente adaptar histórias; ele reflete um processo profundo de reapropriação de narrativas que, originalmente, não foram feitas para incluir as experiências e identidades desses jovens. Ao remixar essas obras, os autores de *fanfictions* não apenas adaptam os enredos, mas também criam novos significados que desafiam as normas culturais estabelecidas. No contexto das comunidades de *fanfiction*, o remix cultural se manifesta na transformação de personagens e tramas para refletir a diversidade que está ausente nas obras originais. Ao fazê-lo, os jovens *queer* estão ativamente reconstruindo a cultura popular, participando de um diálogo crítico com as narrativas dominantes.

Lessig (2008) enfatiza que o remix cultural é uma forma de apropriação transformadora, em que os participantes alteram o significado original das obras para refletir novas realidades e desafios sociais. Isso é particularmente relevante para as comunidades *queer*, que utilizam o remix para inserir suas próprias narrativas nas histórias que consomem. Essa recriação crítica das narrativas é uma maneira de os jovens *queer* se afirmarem dentro de uma cultura que muitas vezes os exclui, oferecendo-lhes não apenas visibilidade, mas também agência na construção de novos mundos ficcionais.

O remix cultural, então, serve como uma ponte entre a resistência individual e a transformação cultural coletiva. Ele permite que os jovens *queer* não apenas encontrem um espaço de pertencimento dentro das comunidades digitais de *fanfiction*, mas também que influenciem e expandam as fronteiras da cultura popular dominante. Ao remixar e reescrever histórias, eles estão, na verdade, criando novas formas de expressão, abrindo caminho para uma maior inclusão e diversidade na narrativa literária e digital.

Por outro lado, a inclusão de narrativas *queer* em *fanfictions* também contribui para a desmistificação de estereótipos. Como sugere Lothian (2018), a *fanfiction* tem o potencial de desconstruir representações estigmatizantes de personagens LGBTQIAP+ ao apresentar suas histórias de maneira complexa e multifacetada. Em vez de se conformarem a estereótipos de sofrimento ou marginalização, os personagens *queer* em *fanfics* podem experimentar jornadas de autodescoberta, felicidade e empoderamento. Isso permite uma narrativa mais diversa e rica, que reflete as múltiplas realidades das vidas *queer*, contrariando as representações unidimensionais comuns em textos tradicionais. Na *fanfiction*, os personagens *queer* podem experimentar alegria, amor, aventura e sucesso, o que contribui para uma narrativa mais equilibrada e humanizada dessas identidades.

MsKingBean89 (2017), em sua obra *All the Young Dudes*, exemplifica como *fanfics* podem subverter estereótipos ao apresentar personagens *queer* de forma multifacetada. Na

fanfic, Remus Lupin e Sirius Black são retratados em uma complexa jornada de crescimento, aceitação e descoberta de si mesmos, sem que suas identidades *queer* sejam reduzidas a meras fontes de sofrimento. A narrativa desafia o estereótipo da tragédia inevitável para personagens LGBTQIAPN+, oferecendo-lhes a chance de viver vidas plenas e emocionalmente ricas.

Um exemplo claro de felicidade genuína ocorre nos momentos em que Remus e Sirius encontram conforto um no outro, criando um laço profundo que vai além da atração física. Em várias passagens da *fanfic*, os dois personagens compartilham momentos de intimidade emocional, em que sua conexão se fortalece não apenas pelo romance, mas também pela amizade e pelo apoio mútuo. A *fanfic* enfatiza que a relação deles não se resume aos desafios externos que enfrentam, como a guerra contra Voldemort ou o preconceito contra Remus por ser um lobisomem. Em vez disso, esses desafios são equilibrados por momentos de pura felicidade compartilhada, como quando Sirius e Remus se reúnem em conversas descontraídas, trocando segredos e rindo juntos. Essas cenas reforçam a ideia de que, apesar das dificuldades, eles encontram alegria em sua conexão, como se vê no fragmento a seguir:

“I’m right here”. Sirius smiled tiredly, sitting across the table, picking at dinner with his fork.
Then, after a while, he spoke again; “It’ll all be over soon. We have to trust Dumbledore, that’s all”.
Remus could have wept.
“But *you’re* the only one I trust”.
Sirius just looked at him, sadly. Remus couldn’t bear that look, it made him feel stupid for being in love. Stupid for caring about anything other than winning the war.²² (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 173).

Além dos momentos de felicidade, MsKingBean89 (2017) também retrata o crescimento pessoal dos personagens, particularmente no que diz respeito à aceitação de suas próprias identidades. Remus, em especial, passa por uma trajetória complexa de autodescoberta e aceitação de sua condição como lobisomem e de sua sexualidade. Ao longo da *fanfic*, ele luta com o medo de ser rejeitado tanto por sua licantrópia quanto por seus sentimentos por Sirius. No entanto, através de seu relacionamento com Sirius, Remus aprende a aceitar a si mesmo e a reconhecer seu valor, independentemente das opiniões externas:

And, of course, Sirius. Sirius could keep secrets, had a mean streak but never directed it at his friends, was the most gifted student in the year but spent all his time

²² “Eu estou bem aqui.” Sirius sorriu cansado, sentado do outro lado da mesa, mexendo no jantar com o garfo. Então, depois de um tempo, ele falou novamente; “Tudo isso vai acabar logo. Temos que confiar no Dumbledore, só isso.” Remus poderia ter chorado. “Mas você é o único em quem eu confio.” Sirius apenas olhou para ele, tristemente. Remus não suportava aquele olhar, fazia-o se sentir idiota por estar apaixonado. Idiota por se importar com qualquer coisa além de ganhar a guerra.” (Tradução nossa).

coming up with pranks instead.

Remus wasn't going to give up any of that, not if he could help it. Even if he had to be the swottiest student in the school; if he had to force himself to read every book, complete every assignment, follow every rule. He'd be so good they wouldn't know what hit them. So good they'd have to make him a prefect – he'd do it all, if it meant staying at Hogwarts and keeping his friends.²³ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 15).

Sirius, por sua vez, também experimenta um crescimento significativo ao longo da *fanfic*. Ele começa como um jovem rebelde, lidando com o trauma de sua família abusiva e com as expectativas de pureza de sangue. No entanto, ao longo de sua relação com Remus, Sirius amadurece, encontrando uma nova compreensão de si mesmo e de seu lugar no mundo. A *fanfic* retrata esse crescimento de maneira sutil, com Sirius aprendendo a confiar nos outros e a permitir-se ser vulnerável com Remus. Isso culmina em momentos em que ele demonstra um profundo carinho e cuidado por Remus, desafiando sua própria natureza orgulhosa e mostrando um lado mais gentil e protetor:

They hugged at the door, Remus's skin already burning up, Sirius clinging to him so tightly Remus thought he'd have to take him after all. "I love you." Sirius said into his shoulder. They hadn't said it since Hope's funeral, but Remus had no trouble at all responding instantly, "I love you too. I'll be fine. I'll see you so soon, I promise"²⁴ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 157).

All the Young Dudes oferece uma narrativa rica que explora profundamente os desafios pessoais e externos enfrentados pelos personagens Remus Lupin e Sirius Black, ao mesmo tempo que subverte a ideia de que suas identidades *queer* estão intrinsecamente ligadas ao sofrimento constante. Os desafios que esses personagens enfrentam são amplos e variados, abrangendo desde questões internas de autoconfiança e aceitação, até dificuldades externas, como o estigma social, a guerra contra Voldemort e as tensões dentro do grupo de amigos. No entanto, o modo como esses desafios são enfrentados e superados ao longo da *fanfic* é um dos pontos mais marcantes da obra.

Na obra original da autora J. K. Rowling, um dos principais desafios que Remus Lupin

²³ "E, é claro, Sirius. Sirius sabia guardar segredos, tinha um lado cruel, mas nunca o direcionava para seus amigos, era o aluno mais talentoso do ano, mas passava todo o seu tempo inventando pegadinhas. Remus não ia abrir mão de nada disso, não se pudesse evitar. Mesmo que tivesse que ser o aluno mais aplicado da escola; se tivesse que se forçar a ler todos os livros, completar todas as tarefas, seguir todas as regras. Ele seria tão bom que eles não saberiam o que os atingiu. Tão bom que teriam que fazê-lo monitor – ele faria tudo, se isso significasse ficar em Hogwarts e manter seus amigos." (Tradução nossa).

²⁴ "Eles se abraçaram na porta, a pele de Remus já estava queimando, e Sirius o segurava com tanta força que Remus pensou que teria que levá-lo consigo, afinal. "Eu te amo." Sirius disse em seu ombro. Eles não diziam isso desde o funeral de Hope, mas Remus não teve nenhuma dificuldade em responder instantaneamente, "Eu também te amo. Eu vou ficar bem. Vou te ver muito em breve, eu prometo." (Tradução nossa).

enfrenta é a aceitação de sua própria identidade como lobisomem. Desde jovem, Remus carrega consigo a vergonha e o medo de ser rejeitado por causa de sua condição. Esse sentimento é agravado pela sua experiência com o preconceito social e a marginalização. Ao longo da *fanfic* supracitada, vemos Remus gradualmente aprender a aceitar quem ele é, em grande parte graças ao apoio de seus amigos, especialmente Sirius. O desafio da licantropia é superado não porque Remus consegue “curar” sua condição, mas porque ele aprende a aceitar sua dualidade e a perceber que sua identidade não está exclusivamente ligada ao fato de ser um lobisomem. A amizade e o amor que ele recebe de Sirius e do restante dos Marotos (James Potter e Peter Pettigrew) ajudam a aliviar o peso desse fardo, mostrando que ele é digno de ser amado e aceito, mesmo com suas diferenças.

Além disso, Remus enfrenta o desafio de sua sexualidade em um contexto que não é abertamente acolhedor para relações *queer*. Inicialmente, ele luta para entender seus sentimentos por Sirius e teme que essa atração possa complicar ainda mais sua vida já difícil. No entanto, ao longo da narrativa, Remus encontra forças para aceitar seus sentimentos e, eventualmente, sua relação com Sirius. Essa aceitação é um passo importante no crescimento pessoal de Remus, à medida que ele supera o medo de rejeição e o estigma associados a sua identidade:

“I’m gay.” He said. Peter choked on his drink. Out of the corner of his eye, Remus saw James run his hands through his hair, sit up straighter. He saw Mary’s mouth fall open, and heard Marlene give out a surprised hiccup. He dared not look at Sirius. His stomach turned and he prepared to get up, to walk away and apparate somewhere. Anywhere. But then Lily raised her head. She kissed his cheek and hugged him tighter, before settling back down against his shoulder. “You still deserve some fun.” She said, decisively²⁵ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 114).

Sirius Black, na obra original, enfrenta o desafio de lidar com o trauma de sua família e sua busca por um novo tipo de identidade que não esteja atrelada à pureza de sangue. Vindo de uma família tradicional e supremacista, Sirius rejeita os valores de sua casa desde jovem, mas essa rejeição não vem sem consequências. A *fanfic*, por sua vez, aprofunda como Sirius carrega cicatrizes emocionais desse abuso familiar e como isso impacta sua relação com os amigos e com Remus.

²⁵ “Eu sou gay.” Ele disse. Peter engasgou com sua bebida. Pelo canto do olho, Remus viu James passar as mãos pelo cabelo e se sentar mais ereto. Ele viu a boca de Mary se abrir, e ouviu Marlene soltar um soluço surpreso. Ele não se atreveu a olhar para Sirius. Seu estômago revirou e ele se preparou para se levantar, sair e aparatar para algum lugar. Qualquer lugar. Mas então Lily ergueu a cabeça. Ela beijou sua bochecha e o abraçou mais apertado, antes de se acomodar de volta contra o seu ombro. “Você ainda merece se divertir.” Ela disse, decisiva.” (Tradução nossa).

For his part, Remus had been trying to be extra kind to Sirius ever since February. Though Remus had always known that the Blacks were far from an ideal, nurturing family unit, he had always sort of assumed that it couldn't be that bad. After all, in his experience, adults were there to maintain order, to instruct, and to punish. James had had an extremely cushy time of it, as far as Remus was concerned, so it had made sense that he was sympathetic towards Sirius. Perhaps it was maturity, or perhaps it was having seen bright, vivacious Sirius brought low by his own mother, but Remus was finally beginning to understand that whatever went on in the noble and ancient house of Black was not normal. In fact, it was entirely unacceptable. The fact that Sirius had survived under such oppression for so long without turning into Snape or just cracking under the weight of it was remarkable. Remus knew how hard it was to push against other people's expectations – against your own nature, sometimes²⁶ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 69).

Um dos maiores desafios para Sirius é aprender a confiar nas pessoas e abrir-se emocionalmente, superando o orgulho e o isolamento que ele adotou como mecanismos de defesa. O relacionamento com Remus oferece a Sirius a chance de experimentar uma conexão emocional que é genuína e sem condições, ajudando-o a superar seus traumas familiares e encontrar um novo sentido de pertencimento fora da sombra de sua herança familiar.

A guerra contra Voldemort é outro grande desafio externo que Remus quanto Sirius enfrentam, tanto na obra original, quanto na *fanfic All the Young Dudes* (MsKingBean89, 2017), com ambas cobrindo a ascensão do Lorde das Trevas e a tensão crescente no mundo bruxo, o que coloca os personagens em um ambiente cada vez mais perigoso. A *fanfic* detalha como Remus e Sirius, junto com seus amigos, lidam com o medo, a perda e a incerteza durante esse período sombrio. Embora o peso da guerra seja significativo, a narrativa equilibra os momentos de luta com os momentos de resiliência e união. O grupo de amigos se fortalece ao apoiar uns aos outros, e o relacionamento entre Remus e Sirius se torna uma fonte vital de conforto e estabilidade em meio ao caos.

Outro desafio significativo enfrentado pelos personagens é a traição de Peter Pettigrew, que eventualmente se alia a Voldemort. Esse evento coloca à prova não apenas a amizade entre os Marotos, mas também a confiança e o senso de segurança que Remus e Sirius construíram ao longo dos anos. No entanto, mesmo diante dessa traição devastadora, *All the Young Dudes* (MsKingBean89, 2017) retrata a capacidade dos personagens de

²⁶ “Por sua parte, Remus vinha tentando ser extra gentil com Sirius desde fevereiro. Embora Remus sempre soubesse que os Black estavam longe de ser uma família ideal e acolhedora, ele sempre meio que assumiu que não poderia ser tão ruim assim. Afinal, em sua experiência, os adultos estavam ali para manter a ordem, instruir e punir. Na visão de Remus, James tinha uma vida extremamente confortável, então fazia sentido que ele fosse solidário com Sirius. Talvez fosse maturidade, ou talvez o fato de ter visto o brilhante e vibrante Sirius ser derrubado por sua própria mãe, mas Remus finalmente estava começando a entender que o que acontecia na nobre e antiga casa dos Black não era normal. Na verdade, era completamente inaceitável. O fato de que Sirius havia sobrevivido sob tanta opressão por tanto tempo sem se transformar em Snape ou simplesmente quebrar sob o peso disso era notável. Remus sabia o quão difícil era lutar contra as expectativas dos outros – às vezes até contra sua própria natureza.” (Tradução nossa).

encontrar forças uns nos outros para continuar. A perda de confiança e a dor causada por Peter são desafios que ressoam profundamente, mas a *fanfic* destaca a resiliência de Remus e Sirius, que continuam a lutar não apenas pela sobrevivência, mas pela preservação de seu amor e suas amizades.

Esses desafios, e a maneira como são superados, contribuem para uma narrativa que não apenas reconhece as dificuldades enfrentadas por personagens *queer* em um mundo hostil, mas também celebra sua capacidade de encontrar felicidade, amor e empoderamento. Um dos aspectos mais marcantes dessa *fanfic* é como ambos os personagens aprendem a lidar com suas diferenças e a se apoiar mutuamente, reforçando a ideia de que suas identidades e experiências não são definidas pelas dificuldades que enfrentam, mas sim pela maneira como navegam juntos por esses desafios.

Remus, por exemplo, é muitas vezes retratado como alguém que internaliza a culpa e o medo, em parte devido à sua licantria e ao isolamento social resultante disso. No entanto, Sirius oferece a Remus uma perspectiva diferente, recusando-se a tratá-lo como alguém que precisa ser “consertado” ou protegido em excesso. Em vez disso, Sirius incentiva Remus a se aceitar como é, desafiando as crenças que ele mantém sobre si mesmo. Esse apoio incondicional permite que Remus enfrente seus medos e inseguranças com mais confiança, sabendo que não está sozinho em sua jornada.

Por outro lado, Sirius, que muitas vezes usa sua rebeldia e humor como mecanismos de defesa, encontra em Remus uma figura estabilizadora. Remus, com sua calma e sensatez, ajuda Sirius a se equilibrar emocionalmente, oferecendo um porto seguro onde ele pode ser vulnerável e autêntico. A relação deles não é unilateral; é uma troca contínua de apoio e compreensão, em que ambos aprendem que suas diferenças não são obstáculos, mas sim partes essenciais do que os torna mais fortes juntos.

All the Young Dudes (MsKingBean89, 2017) explora as diferenças de personalidade entre Remus e Sirius de maneira que enriquece a dinâmica deles. Remus, mais reservado e introspectivo, contrasta com o espírito impulsivo e extrovertido de Sirius. No entanto, ao invés de essas diferenças serem fontes de conflito, elas servem como complementos. Sirius aprende a apreciar a calma e a sabedoria de Remus, enquanto Remus é encorajado a ser mais aberto e espontâneo através da influência de Sirius. Essa interação constante molda não apenas o relacionamento deles, mas também o crescimento individual de cada um:

“Merlin, Moony, you’re not making this easy--” “It’s not easy! It’s fucking difficult, ok, but I have to do it!” “Ok!” Sirius raised both hands in a peace-making gesture. We’re fighting, Remus thought, we’re fighting and he’s the one trying to calm me

down. That made him feel a bit dizzy, and he sat down on the nearest sofa. He leaned forward, head in his hands. "I'm sorry," he said, in a small voice, "I know I'm being... it's just all so..." "I do understand, Moony." Sirius sat next to him. "I'm trying to help." "You can't help," Remus said, "I have to do this on my own, I can't risk anyone else, it has to be me, I have to..." Remus began talking, and it all came out in a jumble of sleep-deprived babble. "If I can meet her, then maybe... I have to meet Greyback, one day. I just know I have to. And I want to - not to join him, or anything like that, just to - to know him. And to understand. Why he did what he did and why... why he made me who I am."²⁷ (MsKingBean89, 2017 part 1, chapter 105).

Outro aspecto importante é como ambos lidam com a vulnerabilidade emocional. Durante o curso da *fanfic*, vemos Remus e Sirius se abrindo emocionalmente de modo que, inicialmente, parece ser difícil para eles. Remus, que tende a se proteger emocionalmente, aprende a confiar em Sirius o suficiente para compartilhar seus medos e desejos mais profundos. Por sua vez, Sirius, que muitas vezes esconde suas inseguranças atrás de uma fachada de confiança, permite-se ser visto por Remus em seus momentos de fraqueza. Esses momentos de vulnerabilidade são fundamentais para o fortalecimento da relação, mostrando que o apoio mútuo é a chave para superar os desafios que enfrentam:

"Sirius?" "What?" Sirius was lying on his back, too, hands folded over his middle like a tombstone effigy. His coldness made Remus flinch, but he swallowed his pride. "I need you." Sirius turned his head at once. He sighed and pulled back the covers. "Get in." Remus scrambled inside, eagerly. They lay next to each other, on their sides, staring at each other. "Do you hate me?" Remus asked. "No." Sirius replied, voice still empty. "I'm really sorry. I wanted to protect you all." "I know. That's what James said." Sirius's voice had melted slightly, and was now more petulant than angry. "But it's no excuse," Remus continued. "I just... I wasn't myself. Do you understand?" Sirius shrugged, moving the bed sheets so that they slid off his shoulder, exposing his collar bone. Remus tried not to get too distracted by that, and licked his lips, meeting Sirius's eye again. "I'll tell you everything." He said. "You told us." Sirius replied, tetchily. "Not everything." Remus replied, "There are things I don't want everyone to know about. But I want you to know. If that's ok?" Sirius stared at him as if he couldn't believe his ears. A small smile was creeping onto his face, and he was obviously trying to suppress it. "Go on, then." So he did. He told him every feeling he had had - the irresistible pull into the forest, the rugged power of natural magic, the terrible guilt. By the time he had stopped speaking, he realised that Sirius had reached out to him, and was stroking his arm, gently, back and forth to comfort him²⁸ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 130).

²⁷ "Merlin, Aluado, você não está facilitando as coisas--" "Não é fácil! É incrivelmente difícil, ok, mas eu tenho que fazer!" "Ok!" Sirius levantou ambas as mãos em um gesto de conciliação. Estamos brigando, pensou Remus, estamos brigando e ele é quem está tentando me acalmar. Isso o fez se sentir um pouco tonto, e ele se sentou no sofá mais próximo. Inclinou-se para a frente, com a cabeça entre as mãos. "Desculpa," disse ele, com a voz baixa, "eu sei que estou sendo... é que está tudo tão..." "Eu entendo, Aluado." Sirius sentou-se ao lado dele. "Estou tentando ajudar." "Você não pode ajudar," Remus disse, "eu tenho que fazer isso sozinho, não posso arriscar mais ninguém, tem que ser eu, eu preciso..." Remus começou a falar, e tudo saiu como um emaranhado de palavras confusas, ditas por alguém sem dormir. "Se eu puder encontrá-la, então talvez... eu tenha que encontrar Greyback, um dia. Eu simplesmente sei que tenho. E eu quero - não para me juntar a ele, ou algo assim, só para - para conhecê-lo. E para entender. Por que ele fez o que fez e por que... por que ele me tornou quem eu sou." (Tradução nossa).

²⁸ "Sirius?" - "O quê?" Sirius estava deitado de costas, também, com as mãos cruzadas sobre o peito, como uma

A *fanfic* oferece uma representação de um relacionamento *queer* que vai além dos clichês do sofrimento, enfatizando o poder do amor, da amizade e da resiliência compartilhada. Essa representação é uma subversão das expectativas narrativas tradicionais e uma afirmação de que, independentemente dos desafios, o apoio mútuo e a conexão emocional podem proporcionar um caminho para o crescimento e a felicidade.

Em *All the Young Dudes* (MsKingBean89, 2017), a reação dos amigos de Remus Lupin e Sirius Black ao descobrirem sobre o relacionamento romântico entre os dois é retratada de maneira complexa e nuançada. A *fanfic* aborda essa revelação não apenas como um momento decisivo para os personagens principais, mas também como um reflexo das dinâmicas de amizade, lealdade e aceitação dentro do grupo dos Marotos, formado por Remus, Sirius, James Potter e Peter Pettigrew.

James Potter, talvez o mais próximo de Sirius, é um dos primeiros a descobrir sobre o relacionamento. Inicialmente, ele reage com surpresa e uma leve confusão, principalmente por causa da intensidade da amizade entre os dois, algo que ele considerava natural, mas que se revela ser muito mais profundo. No entanto, James, fiel à sua natureza leal e protetora, rapidamente aceita a relação e continua a apoiar os dois como sempre. Sua principal preocupação não é com o fato de Sirius e Remus estarem juntos, mas com a felicidade de seus amigos. A aceitação de James reflete o tipo de amizade incondicional que é uma marca registrada dos Marotos. Ele deixa claro que o que importa para ele é o bem-estar de Sirius e Remus, demonstrando maturidade e compreensão em um momento que poderia facilmente gerar tensão:

“So,” he said, half an hour later, sitting by the window in his boxers, lighting a cigarette. Sirius lay on the bed, still, vaguely stunned and staring at him. “It went

estátua em uma lápide. Sua frieza fez Remus estremecer, mas ele engoliu seu orgulho. “Eu preciso de você.” Sirius virou a cabeça imediatamente. Ele suspirou e puxou as cobertas para o lado. “Entra.” Remus se enfiou debaixo das cobertas, ansioso. Eles ficaram deitados lado a lado, olhando um para o outro. “Você me odeia?” Remus perguntou. “Não.” Sirius respondeu, com a voz ainda vazia. “Eu sinto muito. Eu queria proteger todos vocês.” “Eu sei. Foi o que James disse.” A voz de Sirius havia se suavizado um pouco, soando agora mais petulante do que raivosa. “Mas isso não é desculpa,” Remus continuou. “Eu só... Eu não era eu mesmo. Você entende?” Sirius deu de ombros, movendo os lençóis para que deslizassem de seu ombro, expondo a clavícula. Remus tentou não se distrair com isso e lambeu os lábios, encontrando o olhar de Sirius novamente. “Eu vou te contar tudo.” Ele disse. “Você já nos contou.” Sirius respondeu, impaciente. “Não tudo.” Remus replicou, “Há coisas que eu não quero que todos saibam. Mas. Eu quero que você saiba. Se estiver tudo bem?” Sirius o encarou como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. Um pequeno sorriso começou a surgir em seu rosto, e ele obviamente estava tentando escondê-lo. “Vai em frente, então.” E Remus foi. Ele contou a Sirius cada sentimento que havia tido - o irresistível chamado para a floresta, o poder bruto da magia natural, a terrível culpa. Quando parou de falar, percebeu que Sirius havia estendido a mão para ele, e estava acariciando seu braço, gentilmente, de um lado para o outro, para confortá-lo.” (Tradução nossa).

well?” “Hm?!” Sirius blinked very slowly, as if his eyelids were heavy. Remus grinned, exhaling smoke, trying to aim it through the crack in the window, “James. What did he say?!” “I think the first thing was ‘what the fuck are you playing at’, but it got better from there.” Sirius snorted. “Did he ask lots of questions?” “Sort of. Nothing I didn’t expect, I s’pose. What about Evans?” “She said ‘oh my god’ about a hundred times, but she came around fairly quickly.” “Prongs too. Except the prat won’t tell Wormtail for us, says we have to do it.” “Well. Fair enough.” Remus sucked on his cigarette again, then blew smoke into the room, watching it fill the space between them. “What questions did he ask?” Sirius closed his eyes, breathing in. “Nothing scandalous. How long for, when did it start, why didn’t I tell him... that sort of thing.” “What did you say?” “I told the truth. Roll us a fag?” Remus already had. He held it out. Sirius rolled onto his stomach and reached his long pale arm through the smoke to take it, placed it between his pursed lips and snapped his fingers. He sucked, then rolled back, exhaling with a sigh. “How’d you feel?” Remus asked, unable to tear his eyes away. It still seemed miraculous beyond belief. Sirius Black, naked, in my bloody bed ²⁹ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 129).

Peter Pettigrew, por outro lado, tem uma reação mais sutil e ambígua. Embora não haja uma rejeição explícita da parte de Peter, sua resposta é menos calorosa e entusiástica em comparação com a de James. Isso pode ser interpretado como uma pista sutil para os eventos que virão no futuro, onde Peter trairá o grupo. Seu distanciamento emocional, mesmo em momentos de descoberta pessoal significativa como esse, destaca as fissuras nas lealdades do personagem, algo que se intensificará à medida que a história avança. No entanto, na superfície, Peter mantém uma fachada de aceitação, demonstrando que, apesar de tudo, ele tenta continuar cumprindo seu papel no grupo, mesmo quando há desconforto.

He stood up, sharply, knocking the teacup off the armchair. Sirius was quick, and

²⁹ “Então,” ele disse, meia hora depois, sentado perto da janela, só de cueca, acendendo um cigarro. Sirius estava deitado na cama, ainda atordado, olhando para ele. “Foi bem?” “Hm?!” Sirius piscou lentamente, como se suas pálpebras estivessem pesadas. Remus sorriu, exalando a fumaça e tentando direcioná-la pela fresta da janela. “O James. O que ele disse?!” “Acho que a primeira coisa foi ‘que diabos vocês estão fazendo’, mas melhorou a partir daí.” Sirius deu uma risadinha. “Ele fez muitas perguntas?” “Mais ou menos. Nada que eu não esperasse, acho. E a Evans?” “Ela disse ‘oh meu Deus’ umas cem vezes, mas aceitou a ideia rapidamente.” “Pontas também. Exceto que o idiota não quer contar para o Rabicho por nós, disse que temos que fazer isso.”

“Bom. Justo.” Remus deu mais uma tragada no cigarro e depois soprou a fumaça para o quarto, observando-a preencher o espaço entre eles. “Que perguntas ele fez?” Sirius fechou os olhos, respirando fundo. Nada escandaloso. Quanto tempo, quando começou, por que eu não contei para ele... esse tipo de coisa.” “O que você disse?” “Disse a verdade. Rola um cigarro pra mim?” Remus já tinha feito isso. Ele o estendeu. Sirius rolou de lado, esticando seu longo braço pálido através da fumaça para pegá-lo, colocou-o entre os lábios cerrados e estalou os dedos. Ele tragou, depois se virou de costas novamente, exalando com um suspiro. “Como você se sente?” Remus perguntou, incapaz de desviar o olhar. Ainda parecia um milagre além da compreensão. Sirius Black, nu, na minha maldita cama. Sirius ficou em silêncio por um momento, olhando para o teto. “Assustado,” ele finalmente admitiu, quase como se não quisesse dizer em voz alta. “Mas não quero fugir.”

Remus não respondeu de imediato, tentando decifrar a mistura de emoções que sentia. “Eu também estou,” ele disse baixinho, “mas não vou a lugar nenhum.” Sirius virou a cabeça para olhar para ele, um pequeno sorriso começando a se formar. “Isso é meio que um alívio”, ele disse, com um toque de humor na voz. Remus riu suavemente, deixando o som escapar como se estivesse testando sua própria felicidade. Por um breve instante, parecia que tudo poderia ficar bem, pelo menos por enquanto. Sirius inalou profundamente, fechando os olhos. “Só... me promete uma coisa?.” (Tradução nossa).

stopped it mid-air with a flick of his wand. Remus ignored this. "Going to bed." He said, cracking his knuckles. "Ok, Moony," James nodded, brightly. He glanced at Lily, "Think we'll stay down here for a bit." Peter looked at Sirius, and then Remus with an expression of faint terror. Remus tutted. "It's ok, Wormtail, I really am just going to sleep. See you all tomorrow"³⁰ (MsKingBean89, 2017, part 1, chapter 129).

A reação dos amigos também vai além da simples aceitação ou rejeição do relacionamento entre Sirius e Remus. A *fanfic* explora como essa revelação afeta as dinâmicas entre os Marotos, especialmente em termos de confidências e segredos. James e Peter, ao se ajustarem à nova realidade, precisam lidar com a mudança na natureza da amizade deles com Sirius e Remus. Embora ainda sejam um grupo unido, há uma nova camada de complexidade em suas interações, onde questões de intimidade, lealdade e privacidade ganham mais relevância.

Essa aceitação coletiva do relacionamento de Sirius e Remus é um aspecto essencial que reforça o tema central da *fanfic* sobre a importância do apoio e da amizade. O fato de seus amigos mais próximos aceitarem e apoiarem o relacionamento contribui para a construção de um ambiente seguro e acolhedor dentro do grupo, mesmo em um mundo externo repleto de preconceitos e perigos. Isso contrasta com a narrativa de isolamento que muitas vezes acompanha histórias *queer*, especialmente em contextos históricos onde a aceitação de relações LGBTQIAP+ era muito menos comum.

A *fanfic* também evita cair no clichê de um "grande conflito" centrado na aceitação da sexualidade dos personagens. Em vez disso, a narrativa foca em como a amizade pode transcender expectativas e preconceitos, mostrando que as conexões pessoais e o amor entre amigos podem superar as dificuldades sociais. Essa abordagem reafirma a mensagem de que, apesar dos desafios que Remus e Sirius enfrentam, eles têm um círculo de apoio que os ajuda a superar esses obstáculos.

Essa subversão da heteronormatividade e das normas de gênero nas *fanfictions* tem um impacto profundo no processo de formação de leitores LGBTQIAP+. Para muitos jovens *queer*, essas histórias oferecem uma validação crucial de suas próprias experiências de vida. Ao ler e escrever *fanfictions* que exploram identidades *queer* e subvertem as expectativas de gênero, esses leitores encontram um espaço onde suas realidades são refletidas e reconhecidas. A teoria *queer*, ao desestabilizar as categorias fixas de gênero e sexualidade, oferece uma estrutura teórica que legitima a criação dessas narrativas fluidas e complexas,

³⁰ "Ele se levantou bruscamente, derrubando a xícara de chá do braço da poltrona. Sirius foi rápido e a parou no ar com um movimento de sua varinha. Remus ignorou isso. "Vou para a cama." Ele disse, estalando os dedos. "Ok, Aluado", James assentiu alegremente. Ele olhou para Lily, "Acho que vamos ficar aqui embaixo por mais um tempo." Peter olhou para Sirius e depois para Remus com uma expressão de leve terror. Remus balançou a cabeça, impaciente. "Está tudo bem, Rabicho, eu realmente só vou dormir. Vejo vocês amanhã." (Tradução nossa).

permitindo que os leitores LGBTQIAP+ vejam suas próprias identidades representadas de maneira mais autêntica.

As *fanfictions* também se tornam espaços educacionais, onde os jovens LGBTQIAP+ podem aprender sobre diferentes formas de identidade e sexualidade de maneira segura e exploratória. Isso se conecta diretamente ao conceito de educação sentimental discutido por Blackburn e Clark (2010), em que a leitura e escrita dessas histórias contribuem para o desenvolvimento emocional dos jovens *queer*, ao mesmo tempo que reforçam sua capacidade de empatia e conexão com os outros. Ao participarem dessas comunidades de leitura e escrita, os jovens LGBTQIAP+ se envolvem em um processo contínuo de autoconhecimento e crescimento emocional, que é profundamente influenciado pelas narrativas subversivas que encontram nas *fanfictions*.

Em última análise, as *fanfictions* oferecem um espaço onde a teoria *queer* se manifesta em sua forma mais prática, permitindo que os jovens LGBTQIAP+ desafiem as normas de gênero e sexualidade ao mesmo tempo em que constroem suas identidades. Ao explorarem e subverterem as relações homossociais, as normas heteronormativas e as expectativas de gênero, essas narrativas oferecem aos leitores *queer* a oportunidade de se verem representados de maneira complexa e multifacetada. Esse processo de leitura e escrita é fundamental para a formação de identidades resilientes, permitindo que os jovens *queer* se conectem a uma comunidade mais ampla e encontrem validação e apoio em suas jornadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos esta investigação com a certeza de que sua relevância transcende as páginas deste texto, entrelaçando-se com as questões contemporâneas de identidade, expressão e pertencimento. Como um fio que une passado, presente e futuro, a pesquisa desvela as múltiplas camadas que configuram as narrativas LGBTQIAP+ na *fanfiction* enquanto propõe novas formas de compreender o papel da leitura e da escrita na formação do sujeito.

No capítulo 1, exploramos as bases teóricas da pesquisa, focando na teoria *queer* e sua contribuição para as discussões sobre gênero, sexualidade e identidade. Judith Butler, em *Gender trouble* (1990), nos mostrou que o gênero é uma construção performativa, sustentada por atos repetidos que criam a ilusão de uma identidade coesa. Essa visão dialoga com a obra de Michel Foucault em *The History of Sexuality* (1976), que argumenta que as identidades sexuais são moldadas por discursos de poder. O conceito de homossocialidade, discutido por

Eve Kosofsky Sedgwick em *Between Men* (1985), também foi essencial para compreender como relações sociais e afetivas podem desafiar normas heteronormativas.

Ademais, a análise das obras de Oscar Wilde, *The Picture of Dorian Gray* (2012) e *The Importance of Being Earnest* (2018), ilustrou como a literatura antecipa debates contemporâneos sobre performatividade e duplicidade. Wilde usou suas narrativas para questionar as normas de gênero e sexualidade, destacando a fluidez das identidades e desafiando categorias fixas. A conexão entre essas reflexões teóricas e as narrativas literárias revelou que tanto a teoria quanto a prática literária têm o poder de subverter e reconfigurar o entendimento sobre quem somos e como nos relacionamos com o outro.

No capítulo 2, o foco se ampliou para a literatura marginal e suas manifestações contemporâneas. Essa vertente literária, como argumenta Galé (2022), surge como um espaço de resistência e expressão para vozes periféricas, desafiando as estruturas de poder. Essas narrativas não apenas refletem a vivência de seus autores, mas também criam um diálogo sobre questões estruturais que moldam as experiências de indivíduos e comunidades.

A ciberliteratura, abordada por Katherine Hayles em *Electronic Literature* (2008), oferece novas possibilidades de criação e circulação de narrativas. Ao fundir texto, som e imagem, ela redefine a experiência literária, tornando-a mais acessível e interativa. Michel de Certeau, em *The Practice of Everyday Life* (1990), destacou que a leitura é um ato de resistência, e, no contexto digital, ela expande seu alcance para um público global. Assim, a literatura marginal contemporânea, ao dialogar com as possibilidades tecnológicas, encontra no ambiente digital um espaço de democratização e ampliação de suas vozes, reafirmando sua relevância cultural e política.

Por fim, no capítulo 3, a pesquisa mergulhou no universo das *fanfictions*, explorando sua relevância como espaço de resistência e reinvenção. Jenkins (2006b), em *Convergence Culture*, descreve a fanfiction como um ato de “caça textual”, em que leitores tomam posse de narrativas tradicionais para recriar significados. Essa prática, que Hellekson e Busse (2014) definem como colaborativa, fomenta comunidades de coautoria onde autores e leitores constroem coletivamente narrativas que refletem suas experiências e aspirações.

A teoria de Iser (1980), em *The Act of Reading*, nos ajudou a compreender como a interação entre texto e leitor promove a construção de significados. Na *fanfiction*, os jovens LGBTQIAP+ não apenas consomem histórias, mas as recriam, validando suas identidades e experiências. Baym (2010), em *Personal Connections in the Digital Age*, destacou como as plataformas digitais criam comunidades de pertencimento, onde jovens *queer* podem explorar suas identidades de maneira segura e colaborativa.

Butler (1990), ao abordar a performatividade em *Gender trouble*, novamente ilumina a forma como as *fanfictions* subvertem normas culturais. A repetição estilizada de performances de gênero, comum nas narrativas desse gênero, não reforça as normas, mas as desafia, permitindo que autores e leitores reimaginem identidades. Pierre Lévy, em *Inteligência Coletiva* (1999), oferece um arcabouço teórico para entender como as comunidades digitais fortalecem essas práticas de criação colaborativa e transformam as interações culturais.

O capítulo 3 também aborda a *fanfiction* *All the Young Dudes*, uma obra de destaque no universo das *fanfictions*, especialmente no contexto LGBTQIAP+. Escrito por MsKingBean89 (2017), este texto reimagina o universo de Harry Potter a partir da perspectiva de Remus Lupin e suas relações com Sirius Black e outros personagens da saga. Dentro da análise do capítulo, essa *fanfiction* é um exemplo poderoso de como narrativas derivadas podem funcionar como espaços de resistência, exploração e validação para comunidades marginalizadas.

Subversão de Normas e Reconstrução de Narrativas

Dentro do viés teórico de Judith Butler (1990), *All the Young Dudes* exemplifica como a performatividade de gênero pode ser desafiada por meio da ficção. Na narrativa de MsKingBean89 (2017), Remus Lupin é apresentado como um jovem *queer*, lidando com sua sexualidade em um ambiente cheio de tensões sociais e emocionais. A *fanfiction* explora as complexidades de sua relação com Sirius Black, desafiando as normas heteronormativas que marcaram as representações desses personagens na obra original de J. K. Rowling.

Essa abordagem subverte o cânone ao não apenas sugerir, mas desenvolver relações homoafetivas em profundidade. Segundo Jenkins (2006), esse tipo de apropriação cultural é um ato político e criativo, permitindo que fãs tomem controle das narrativas de cultura popular para expressar suas próprias identidades e experiências.

Performatividade, Representatividade e Comunidade

O capítulo 3 analisa como *All the Young Dudes* utiliza a repetição estilizada das performances de gênero, descrita por Butler, para reconstruir as identidades dos personagens. A *fanfiction* não apenas desafia as expectativas sociais, mas também oferece aos leitores LGBTQIAP+ um espelho onde podem ver suas próprias vivências representadas. A relação entre Remus e Sirius é trabalhada com nuances, refletindo os desafios, as alegrias e as dores de crescer como um jovem *queer* em um ambiente conservador.

A obra também ilustra o que Certeau (1990) descreve como o papel ativo de leitores

na construção de significados. Em plataformas como *Archive of Our Own (AO3)*, onde *All the Young Dudes* alcançou imensa popularidade, os leitores não apenas consomem a história, mas também participam de sua criação por meio de *feedbacks*, teorias e discussões que enriquecem o texto. Essa interação reforça o sentido de comunidade e pertencimento entre autores e leitores *queer*.

A Narrativa como Ferramenta de Educação Sentimental

All the Young Dudes também se destaca como uma ferramenta de “educação sentimental”, conceito explorado por Blackburn e Clark (2011). Ao abordar temas como identidade, aceitação e amor em um contexto narrativo; a *fanfiction* convida seus leitores a se engajarem emocionalmente com as experiências dos personagens. Jovens *queer* que leem a história encontram nela um espaço de validação e reconhecimento, onde suas emoções e desafios são representados de maneira autêntica.

Além disso, a *fanfiction* reflete o que Lévy (1999) descreve como o potencial das comunidades digitais para moldar narrativas coletivamente. O impacto de *All the Young Dudes* vai além da página: ela gerou discussões profundas sobre representatividade, a importância de reimaginar personagens canônicos e como essas narrativas podem influenciar positivamente o desenvolvimento emocional e identitário dos leitores.

Dimensão Cultural e Literária

O capítulo 3 destaca como as *fanfictions* funcionam como um contraponto ao discurso normativo predominante nas narrativas tradicionais. Enquanto a obra original de J. K. Rowling construiu um mundo mágico de ampla aceitação, ela foi criticada por sua falta de diversidade explícita em termos de representações *queer*. A *fanfiction*, por outro lado, preenche essas lacunas, promovendo um espaço de resistência cultural onde vozes marginalizadas encontram um palco central.

Jenkins (2006b) enfatiza que essas narrativas não apenas complementam o cânone, mas o expandem, permitindo que os fãs explorem novos horizontes narrativos e representativos. A abordagem cuidadosa de MsKingBean89 (2017) para lidar com temas complexos de sexualidade e identidade ressoa com a teoria *queer* de Sedgwick (1990), que argumenta que as narrativas *queer* têm o poder de desconstruir normas culturais ao trazer à tona histórias e vivências que antes estavam nos bastidores.

Legado e Impacto

All the Young Dudes não é apenas uma história dentro do universo das *fanfictions*, mas um marco para a literatura *queer* contemporânea, dentro e fora dos espaços digitais. Sua popularidade e o impacto que teve na vida de seus leitores exemplificam como a *fanfiction* pode ser uma ferramenta de transformação cultural e pessoal. A narrativa mostra que o ato de reimaginar histórias canônicas é também um ato de afirmação, em que jovens *queer* não apenas encontram representação, mas também constroem um senso de pertencimento e validação.

Ao integrar *All the Young Dudes* à discussão do capítulo 3, reforça-se a ideia de que a *fanfiction* transcende o mero entretenimento. Ela é um veículo para explorar temas relevantes, desafiar normas culturais e criar espaços inclusivos onde identidades marginalizadas podem prosperar. Essa *fanfiction*, em particular, exemplifica como a cultura participativa, descrita por Jenkins, pode criar narrativas que ressoam profundamente com leitores e autores, transformando não apenas a forma como vemos os textos originais, mas também como entendemos a nós mesmos.

Assim, concluímos que esta pesquisa, com as narrativas que aborda, é um convite ao diálogo e à transformação. A *fanfiction* e a literatura marginal compartilham um objetivo comum: desafiar normas culturais e promover a diversidade. Essas práticas literárias, alicerçadas em teorias de autores como Butler (1990), Sedgwick (1985) e Jenkins (2006a, 2006b), revelam-se poderosos instrumentos de afirmação e resistência. Nas palavras de Blackburn e Clark (2011), a leitura dessas narrativas funciona como uma “educação sentimental”, promovendo empatia e autoconhecimento. A ciberliteratura e a literatura marginal, conforme discutido por Santos (2019), ampliam os horizontes da expressão literária, redefinindo o papel de leitores como um agente ativo na construção do texto. Essa transformação, que alia tecnologia e criatividade, desafia as noções tradicionais de autoria e leitura.

Assim, encerramos com a certeza de que esta pesquisa não é um ponto final, mas um começo, abrindo caminhos para novas investigações e debates. Que essas reflexões inspirem futuros estudos e fortaleçam a luta por um mundo mais inclusivo, onde todas as histórias possam ser contadas e ouvidas.

9. REFERÊNCIAS

AARSETH, Espen J. **Cybertext**: perspectives on ergodic literature. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

ABREU-AOKI, Raquel (org.). **Ecos de Capitu**. Belo Horizonte: Editora Abelhas, 2022. Disponível em: <https://anadigital.pro.br/wp-content/uploads/2022/04/Ecos-de-Capitu.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Um conceito de infopoesia**. *Online*, 2001. Disponível em: <https://www.pucsp.br/~cimid/4lit/antonio/infpoe.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia digital** – negociações com os processos digitais: teoria, história, antologias. São Paulo: Navegar Editora, 2010.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**: the new mestiza. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ARANHA, Gláucio. Narratologia e jogos eletrônicos. In: OSWALD, L. M. B.; PEREIRA, R. M. R. **Infância e juventude**: narrativas contemporâneas. Petrópolis: DP et Alii, p. 31-47, 2008.

ARAÚJO, Rafaela dos Santos. Pelos olhos de cigana oblíqua e dissimulada. In: ABREU-AOKI, Raquel (org.). **Ecos de Capitu**. Belo Horizonte: Editora Abelhas, 2022. p. 144-155. Disponível em: <https://anadigital.pro.br/wp-content/uploads/2022/04/Ecos-de-Capitu.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

AZEVEDO ALVARENGA, Claudia Helena. Uma constelação para a obra artística de Jocy de Oliveira. **Revista Vórtex**, [S. l.], v. 12, p. 1–38, 2024. DOI: 10.33871/vortex.2024.12.9225. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/vortex/article/view/9225>. Acesso em: 5 out. 2024.

BAYM, Nancy. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BENSOFF, Harry M.; GRIFFIN, Sean. **Queer images**: a history of gay and lesbian film in America. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glaucete Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BLACK, Rebecca W. **Adolescents and online fan fiction**. New York: Peter Lang, 2008.

BLACKBURN, Mollie; CLARK, Caroline. **Literacy research for political action and social change**. New York: Peter Lang, 2010.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

BOLTER, Jay David. **Writing Space – computers, hypertext and the remediation of print**. Second Edition, 2001.

BOOTH, Paul. **Digital Fandom**: new media studies. Oxford: Peter Lang, 2010.

BOOTH, Paul. **Playing fans**: negotiating fandom and media in the digital age. Iowa City: University of Iowa Press, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9610.html. Acesso em: 31 out. 2023.

BRODER, Michael. **Mensura Incognita**: queer kinship, camp aesthetics, and Juvenal's ninth satire. 2010. 351 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Graduate Faculty in Classics, City University of New York, 2010. Disponível em: https://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2738&context=gc_etds. Acesso em: 10 out. 2023.

BURY, Rhiannon. **Cyberspaces of their own**: female fandoms online. New York: Peter Lang, 2005.

BUSSE, Kristina; HELLEKSON, Karen. **The fan fiction studies reader**. Iowa City: University of Iowa Press, 2014.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1998.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. **Críticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer**. Barcelona: Icària editorial, 2002, p. 55 a 81.

CADAR, Júlia. Antelóquio à Dom Casmurro. In: ABREU-AOKI, Raquel (org.). **Ecos de Capitu**. Belo Horizonte: Editora Abelhas, 2022. p. 41-48. Disponível em: <https://anadigital.pro.br/wp-content/uploads/2022/04/Ecos-de-Capitu.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CADAR, Júlia. Prometida. In: ABREU-AOKI, Raquel (org.). **Ecos de Capitu**. Belo Horizonte: Editora Abelhas, 2022. p. 49-61. Disponível em: <https://anadigital.pro.br/wp-content/uploads/2022/04/Ecos-de-Capitu.pdf>. Acesso em: 2 jul.

2024.

CAMPBELL, Joseph. **The mythic image**. New Jersey: Princeton, 1974.

CARNEIRO, Sueli. Temas caros aos direitos humanos na crônica de Cidinha da Silva. Prefácio. In: SILVA, Cidinha da. **#Parem de nos matar!**. São Paulo: Ijuma, 2016.

CARNEIRO, Vinícius Gonçalves. Reflexões quanto à literatura marginal brasileira: comparando Ferréz a sua tradição literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 50, p. 254–276, jan. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, Gilmar Vieira. **Educação cristã: uma jornada para toda a vida**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.

CHETTY, Krish *et al.* Bridging the digital divide: measuring digital literacy. Economics: the open-Access. **Open-Assessment E-Journal**, 12, mar. 2018, p. 1–20. Disponível em: <https://doi.org/10.5018/economics-ejournal.ja.2018-23>. Acesso em: 10 out. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

DE KOSNIK, Rogue. Archives: digital cultural memory and media fandom. **Paul Booth Technology and Culture**, v. 58, n. 4, Oct. 2017.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction**. Indiana: Indiana University Press, 1991.

DRISCOLL, Catherine. **Teen film: a critical introduction**. New York: Berg, 2006.

DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Tradução: André Telles e Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

DUNBAR, Robin. **Grooming, gossip, and the evolution of language**. Harvard: Harvard University Press, 1998.

FERREIRA, Denize Leite. A arte de contar e ler histórias na educação infantil. **Revista Científica FESA**, v. 1, n. 7, p. 25-43, ago. 2021. ISSN: 2676-0428

FERRÉZ. Terrorismo literário. **Caros amigos. Literatura marginal: a cultura da periferia – ato II**. São Paulo: Caros Amigos, 2002. Disponível em: <http://litnomedio.blogspot.com.br/p/ferrez-na-caros-amigos.html>. Acesso em: 2 out. 2023.

FISKE, John. **Understanding Popular Culture**. London: Routledge, 1992.

FOUCAULT, Michel. **The History of sexuality – Volume 1: an introduction**. New York: Pantheon Books, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALÉ, Pedro Fernandes. Febre do rato: por uma poiesis marginal. *In: VACCARI, U. R. et al. Cinesofia: a sétima arte em devaneio*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022.

GALLO, Carmine. **Five stars: the communication secrets to get from good to great**. New York: St. Martin's Griffin Edition, 2019.

GEE, James Paul. **What video games have to teach us about learning and literacy**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. São Paulo: É Realizações, 2009.

GWENLLIAN-JONES, Sara. Fan/Celebrity/Fiction: Recovering the Fantext. *In: HARRIS, Cheryl; ALEXANDER, Alison (orgs.). Theorizing fandom: fans, subculture and identity*. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2004.

HALL, Donald E. **Queer theories**. London: Palgrave Macmillan, 2003.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage/Open University, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALPERIN, D. M. **Saint Foucault: towards a gay hagiography**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991.

HAYLES, N. Katherine. **Electronic literature: new horizons for the literary**. Indiana: University of Notre Dame Press, 2008.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina. **The fan fiction studies reader**. Iowa City: University of Iowa Press, 2014.

HILLS, Matt. **Fan cultures**. London: Routledge, 2002.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução: Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

IRIGARAY, Luce. **Espelho de mulher**. Tradução: A.B.C. São Paulo: XYZ Editora, 1994a.

IRIGARAY, Luce. **Esse sexo que não é só um sexo**. Tradução: Maria Lúcia Cacciola. Rio de

Janeiro: Rocco, 1994b.

ISER, Wolfgang. **The act of reading**: a theory of aesthetic response. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980.

JENKINS, Henry. **Textual poachers**: television fans and participatory culture. London: Routledge, 1992.

JENKINS, Henry. **Fans, bloggers, and gamers**: exploring participatory culture. New York: NYU Press, 2006a.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**: where old and new media collide. New York: NYU Press, 2006b.

KOSOFSKY SEDGWICK, Eve. **Between men**: English Literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LANDOW, George P. **Hypertext 3.0**: critical theory and new media in an era of globalization. London: The Johns Hopkins University Press, 2006.

LESSIG, Lawrence. **Remix**: making art and commerce thrive in the hybrid economy. New York: Penguin Press, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cyberculture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

LIU, Qigui; GCORA, Nozibele; JOSIE, Jaya; WENWEI, Li; FANG, Chen. Bridging the digital divide: measuring digital literacy. **Economics**: Journal Articles, De Gruyter, 2017. Disponível em: <https://www.degruyter.com/journal/key/ECON/html>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LOTHIAN, Alexis. **Old Futures**: speculative fiction and *queer* possibility. New York: NYU Press, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho** – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARSANS-SAKLY, Silvia. Geographies of vengeance: orientalism in Alexandre Dumas' The Count of Monte Cristo. **The Journal of North African Studies**, v. 24, n. 5, p. 738-757, 2018.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Tradução: Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2017.

MELO e CASTRO, Ernesto Manuel de. **Poética dos meios e arte high tech**. Lisboa: Vega, 1988.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do

século XIX. São Paulo: Annablume, 2013.

MSKingBean89. **All the Young Dudes**. Part 1. 2017. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/10057010/chapters/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MSKingBean89. **All the Young Dudes** (tradução). Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/all-the-young-dudes-traducao-24075642>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

OLIVEIRA, Jocy de. **O 3º Mundo**. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

OLIVEIRA, Jocy de. **Apague meu spot light**. São Paulo: Massao Ohno, 1961.

OLIVEIRA, Jocy de. **Days and routes through maps and scores**. Rio de Janeiro: Editora Record, Língua Press, EUA, 1983.

OLIVEIRA, Jocy de. **Inori à prostituta sagrada**. Rio de Janeiro: Spectra Produções, 1993.

OLIVEIRA, Jocy de. **Diálogo com cartas**. São Paulo: SESI-SP, 2015a.

OLIVEIRA, Jocy de. **Dialogue avec mes lettres**. Paris: Honoré Champion, 2015b.

OLIVEIRA, Jocy de. **Who cares if she cries**. Compositora: Jocy de Oliveira. Orquestra Acadêmica do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão. Regente: Roberto Minczuk. Soprano: Gabriela Geluda. São Paulo: Sala São Paulo, 29 jul. 2010. 1 vídeo (10min 38s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7C95MJKzd6o>. Acesso em: 23 out. 2024.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O Guia completo do storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2016. Disponível em: https://altabooks.com.br/wp-content/uploads/2021/07/capitulo_de_amostra_Storytelling-1-1.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.

PRENSKY, Mark. Digital natives, digital immigrants – Part 1. **On the Horizon**, v. 9 n. 5, p. 1-6, Sep./Oct. 2001. Doi: 10.1108/10748120110424816.

PUGH, Sheenagh. **The democratic genre**: fan fiction in a literary context. Bridgend: Seren Books, 2005.

PUGH, Tison. *Queering Harry Potter*. In: JONES, Sara Gwenllian; MACHIN, Roberta E. **The influence of Harry Potter on social issues**. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

ROSENBLATT, Louise M. **The reader, the text, the poem**: the transactional theory of the literary work. Illinois: Southern Illinois University Press, 1978.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Rayna R. (ed.), **Toward an anthropology of women**. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

RUSSO, Vito. **The celluloid closet**: homosexuality in the movies. New York: Harper & Row, 1981.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. **Leituras de nós**: ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. **Literatura e Digital**: estudos para o século 21. Florianópolis: UFSC, 2005.

SANTOS, Ariele Soares dos. Capitolas. In: ABREU-AOKI, Raquel (org.). **Ecos de Capitu**. Belo Horizonte: Editora Abelhas, 2022. p. 62-70. Disponível em: <https://anadigital.pro.br/wp-content/uploads/2022/04/Ecos-de-Capitu.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men**: English Literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 2003.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Tradução: Ana R. Luís e Fernando Matos Oliveira. Portugal: Angelus Novus, 2003.

SINFIELD, Alan. **The Wilde Century**: effeminacy, Oscar Wilde and the queer moment. New York: Columbia University Press, 1994.

SILVA, Cidinha da. **Racismo no Brasil e afetos correlatos**. São Paulo: Conversê Edições, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). **Marxism and the interpretation of culture**. London: Macmillan, 1988.

TORRES, Rui. **Poemas no meio do caminho**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2011. Disponível em: <https://telepoesis.net/caminho/poemasnomeiodocaminho.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

TUSHNET, Rebecca. Copy this essay: how fair use doctrine harms free speech and how copying serves it. **Yale Law Journal**, v. 114, n. 3, dec. 2004.

VOGLER, Christopher. **The writer's journey** – Mythic structure for writers. 3rd ed. Los Angeles: Michael Wiese Productions, 2007.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução: Paulo Schiller. Nova York: Penguin-Companhia, 2012.

WILDE, Oscar. **The Importance of Being Earnest**. New York: Read & Co. Classics, 2018.

XAVIER, Carolina Schulz. **Leitores e escritores de fanfics de Harry Potter**: uma observação através do site fanfiction.net. 2015. 80 f. Monografia (Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.